

ROSA MARIA BARROS LOPES

VALDOSENDE

ORIGEM DE UMA MINORIA PROTESTANTE

Dissertação de Mestrado em História
Contemporânea a apresentar à Faculdade de
Letras da Universidade do Porto (Seminário
de Minorias Religiosas e de Pensamento)

PORTO

2001

VALDOSENDE, ORIGEM DE UMA MINORIA PROTESTANTE

NOTA PRÉVIA

Este trabalho iniciado no Seminário de Minorias Religiosas e de Pensamento, sob direcção do Professor Doutor João Marques, no âmbito do Mestrado em História Contemporânea, do ano lectivo de 1998/99, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, contou com preciosas colaborações de diversas pessoas e entidades. A todos se deixa um profundo agradecimento, nomeadamente à Igreja Evangélica Metodista, através do rev Jorge Barros, rev Ireneu Cunha, rev Sifredo Teixeira, rev Eduardo Meixieira e do pastor Dinis. Agradece-se igualmente a Marina Lopes, a Maria Arminda Mota, ao Dr. José Neves Gonçalves, à pastora Miriam Lopes, ao P. Alberto Gonçalves, ao Cónego Eduardo de Melo Peixoto, a Maximino Guedes, a Maria da Conceição Pereira, a Joaquim Armindo Pinto de Almeida, ao P. Mário de Oliveira, a Albina Figueiredo, a Almena Araújo, ao Professor François Guichard, à Dr^a Helena Vilaça, ao José Carlos do Jornal de Notícias e a Manuela Guedes da EDALPRO.

De forma especial, deixo o meu agradecimento ao Professor Doutor João Marques pelo profissionalismo e rigor da orientação dada a este trabalho. Como intelectual e pedagogo é sobejamente conhecido, contudo, reconhecem-se com afeição as suas excelentes qualidades humanas, salientando-se a sua simpatia e disponibilidade para rever os mais ínfimos pormenores deste trabalho.

Por último, mas não menos importante, foi o apoio e o interesse de familiares e amigos. Agradeço à Margarida todas as qualidades de grande amiga e o facto de praticamente me ter inscrito neste mestrado que tanta realização e satisfação me tem dado. Ao Manuel pela segurança transmitida. À mãe Ana e ao pai Victor pela presença firme. Também a Ana Isabel, o Vitor, a Eduarda, a Elisabete, a Rosa Maria, a Luz, o Piero, a Lurdes, a Imelda, o Nuno, a Helena, a Adelaide, a Margarida, o Miguel, a Glória, a Teresa, o Rui, a Daniela, a Marina e a Iris merecem um agradecimento pela amizade e compreensão que evidenciaram ao longo do desenvolvimento deste projecto. A todos MUITO OBRIGADA.

INTRODUÇÃO

Nos finais da década de sessenta, no decurso de um conflito com o pároco, o lugar de Assento da freguesia de Valdosende, da arquidiocese de Braga, contactou uma igreja protestante para lhe prestar assistência religiosa. Queixando-se de abandono religioso, a sua população recorreu ao Paço diocesano de Braga, escreveu ao arcebispo primaz, ao Cardeal Patriarca de Lisboa, e ao próprio Papa Paulo VI. Como não obteve respostas satisfatórias, acabou por contactar a comunidade metodista de Braga e, em Outubro de 1971, quase uma centena de pessoas fez a sua profissão de fé protestante.

Valdosende é uma das freguesias do concelho de Terras de Bouro, no distrito de Braga, situada na província do Minho e pertencente ao arciprestado de Amares. Enquadra-se nas serranias do Gerês e é atravessada pelo rio Cávado. Numa região isolada e com o relevo muito acidentado, caracterizava-se pela prática de uma agricultura rudimentar à qual se juntava a actividade pastoril. Quando ocorreu este conflito, a maioria dos seus habitantes era constituída por rendeiros agrícolas, mas, não existiam muitas terras aptas para o cultivo, e as poucas existentes estavam nas mãos de um reduzido número de proprietários. Desde havia muito, que as parcelas pouco produtivas obrigavam os homens a emigrar sendo, ao longo do século XX, destino da maioria o Brasil, os Estados Unidos, a França, a Alemanha e o Luxemburgo.

A população que, ao longo da década de sessenta, evidenciava uma presença de mulheres ligeiramente superior à dos homens¹, praticava o catolicismo. A freguesia era constituída por quatro núcleos populacionais relativamente afastados: Paradela, Vilar a Monte, Vilarinho e Assento ou também chamado Valdosende, por ser considerado pelos locais o núcleo originário da aldeia e onde, de resto, se encontravam os sítios sagrados da freguesia: a igreja e o cemitério. O conflito dera-se, porque o pároco e a maioria dos habitantes decidiram, nos finais da década de 60, construir uma nova igreja, residência paroquial e cemitério no centro geográfico da freguesia, num local quase ermo, designado por Chamadouro. Como a igreja paroquial distava alguns quilómetros dos restantes lugares, o pároco, com o apoio da maioria dos habitantes de Paradela, Vilar a Monte e Vilarinho, decidiu efectuar as referidas mudanças. Os residentes em Assento ou

¹ Censos de 1970.

Valdosende, que pretendiam a manutenção da igreja e dos serviços religiosos, acabaram por ficar em minoria e, não satisfeitos, contactaram a Igreja Evangélica Metodista que, a partir de 1971, iniciou, na localidade, a implantação de uma comunidade dinâmica que desempenha actualmente um papel relevante na região envolvente.

O fenómeno é curioso uma vez que ocorre no distrito mais católico do continente. Em 1994, cerca de 89% da população do distrito de Braga praticava o catolicismo,² Valdosende distava cerca de trinta e cinco quilómetros do centro da diocese, também conhecida pela Roma de Portugal, e escassos 5 Km de São Bento da Porta Aberta, um dos maiores santuários católicos portugueses.

Por outro lado, Valdosende insere-se numa região rural, isolada, bastante afastada do litoral. De notar que a difusão geográfica do protestantismo, em países de maioria católica, passa por uma presença preferencial em núcleos próximos de zonas portuárias e nos centros urbanos, locais de chegada e de partida, com fábricas, com operários ou com mineiros de diversas origens, áreas com maior densidade populacional, mais cosmopolitas e mais tolerantes.³ Neste caso há uma implantação espacial ultra-periférica, pois Valdosende situa-se numa região serrana do extremo Norte de Portugal, o que, no entanto, não constitui uma novidade na história do protestantismo em países latinos. Ocorreu, por exemplo, em Pachino na Sicília, em Santo António da Serra na Madeira, nos anos de 1830-40⁴, vindo a repetir-se agora nas serras do Gerês três anos antes da revolução de Abril de 1974, num momento particular da História do país.

Aqui, os factores espaço e tempo são curiosos, mas uma reflexão mais profunda coloca-nos perante algumas dúvidas. A mudança de religião acontece em 1971, só nessa altura foi possível? Que circunstâncias acompanham este caso? De que forma foi afectado pelo desenvolvimento de aspectos de natureza económica, política, sociológica e religiosa da época? Até que ponto o perfil das pessoas que nele estiveram envolvidas foi determinante no rumo que tomou? Começando por ser um conflito entre um pároco católico e uma parte dos seus fregueses, conflitos destes ocorrem com frequência em Portugal, porque teve semelhante diferendo este desfecho? Só ao longo de 1998 e 1999, o período que coincide com o início desta investigação, os jornais e a televisão deram-

² Mário ROBALO cit. por João MARQUES, *Reacção da Maioria Católica Face à Minoria Protestante em Portugal*, Gaia de há Cem anos, Colóquio Comemorativo do Centenário da Igreja do Torne, 1995, p. 167.

³ Ver François, GUICHARD, *Mieux Connaître les Protestants Portugais* in "L'Étoile du Matin", n.º 293, p. 21.

⁴ François, GUICHARD, op. cit., p. 21.

nos conta de bastantes conflitos locais de índole religiosa. Logo em Janeiro de 1998, os populares de Vila Chã, Esposende, boicotaram a celebração da missa, acusando o padre de só pedir dinheiro para as obras da igreja, de ter interrompido as actividades da banda de música, de extinguir os escuteiros, de negar a comunhão, de dividir as famílias, de acabar com as festas, de ingerência nos assuntos autárquicos, de fomentar uma força partidária. Enfim, de misturar política com religião. Ainda em Janeiro de 1998, a população de Bruçô, Mogadouro, exige a expulsão do pároco que, tendo a seu cargo mais que uma paróquia, prometera realizar alternadamente a missa do galo nas diferentes paróquias e acabara, no entanto, por não o fazer. Também foi acusado de “não dar doutrina às crianças” e de fazer homilias curtas. Regista-se igualmente agitação em Pedrogão Grande, diocese de Coimbra, pois a população discordou da transferência do seu pároco, que, apesar de ter uma filha, consideravam competente e amigo da comunidade, discordando inteiramente das decisões das autoridades diocesanas. Já em 1999, em Vilares da Vilariça, Alfândega da Fé, exige-se numa concentração encabeçada pelo presidente da junta, o afastamento do Padre Hermínio Ferreira por, como gestor do centro de social e paroquial, não prestar contas à população, por usar linguagem imprópria e por insultar as raparigas no confessionário. Acusam-no de ter exonerado a direcção do referido centro paroquial que considerava ignorante e de, contrariando todas as regras, celebrar um protocolo com a Santa Casa da Misericórdia numa clara atitude partidista uma vez que o provedor era também mandatário da comissão concelhia de um partido político. O bispo de Bragança, D. Rafael, acabou por ordenar a substituição do pároco. Também em Abril de 1999, a freguesia de Serreleis, em Viana do Castelo, decide em referendo a questão que divide o pároco e o presidente da junta quanto à construção de um ringue desportivo junto ao salão paroquial e perto da igreja. Decidiu-se então, tal como o pároco pretendia, pela não construção dessa infra-estrutura desportiva que, naquele local, perturbaria a docência da catequese. Em Maio, na freguesia de Bendada, concelho de Sabugal, a população e o pároco desentenderam-se por causa da instalação de uma antena de um operador de telemóveis. Os populares acusaram o pároco da autoria de uma carta enviada ao Instituto Português do Património Arquitectónico, que estaria na origem da suspensão da instalação da referida antena num monte sobranceiro à aldeia e com vestígios arqueológicos. Por causa dessa polémica, a população boicotou a missa do Padre Manuel Janela e exigiu que abandonasse a paróquia. Em contrapartida, em Setembro de 1999, a população de Santo

Estevão de Barrosas, Lousada, une-se numa manifestação de apoio ao seu pároco que entrara em litígio com um empresário local. Este explorava uma unidade de turismo rural situada junto à igreja e usava como via de acesso um caminho que o P. Fonseca Lemos garantia pertencer à casa paroquial. Por seu turno, a população indignava-se pelo facto dos túmulos dos seus antepassados serem pisados pelos veículos que se dirigiam à quinta por isso solidarizaram-se com o padre. Em Macieira, concelho de Sernancelhe, diocese de Lamego, o pároco ameaçou abandonar a paróquia se a “cruz do amor” continuasse a dividir a população da aldeia. O padre, que inicialmente apadrinhara a iniciativa de um ex-emigrante ao instalar a cruz luminosa na terra, recusara-se, entretanto, a benzê-la por anunciar o fim do mundo para aqueles que não a tivessem e não a venerassem. Desaprovada pelas autoridades religiosas, era também alvo de contestação de uma parte da população.

Em suma, sempre que antigos privilégios são postos em causa, ou se introduzem novidades no quotidiano da paróquia, ou ocorrem interferências do poder eclesiástico no poder laico, ou vice-versa, as desinteligências estalam e os acontecimentos desenrolam-se de forma vertiginosa e muitas vezes imprevisível. Há conflitos que se prendem com questões de ordem doutrinária, outros que se ligam a questões pessoais, uns assumem um cariz político, alguns relacionam-se com a ruptura das tradições e, não poucos, são fruto de alterações ritualistas. Fazer, porém, uma tipologia destas situações torna-se extremamente complicado, não só pela diversidade e elevado número como até pelo entrelaçar de múltiplas razões vindas ao de cima ao longo do seu desenvolvimento.

Contudo, em Valdosende ocorreu mesmo uma ruptura de cariz religioso. Aqui se procurará analisar a origem e as circunstâncias da cisão naquela aldeia profundamente tradicionalista, o despontar e enraizamento da Igreja Evangélica Metodista em Valdosende, traçando o perfil dos fundadores, o contexto de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, a observação das formas de convivência local entre uma maioria católica e uma minoria protestante.

Com o estudo do caso de Valdosende, talvez se possa conhecer melhor a evolução do protestantismo no nosso país e entender as formas de relacionamento entre maiorias e minorias. Mas este é, evidentemente, um “estudo de caso” muito restrito em termos de campo de trabalho e de duração. Desenvolve-se no âmbito da micro-história, procurando captar a “vida real”, expressão que, apesar da ambiguidade, não secundariza

alguns perigos da longa duração: “gerar uma abstracta, homogeneizada história social, desprovida de carne e de sangue, e não convincente apesar do seu estatuto científico”⁵. Há, como se compreende, muitos pormenores sobre pessoas, acontecimentos e locais. A selecção da informação é difícil e arriscada pois, com efeito, ao âmbito limitado do objecto em estudo, junta-se a circunstância de o distanciamento temporal em relação ao sucedido ser ainda pequena.

Procedemos, portanto, a uma recolha de bibliografia sobre este “caso” e tentamos fazer com rigor a respectiva crítica externa e interna. Encontrou-se uma publicação do Seminário Conciliar de Braga, concretamente uma separata das edições Cenáculo, de 1972, intitulada: *O Caso de Valdosende*. Ao nível da imprensa periódica, como o assunto foi polémico na época, aparecem-nos artigos no *Jornal de Notícias*, na *Vida Mundial*, no *Actualidades*, no *Diário do Minho* e no *Correio do Minho* tal como no *Portugal Evangélico* e no *Expositor Cristão*. A publicação das edições Cenáculo forneceu pistas de trabalho importantes porque, como não obtivemos autorização para consultar a documentação de Valdosende no Paço Episcopal de Braga assim, indirectamente, tomamos conhecimento de algumas partes da mesma. O trabalho foi feito por alunos do Seminário Conciliar de Braga, obviamente ligados à hierarquia católica: Nuno Quesado, Manuel Afonso, José Manuel e Antonino Dias. Nesta publicação, fazem um breve historial deste caso com base na consulta e citação parcial da documentação pertencente ao processo de Valdosende e condenam a atitude dos habitantes do lugar de Assento por se oporem a uma decisão que consideram justa e satisfatória para a maioria da população. Apresentam entrevistas feitas a populares dos diversos lugares e também uma entrevista feita ao Pró-Vigário Geral da época: o cônego Carlos Pinheiro.

A imprensa periódica consultada também fornece elementos importantes. Contudo, deparamos com artigos de um cariz sensacionalista, noutros casos, como alguns de seus autores estiveram ligados aos sectores políticos, reflectem pontos de vista baseados em convicções pessoais. Há também outros que claramente se identificam com uma das facções envolvidas. Alguns foram escritos no calor do conflito e por isso pecam pela falta de isenção, embora paralelamente, forneçam um retracto nítido das tensões do momento.

⁵ S.E.Kaplan, Bread, *Politics and Political Economy in the Reign of Louis XV*, Haia, 1976, pp. XX-XXI in “A Micro-História e outros Ensaios”, p 171.

Como o conflito teve início há trinta anos, ainda foi possível entrevistar protagonistas e testemunhas directas. E, se hoje os depoimentos já não são tão acesos como os que se registaram naquela época, quando neles se introduzem elementos que conduziram à discórdia, as expressões ainda são de revolta e de firmeza na defesa dos respectivos pontos de vista, sobretudo da parte dos entrevistados com mais idade apesar de hoje todos conviverem pacificamente e até reconhecerem os aspectos positivos das partes envolvidas.

A Igreja Evangélica Metodista, de clara expressão minoritária em Portugal, permitiu o acesso à documentação relativa ao assunto, nomeadamente: actas da Junta Paroquial, Livros de Estatística, relatórios, registos de baptismo e de casamento. Também nos foram facultados documentos, fotografias, gravações vídeo e registos pessoais dos fundadores do Metodismo em Valdosende. Não deixa de ser interessante a observação da quantidade e da minúcia dos registos da Igreja Evangélica. As suas anotações são diversificadas e a atitude de abertura em relação à consulta de documentação é notória. Se abundam os documentos oficiais, também são inúmeros os registos de carácter pessoal que, embora dispersos, foram facultados por familiares e amigos dos fundadores, de uma forma colaborante e extremamente receptiva. Existem ainda duas reportagens televisivas de 1982 mostrando as obras sociais da Igreja Evangélica Metodista em Valdosende e reportagens na revista *Visão*, em 1993, no jornal *Fraternizar*, em 1991, no *Jornal de Notícias*, em 1999, e no programa *A Loja do Cidadão*, da R.T.P.1, também em 1999. Algumas destas notícias apresentam com frequência dados incorrectos. De qualquer modo, só o facto da imprensa se interessar tão amiúde por Valdosende, prova a singularidade e o impacto da ruptura que aí se operou.

O *corpus documental* sendo amplo e diverso, exigiria as metodologias de trabalho variadas: desde a observação e tratamento documental, até ao recurso a métodos comparativos e à própria observação directa experimentada “in loco”. Houve, por isso, um trabalho de selecção e de tratamento documental que criou a consciência de, por razões de ordem prática, deixar de lado pistas que não estão directamente relacionadas com os objectivos deste estudo, mas que poderão ser ricas para outras abordagens tal como a constatação da ocorrência de vazios documentais a não permitir a exploração de alguns aspectos relevantes.

Dificuldade evidente do recurso a uma metodologia de trabalho híbrida, foi o confronto da complexidade das relações sociais verificadas no terreno com o carácter unilateral das fontes escritas. Mas, como o campo de investigação é relativamente circunscrito, talvez se possa fazer uma maior aproximação da “realidade vivida”. O caso inicia-se nos finais da década de sessenta e desenvolve-se ao longo da de setenta numa pequena aldeia do Minho que, de acordo com os censos de 1970, contava apenas com 445 homens e 450 mulheres, no que respeita à população residente⁶. Não poderá este ser classificado como “caso marginal”, pouco significativo, visto que o número de pessoas envolvidas é muito reduzido? Se, como verificou T. Kuhn, os casos marginais põem em causa o velho paradigma ajudando a fundar um novo, então este terá algum interesse. Apresenta, no entanto, indícios de realidades pouco evidentes e a sua reconstituição nem sempre é fácil não só pela natureza do objecto como também pelo tipo de documentação que apresenta. A diversificação de metodologias parece adequar-se a essa necessidade de captar as pulsações deste tipo de fenómenos minoritários ou marginais. Como “a vida do Homem através do tempo” se desenvolve em sistemas complexos, as formas de observação também são, neste caso concreto, múltiplas. O objectivo básico é o da obtenção da máxima aproximação da realidade vivida em Valdosende.

Ao efectuarmos o estudo deste fenómeno usaremos frequentemente a palavra “caso”, passando a falar-se do “Caso de Valdosende”. A utilização da palavra “caso” já gerou polémica, em 1972, quando foi editado o trabalho das Edições Cenáculo intitulado precisamente *O Caso de Valdosende*. Nessa altura, os evangélicos criticaram-no por considerarem que em Valdosende nada fora fruto do acaso. Efectivamente, “caso” vem do latim “casu” que, na etimologia remete para “acontecimento fortuito”, embora no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, José Pedro Machado, grande autoridade em lexicografia da língua portuguesa, aponte duas entradas, que correspondem a duas palavras “caso”:

- 1- O sentido actual que mantém o valor etimológico,
- 2- O sentido de “motivo”, proveniente de uma “falsa etimologia”, de uma corrupção da palavra “causa”, devido à semelhança quer gráfica, quer fónica. Portanto, “causa” e “caso” seriam palavras parónimas (parecidas na grafia e no som) e, por este motivo, o uso fez com que surgisse um novo valor de “caso” igual ao valor de “causa”.

⁶ I.N.E, *Censos de 1970*.

Em suma, etimologicamente “caso” nada tem a ver com “causa” e portanto “caso” será mesmo equivalente a “algo que acontece por acaso”, porém, o significado que as palavras têm não se baseia só na sua etimologia. E a verdade é que, devido ao uso que fizemos da palavra, ela tem hoje um significado equivalente ao de “causa”, “motivo”, confirmado aliás por frases cristalizadas como “É caso para pensar duas vezes”. O filósofo Wittgenstein, uma autoridade em matéria de significado, diz algo como “o significado de uma palavra é o uso que fazemos dela”. Nesta linha retomamos a palavra “caso”, procurando inclusivamente determinar os motivos que conduziram ao desenvolvimento da comunidade metodista de Valdosende tendo em conta tudo o que lá ocorreu.

O caso de Valdosende, que na verdade é o caso de Assento, iniciou-se nos finais da década de sessenta e culminou com a fundação de uma comunidade evangélica metodista em 1971. Em Outubro desse ano, um número de 98⁷ católicos do lugar de Assento fizeram a sua profissão de fé num culto evangélico, numa eira e com a presença do superintendente da Igreja Metodista em Portugal, Rev. Albert Aspey. Para o entendimento da origem da cisão religiosa verificada, é necessário conhecer o contexto geográfico, económico, social e a vivência religiosa daquele povo. Em Portugal, nos finais da década de sessenta, viviam-se tempos difíceis: uma economia atrasada, profundamente ruralizada, uma população desgastada pelas guerras coloniais, com um nível cultural baixo que desejava encontrar fora de Portugal melhores condições de vida. Surgiu, porém, um clima de expectativa, pois a “Primavera Marcelista” trouxera promessas de abertura e de mudança. Se anteriormente se corporizara a aliança Estado/Igreja por meio da amizade existente entre António Oliveira Salazar e D. Manuel Gonçalves Cerejeira, essa vinculação começou a perder força com a doença de Salazar, que se viu afastado vindo a falecer em 1970 e com a resignação do Cardeal Cerejeira, em 1971, aceite pela a Santa Sé. A sucessão de Salazar por Marcello Caetano, embora criasse expectativas nos sectores mais liberais, gerava desconfianças na ortodoxia do regime.

Em 1969, a tentativa de fazer das eleições legislativas um plebiscito em torno de Caetano saldara-se num relativo fracasso. Apesar dos tentativas de inovação na

⁷ Este é o número que consta do memorando que a igreja evangélica metodista colocou junto à pedra angular da capela metodista de Valdosende. No entanto, alguns jornais da época, incluindo o “*Portugal Evangélico*” e o livro de registo de membros da Igreja Evangélica Metodista de Valdosende, referem apenas 86.

economia, na sociedade e na educação, a reeleição de Américo Tomás mantinha o status quo político. O impasse das guerras coloniais persistia, contribuindo para o descontentamento das forças armadas e o afastamento progressivo de algumas personalidades católicas apoiantes deste regime que começou a entrar em agonia⁸. Em 1964, o Papa Paulo VI visitara Bombaim e, apesar da sua vinda a Fátima em 1967, acentuam-se as desconfianças e o descontentamento do governo português em relação à Santa Sé. Em Julho de 1969, o governo de Marcello Caetano pôs fim ao exílio do bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, que regressou após dez anos de ausência à sua diocese, mas, em Julho de 1970, o Papa recebe os líderes dos três movimentos para libertação das colónias portuguesas: Agostinho Neto, Marcelino dos Santos e Amílcar Cabral. Já antes, no dia 10 de Março, o Cardeal Agostino Casaroli, “por cortesia”, chamara o embaixador de Portugal na Santa Sé para comunicar a nomeação, no dia imediato, do primeiro bispo negro da “África Portuguesa”: o P. Eduardo André Muaca, como bispo auxiliar de Luanda. Depois do Concílio do Vaticano II, o governo português constatava que não podia contar com a concordância doutrinal e o apoio internacional da Santa Sé às posições portuguesas. Paralelamente havia muitos católicos que reivindicavam uma maior aproximação aos não católicos portugueses e liberdade de participação nos movimentos sociais autónomos do catolicismo.

Ainda em 1971, foi aprovada a Lei da Liberdade Religiosa que, embora não chegasse a cumprir-se por inteiro antes do 25 de Abril de 1974, permitia a legalização de qualquer grupo de cinco mil cidadãos como grupo religioso ou como Igreja, passando a desfrutar dos direitos e garantias fundamentais, como a liberdade de culto, de reunião e de proselitismo. No fundo, as iniciativas que neste âmbito tomavam essas igrejas confessionais, apenas deixavam de estar sujeitas a autorizações administrativas. A propósito, o historiador Matos Ferreira acentua: “apesar do reconhecimento da liberdade religiosa pelo regime político, como forma de enquadramento das várias correntes religiosas que faziam sentir a sua presença na sociedade portuguesa, os contornos dessa liberdade excluía o questionamento da política governativa, particularmente sobre a questão colonial. Fora precisamente esta questão que acelerara a politização de muitos

⁸ Ver António Reis in *Portugal Contemporâneo*. Lisboa, Publ. Alfa, vol V, 1989, pp 45- 60.

sectores católicos no final dos anos 60 e inícios dos anos 70”⁹. Era também notório, nesta fase, um certo adormecimento dos serviços de censura. A avaliar pelo tom e conteúdo de artigos e notícias vindas a público, as atitudes de crítica em relação à situação do país, nomeadamente no que respeitante às guerras coloniais, eram mais evidentes. Estava em emergência, como diz o referido historiador, “um paradigma de pluralismo enquanto forma de entender o desenvolvimento da sociedade”.

Santa Marinha de Valdosende, na verdade, era apenas uma aldeia perdida do Norte de Portugal, localizada nas serranias do Gerês, a 25 Km da fronteira com Espanha, pertencente ao Concelho de Terras de Bouro, no distrito de Braga. A povoação era constituída pelos lugares de Assento, Naval Velho, Paradela, Perdizes, Vilar a Monte e Vilarinho¹⁰. Existiam no entanto, como já se viu, quatro núcleos de concentração populacional: Assento, Paradela, Vilar a Monte e Vilarinho. Ao lugar de Assento chama-se também Valdosende, o nome da própria freguesia, por de acordo com a tradição oral ter nascido ali a povoação. A estrada nacional 308 (Braga – Gerês) segue aí um traçado praticamente paralelo ao rio. Valdosende situava-se a uma distância de 5 Km de São Bento da Porta Aberta, de 6 da vila do Gerês, de 12 Km de Nossa Sr.^a da Abadia, de 27 da sede do concelho, de 35 Km de Braga e aproximadamente 100 do Porto.

Em meados do século XVIII, era assim que as memórias paroquiais a descreviam: “Está esta freguesia situada em a baixa de hua serra e nella e no seu distrito tem muitos altos e baixos costa aspera, acaba nas margens do rio Cavado, o que pello seu curso arrebatado a faz despenhada; desta freguesia se descobre da outra parte do Rio quasi ou maior parte da Ribeira de Soás, por estar situada nas margens do mesmo, que também a faz dependurada e com pouca planície...”¹¹

Ver mapa do concelho de Terras de Bouro.

⁹ A. Matos FERREIRA, «Catolicismo», in *Dicionário de História de Portugal*. Porto, Livraria Figueirinhas, vol. VII, p. 268.

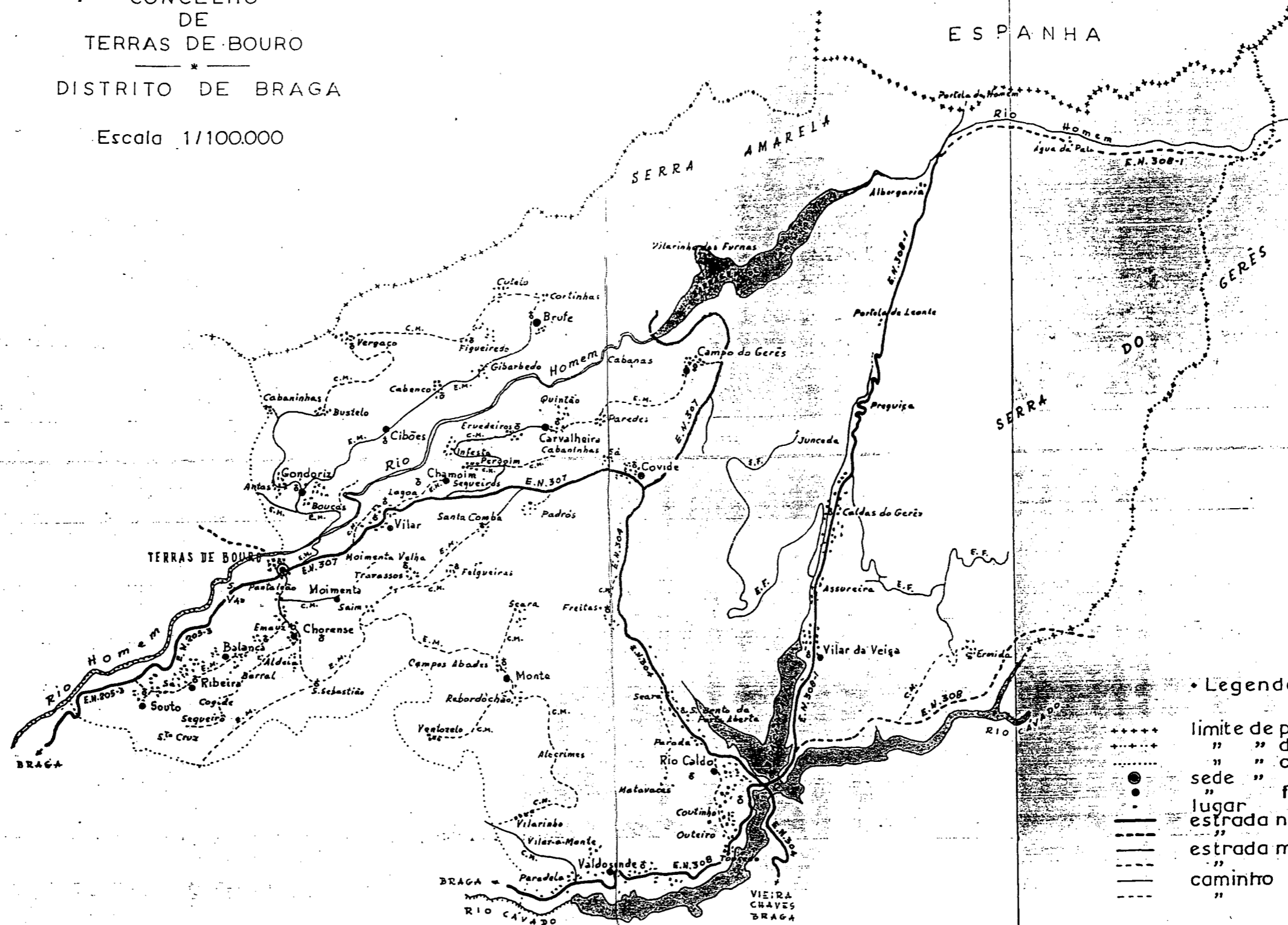
¹⁰ Américo COSTA, *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*. Porto, Livraria Civilização, vol. III, 1932.

¹¹ Domingos M. da SILVA, *Entre Homem e Cávado em Meados do Século XVIII*. Braga, 1985.

CONCELHO
DE
TERRAS DE BOURO
*
DISTRITO DE BRAGA

Escala 1/100000

ESPAÑA



- Legenda •
- +++++ limite de país
 - " " distrito
 - " " concelho
 - " " sede " " freguesia
 - " " lugar
 - estrada nacional
 - - - " " p/construir
 - - - estrada municipal
 - " " " "
 - caminho " " " "
 - " " " "

Valdosende teria a sua proveniência na palavra Baldosendi. O nome pode estar ligada ao rio, Vale-do-Zende, termo antigo em que “Zende” significaria “Cávado”¹². Foi abadia de apresentação de D. Abade de Santa Marta de Bouro e depois da Mitra Bracarense. No século XVIII, apresentava ainda o abade com 350 mil réis de renda. Pertenceu, na primeira metade do século XIX, ao concelho de Santa Marta de Bouro, transitando para o actual, depois da extinção daquele, em 31-XII-1853. Anexado ao de Vieira do Minho quando o de Terras de Bouro acabou por ser extinto, no período de 14-VIII-1895 a 13-I-1898, tendo regressado após esta data ao último concelho fazendo parte da comarca de Vila Verde e depois da de Vieira do Minho¹³.

Ver mapa de Valdosende











¹² A. Lopes de OLIVEIRA, *Terras de Bouro*, pp. 59 e 60.











¹³ A. Lopes de OLIVEIRA, *Ob.Cit.*, p. 61.

Valdozende , Portugal

schaal - escala 1 : 5000



-  Bebouwing
-  Perceelsafscheiding
-  mol Molen
-  kap Kapel
-  sch School
-  Casas etc.
-  Vedacao
-  Moinho / Lagar
-  Capela
-  Escola

-  Grens dorp
-  Hoogspanningsleidinn
-  Bos
-  Wateropp. stuwmeer
-  Doorgaande wegen
-  Limia da aldeia
-  Linha de alta tensao
-  Bosque / Floresta
-  Nivel da barragem
-  Estrada

Lab. v. Landmeetkunde
Landbouwhogeschool
Wageningen dec. 1983

Opdrachtgever : Algemeen Diakonaal Bureau
Fotoschaal 1 : 22000
Fotodatum : 1976

Com base em dados do Instituto Nacional de Estatística, em 1950 residiam em Valdosende 792 pessoas; em 1960 eram 1084 ; em 1970 existiam 895; em 1981 havia 841 residentes e, em 1991, já só 742.

Durante a década de 50, verifica-se um aumento significativo da população. Esta subida poderá estar associada à instalação de um bairro para operários que, ao longo dessa década, puseram em funcionamento a barragem da Caniçada. Mas, em 1970, a população que residia em Valdosende era já bastante inferior à que aí residia em 1960, passando para 841 indivíduos aproximando-se bastante dos valores de 1950. Tal descida também se verifica no conjunto nacional. Nestes dez anos ocorreram grandes transformações na vida daqueles que viviam nesta região isolada do país: as guerras coloniais exigiram o recrutamento de jovens do sexo masculino e a emigração era também uma forma de melhorar as condições de vida daqueles que habitavam uma terra tão “áspera”.

A pobreza de recursos era uma característica da localidade. As já referidas memórias paroquiais dizem-nos que : “Os frutos desta freguesia hé milham, centeio, painso, milho alvo, e de todos o que sacia a terra he o milham que os mais são em fraca quantidade, colhe vinhos verdes bastantes para a terra quando o Senhor o dá, que esta terra aneira pelos temporais a fazerem fria; também colhe azeite que alguns lavradores tem para sua casa e para vender”. A mesma fonte acrescenta: “ Esta freguesia nella nem nos seus limites tem feira alguma, nem menos sitio para nelles se fazer, por ser toda de altos e baixos”, e também “nam ha nella nem houve que conste por tradiçam antiga minas de metais nem canteiras de pedras, e as muitas que tem sam penedos como casas”¹⁴. Por outro lado, na Serra “tem os que nella habitam criaçam de gados grossos e de cabras e ovelhas e também nella pastam os habitadores que vivem nas faldas dela e para ela de veram lamçam os seus gados como sam bacas e nella em bezeiras as guardam por dias huas e outros, ha nella lobos e raposas e porcos bravos, ha coelhos e perdizes, e nam traz outro género de animais”¹⁵. O rio Cávado, que corre de nascente para poente, “[...] cria trutas, bogas e scalos, amgias [...] as margens deste Rio Cabado em as mais partes delle se cultivam athé à beira da agoa, e athé à beira della dá pam e vinho, e conserva muito espinho, por serem as suas agoas muito propicias.”¹⁶

¹⁴ Domingos da SILVA, Ob Cit, p.168.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Domingos da SILVA, Ob. Cit, p.170.

Trata-se, como vimos, de uma terra pobre, encaixada entre a serra e o rio, e com uma boa parte da população emigrada para garantir a sua subsistência. À prática de uma agricultura rudimentar juntava-se, nos anos sessenta, outra dificuldade: as “melhores terras da aldeia”, nas margens do Cávado, ficaram submersas pela barragem da Caniçada. Aos fracos rendimentos acrescentava-se neste período, mas sobretudo na década de setenta, a venda de troncos de árvores já que as leis dos baldios, em prejuízo da criação de rebanhos, levaram ao florestamento de muitos terrenos.

Analisando especificamente Assento, a propriedade encontrava-se então na posse de cinco lavradores que laboravam eles próprios numa parte enquanto que o resto era trabalhado por reдеiros sem campos próprios. A falta de terra para a agricultura tornava-se evidente, tendo em conta o número de habitantes. A maior parte das terras aráveis, com parcelas muito pequenas, encontravam-se dispostas em terraços de difícil acesso e sujeitos à erosão. Só em 1970, a Câmara Municipal canalizou água e instalou fontanários públicos. Esgotos não existiam e, apesar da construção da barragem, só em 1974 se fez a instalação de fios e postes para o abastecimento de electricidade.

Do ponto de vista climatérico, a temperatura média de Janeiro e Julho era de cerca de 11 e 22°C . A época de vegetação durava dez meses e meio, somente interrompida no Verão por um período seco. De meados de Dezembro a meados de Fevereiro, o amanho da terra era difícil por causa da chuva abundante.

Num relatório de 1978 do Algemeen Diakonaal Bureau das Igrejas Reformadas da Holanda, refere-se a precaridade da agricultura praticada no lugar de Assento, acrescentando-se que a adubação era feita unicamente com estrume, aliás insuficiente, devido à redução dos rebanhos de cabras. A cultura de fruta quase não existia e os produtos mais cultivados, por se destinarem à nutrição humana, eram a couve, o milho a cevada e as batatas. O vinho produzia-se “em cordões”¹⁷ que delimitavam as parcelas. A criação de rebanhos de ovelhas e de cabras, nesta altura diminuta, tornava claramente insuficiente o abastecimento de carne, fazendo entrar em declínio a fiação e a tecelagem que constituíam actividades domésticas tradicionais. O mesmo relatório, ainda em 1978, refere a existência de dez cabras e dez ovelhas em Assento. A criação de porcos era também reduzida, se bem que cada família tivesse de três a dez galinhas, sendo a produção de ovos, no entanto, insuficiente para satisfazer as necessidades alimentares.

¹⁷ Disposição das videiras em torno das árvores que existem nas delimitações das parcelas ligadas entre si por vergas ou arames que sustentam a vinha.

As dez vacas existentes serviam primordialmente para trabalhos de tracção e para produzir estrume, sendo uma de tipo preto e branco, para produzir leite, e as restantes do tipo Galego e Mirandês.

O sul da freguesia de Valdosende, nomeadamente o lugar de Paradela, começou, ao longo da década de sessenta, a contrastar socio-economicamente com o lugar de Assento, tendo a construção da barragem hidroeléctrica da Caniçada feito surgir ali um bairro de funcionários da Hidroeléctrica do Cávado (H.I.C.A.). Para a construção e equipamento da barragem chegaram engenheiros e trabalhadores de outras terras¹⁸, mas também se empregaram alguns habitantes da freguesia que até à altura trabalhavam arduamente como jornaleiros ou rendeiros, podendo agora passar a contar com um salário mais tranquilizador. Do ponto de vista sócio-económico, verificavam-se outros contrastes relevantes: o lugar de Vilarinho, que sempre fora o mais isolado, tinha menos fogos. Os recursos eram menores e o isolamento maior, pois encontra-se na parte mais alta da freguesia. A proximidade do Santuário de Nossa Sr.^a da Abadia levava os habitantes deste lugar a frequentar a missa dominical mais neste templo do que na Igreja da paróquia a que pertenciam. O núcleo de habitações do lugar de Vilar a Monte, muito próximo do centro geográfico do Chamadouro e situado quase ao mesmo nível da estrada nacional, beneficiava de melhor acessibilidade. O lugar de Paradela, longitudinalmente atravessado pela estrada nacional, conheceu, com a construção da barragem, uma prosperidade invulgar no Minho rural de então. Em contrapartida, o de Assento, no extremo Norte da freguesia, com as suas casas distribuídas ao longo da encosta em caminhos de terra batida muito íngremes, parecia, ao longo da década de sessenta, mais votado ao isolamento, perdendo o protagonismo de outras eras, apesar de aí se encontrarem as famílias mais tradicionais de Valdosende.

Não dispomos de dados que nos permitam saber com exactidão o número de habitantes deste lugar, a sua escolaridade e as suas ocupações. Apenas sabemos que seriam menos de três centenas, também atingidos pelo fenómeno da emigração, sobretudo masculina, com uma escolaridade baixa, como a da maioria dos meios rurais

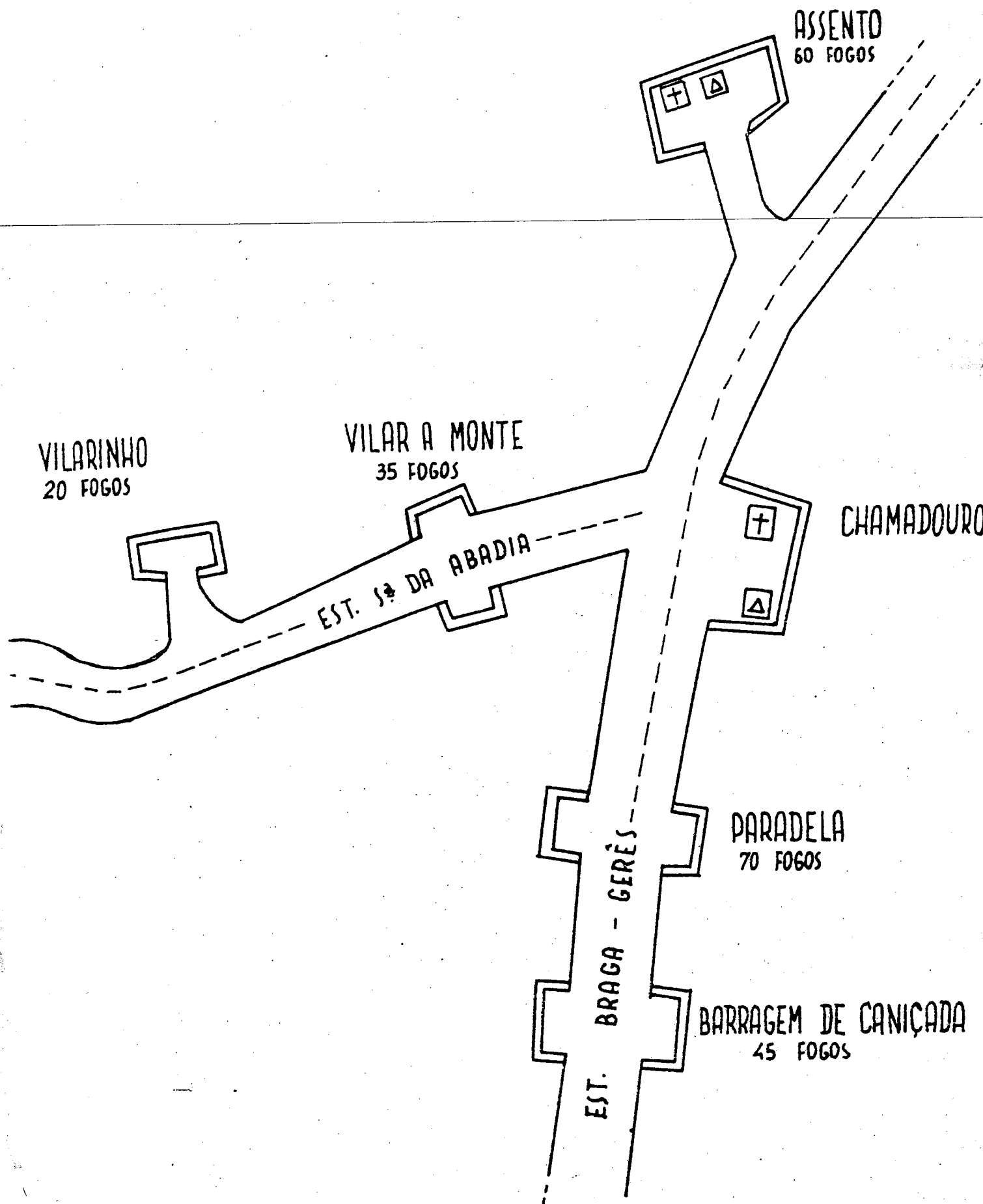
¹⁸ Dados fornecidos pela Edalpro: em 1989, ainda existiam no bairro naturais de Agrela (Fafé), de Britelo (Celorico de Basto), de Via de Baixo, Salto, Reigoso e Paradela do Rio (Montalegre), de Salamonde, Rossas, Vilar do Chão (Vieira do Minho), de Aljustrel, de São João de Rei (Póvoa de Lanhoso), de Rejojos (Cabeceiras de Basto), de Parada de Bouro, de Covêlo (Gerês), de Terras de Bouro, de Rio Caldo e de Valdosende.

daquela época, e com evidentes dificuldades económicas, geradoras de tensão e mesmo de conflitos.

A igreja, a residência paroquial e o cemitério da paróquia de Valdosende situavam-se então em Assento, sendo o orago da Igreja Santa Marinha que dispunha de três altares: um da Senhora do Rosário, outro de São Sebastião e o terceiro de Santo António. Apesar da existência de diversas capelas, como a de São Tomé em Paradela, a de São Gonçalo em Vilar a Monte, a de São Caetano em Vilarinho, outras mais recentes existiam, nomeadamente a que servia o bairro da H.I.C.A., mas os habitantes deslocavam-se a Assento para serviços religiosos apesar de o referido bairro distar 4,5 Km da Igreja, o lugar de Paradela 4Km, o lugar de Vilar a Monte 2,5 Km e o de Vilarinho 5 Km. Assento tinha 59 fogos, o lugar de Paradela 69, o bairro da barragem 45, o lugar de Vilar a Monte tinha 35 fogos e o de Vilarinho 19 fogos¹⁹.

Ver planta da freguesia de Santa Marinha de Valdosende

¹⁹ *Diário do Minho*, 8 de Janeiro de 1971.



I - CISÃO RELIGIOSA NUMA PARÓQUIA DO MINHO

O pároco de Valdosende foi desde 1954 António Firmino Loureiro de Figueiredo, filho de pessoas modestas da freguesia vizinha de Rio Caldo. Viveu na residência paroquial situada junto à Igreja, no lugar de Assento, com quintal e terras conhecidas pelo nome de “Horta do Passal”. Era, quando para aí foi, um sacerdote jovem. A população relacionava-se bem com o novo padre, tendo-o ajudado na aquisição de um automóvel, de uma garagem e nos melhoramentos do acesso da residência à estrada nacional.

Em 1968, face à degradação da habitação paroquial, o pároco começou a pedir obras para restaurá-la. Os “mesários” da Comissão Fabriqueira da Igreja confrontaram-no, porém, com a falta de dinheiro. A dada altura, o padre António Firmino Figueiredo manifestava o desejo de construir uma residência nova em Assento, na “Horta do Passal” que era um terreno contíguo à residência. O problema da falta de dinheiro subsistia, logo as aspirações do sacerdote não se concretizavam. Apesar da insistência na ideia de uma construção de raiz, os habitantes do lugar de Assento apenas aceitavam a possibilidade de restaurar a velha residência. Levantou-se então a hipótese de construir a Igreja, o cemitério e a residência paroquial no centro geográfico da freguesia, num sítio designado por Chamadouro, no cruzamento da estrada nacional com a estrada da Abadia. A concretização desta ideia conduziria à redução das distâncias. Levaria os lugares de Assento e de Paradela a ficarem à distância de 2 Km da projectada Igreja, o lugar de Vilar a Monte a 1,5 Km, o de Vilarinho a 3,5 Km e o bairro da HICA a 2,5 Km. Os habitantes de Assento, contudo, sentiam que o pároco estava atraído pela presença de uma população mais jovem e pelas melhores condições de vida de Paradela. Fez-se uma votação e, de acordo com a publicação das edições *Cenáculo*, os resultados foram os seguintes: dos 69 fogos existentes em Paradela todos concordavam com a construção da igreja, do cemitério e da residência paroquial no Chamadouro; dos 35 de Vilar a Monte 32 concordavam; dos 19 de Vilarinho 12 concordavam e 44 dos 45 “chefes de família” existentes no bairro da H.I.C.A. também concordavam. Numa entrevista dada ao *Jornal de Notícias* publicada em Outubro de 1971, o padre António Firmino Figueiredo admitia: “o lugar de Assento está no extremo da freguesia, apesar de lá se localizar desde tempos antigos a Igreja, a residência paroquial e o cemitério. Ora a Igreja encontrava-se em

derrocada e sem estilo. Não interessava conservá-la. A residência também numa lástima. Estive lá dezasseis anos em condições precárias, numa casa sem luz eléctrica e onde, no Inverno, encharcava os pés na cozinha, toda de pedra. Uma casa enormíssima mas só com quatro divisões”. Na mesma entrevista, argumenta: “Apenas defendo a maioria do povo contra uma minoria que quer conservar o privilégio de ser o lugar sede.”

Em Maio de 1969, o padre António F. Figueiredo mudou-se para o bairro da H.I.C.A., para casa de uma irmã e do cunhado. Então, os habitantes do lugar de Assento sugerem, em 9 de Setembro de 1969, numa carta dirigida ao arcebispo de Braga, a transferência do pároco²⁰. A 29 desse mês, suspendeu-se o culto em Assento porque o padre, que chamou uma patrulha da G.N.R. do Gerês, acusou vários indivíduos de, no dia da Comunhão Solene, “provocarem desordens, escândalos e diversos aborrecimentos”.

Os de Assento, defendendo-se, afirmam que este incidente não tinha qualquer intenção provocatória. É certo que as crianças, por sugestão de um comerciante, tinham repicado os sinos, mas o pároco, que andava por ali a fotografar, subiu à igreja e começou a bater-lhes. Um dos rapazes dirigira-se, em choro, ao local onde os adultos se encontravam a dançar. Posteriormente, o seu pai apareceu afirmando que o pároco lhe apontara uma pistola. Depois da maior parte dos populares se terem dirigido em massa para o local do incidente, o P. António Firmino Figueiredo, vendo as pessoas aproximarem-se, meteu-se no carro e, dali a algum tempo, apareceu com a patrulha da G.N.R. que começou a afugentar os populares, acusando-os de tentativa de agressão.

A sete de Outubro, o pároco de Valdosende escreve ao prelado a pedir autorização para construir uma nova residência, referindo-se já a uma possível venda do Passal. Os párocos confinantes com Valdosende confessam-se a favor da construção no centro da freguesia pois as acessibilidades da nova localização eram melhores. O Passal foi avaliado por dois peritos e, em Dezembro de 1969, o Paço Arquiepiscopal de Braga emite um despacho assinado pelo Pró-Vigário Geral autorizando, no lugar do Chamadouro, a construção da nova residência. A avaliação desagradou profundamente por, no entender da população, subvalorizar as propriedades e constituir mais um elemento de tensão. A vinte e um de Dezembro, a Cúria diocesana remete para o arcepreste e para o concelho arciprestal a análise do assunto, uma vez que “uma minoria

²⁰ *O Caso de Valdosende*, Ed. Cenáculo, Braga, 1972, p. 11.

de paroquianos, mas mais ricos e influentes”²¹, se opõem às mudanças. Lembremos que os cinco maiores agricultores de Assento, entre os quais se encontrava o Presidente da Junta, se opunham à construção da nova residência no Chamadouro. Nesse despacho pede-se ao Concelho Arciprestal que se informe, “ se será ou não oportuno presentemente e prudente o deferimento da petição e do sentir da maioria dos paroquianos”²². No Natal desse mesmo ano, porém, em Assento, retomam-se os actos litúrgicos. Note-se que já em 1970, uma vez que o povo de Assento insistia na acusação de encerramento do culto, o Padre António Firmino Figueiredo, entendeu enviar uma carta ao Arcebispo de Braga justificando essa atitude: “ No dia 29 de Setembro de 1969, na conclusão do Tríduo do Sagrado Coração de Jesus e Comunhão Solene, na Igreja paroquial de Valdosende, vários indivíduos incitaram as crianças, a fim de provocarem o pároco, mandando-as repicar os sinos várias vezes. Provocaram desordens, escândalos e diversos aborrecimentos (...). Perante estas provocações, foi tomada uma atitude justa, que muito resultou, pelo menos durante três meses, quando ficaram privados dos actos religiosos, no lugar de Assento, até ao Natal. Nessa data, uma Comissão de moradores do referido lugar, pediu, com insistência, ao Rev. Senhor Vigário Geral, a fim de lhe ser concedida autorização para a continuidade dos actos litúrgicos na Igreja paroquial, prometendo manter a ordem, e , evitar, para o futuro, quaisquer outras perturbações. Em carta que me foi dirigida pelo Senhor Vigário Geral informando as pretensões da aludida Comissão, dizia-me para fazer o que melhor entendesse. Como era festa de Natal, achei por bem dar continuidade à celebração de todos os actos religiosos, advertindo-os, porém, que tudo devia correr na melhor ordem, visto que o pároco pretendia a união da paróquia e não a desunião, e, se algo de anormal se viesse a verificar no futuro, o facto seria comunicado aos superiores hierárquicos para que tomassem as providências devidas ...”²³

Entretanto a Comissão Fabriqueira que, por iniciativa do Padre António Firmino Figueiredo, mudara de elementos, incorporando também pessoas da barragem, pede, em Fevereiro de 1970, autorização para proceder à venda do Passal de forma a suportar as despesas de construção da nova residência paroquial. O Prelado de Braga aprovou a iniciativa.

²¹ *O Caso de Valdosende*, Edições Cenáculo, Braga, 1972, p. 8.

²² *Ibidem*.

²³ *O Caso de Valdosende*, Edições Cenáculo, Braga, 1972, p. 11.

As mudanças na Comissão Fabriqueira, porém, não foram bem aceites em Assento. Ficavam de fora homens importantes do lugar, aqueles que eles consideravam de maior confiança, como por exemplo: Bernardino da Cruz, Bernardino de Campos, Bernardino Jesus Dias Ribeiro, Arão Araújo, António de Araújo Loureiro, Afonso António Dias e Arménio Lourenço. O povo do lugar acusou o pároco de má fé por ter incentivado toda a população a participar na procissão da festa da Nossa Sr.^a da Conceição numa das aldeias vizinhas, para poder retirar a mobília da residência paroquial e, com aquele aspecto desolador, mostrar a casa às autoridades religiosas da diocese. Enquanto o povo esperava por ele nas pontes do Rio Caldo, a fim de seguir em procissão, estando o lugar de Assento praticamente deserto, pois, com excepção de algumas pessoas de idade, todos tinham aderido aos apelos no sentido de irem à referida festa, o pároco levava a cabo aquilo que eles consideravam ser um plano para prejudicar Assento. Acusavam-no também de percorrer os restantes lugares da freguesia, incentivando as respectivas populações a apoiar a sua ida “para baixo”, a construção da residência no lugar do Chamadouro. O arcebispo de Braga, “depois de colher várias opiniões, julga de aceitar e aprovar a iniciativa da nova residência no lugar do Chamadouro. Assim o faz em 26 de Fevereiro de 1970”.²⁴ Com a autorização da construção da nova residência, o povo de Assento recorreu ao Paço. Aí se dirigiram por treze vezes sempre com o intuito de serem recebidos pelo Arcebispo D. Francisco Maria da Silva, mas apenas o foram pelo Pró-Vigário Geral. Grassava o descontentamento e a divisão no seio da freguesia, ocorriam discussões acaloradas e choveram os insultos. No entanto, o povo do lugar de Assento “não desarma”. A Igreja sempre lá estivera [...] não era agora que ia mudar. Até porque, segundo eles, “se já era um tanto difícil conseguir os cento e tantos contos para a reparação e melhoria da residência paroquial, como poderíamos pagar uma residência, uma igreja, um cemitério e um salão paroquial, tudo inteiramente novo?”²⁵

No início de Maio de 1970, o Arcebispo autoriza a venda do Passal desde que o dinheiro fosse utilizado na construção da nova residência. O povo de Assento acabou por escrever ao Papa²⁶. A fonte atrás citada, que não publica essa carta, escrita por uma

²⁴ *O Caso de Valdosende*, Edições Cenáculo, p 8.

²⁵ *Ibidem*

²⁶ Em Janeiro de 2000, a Nunciatura Apostólica em Portugal, após a realização de algumas buscas nos arquivos não confirmou a recepção de qualquer carta dirigida ao Papa Paulo VI, sendo apenas encontrada uma cópia dactilografada de uma exposição que, a doze de Dezembro de 1969, os moradores

mulher de Assento²⁷, classifica-a de: “relato vivo, duro, agressivo mesmo [...]”. Ao contrário do que seria de supor, uma vez que a grande maioria da população era analfabeta, não houve por trás desta atitude a mão de pessoa ilustre ou particularmente culta. A autora foi Maria da Conceição Pereira, mais conhecida por Maria do Mundo, mulher muito dedicada à Igreja, esposa de um emigrante no Brasil, mãe de seis filhos, costureira e doméstica. Aliás, era ela que escrevia as cartas que as raparigas da terra enviavam aos namorados que estavam na guerra ou no estrangeiro. Houve, porém, na sua elaboração sugestões de uma senhora viúva, Miquelina Pires Ferreira, mulher analfabeta mas que sabia de cor algumas passagens da Bíblia. Respeitada por todos e tida por mulher inteligente, sabia quando mudavam as luas e quando se deveriam fazer as sementeiras, a quem pertenciam as águas das poças, a que horas se tapavam e durante quanto tempo se regavam as terras. Foi a senhora Miquelina que sugeriu que se escrevesse também ao cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira²⁸. Propôs o envio de uma carta ao Arcebispo e sugeriu, ainda, que fossem várias mulheres a assinar e não apenas uma. A carta dirigida ao Papa foi entregue na Nunciatura Apostólica, em Lisboa, por Afonso António Dias e Adelino Antunes Ferreira.

Nesse mesmo mês de Maio, e de acordo com a publicação das edições *Cenáculo*, a Secretaria de Estado do Vaticano dirige um ofício ao Arcebispo de Braga, e remete uma cópia da carta enviada pelos populares, deixando “inteiramente ao seu critério dispensar ao assunto aquela consideração que o seu conhecimento das circunstâncias pessoais e locais aconselhar”²⁹. Um mês depois, o Paço responde ao ofício, informando o seguinte: “Desde há mais de cinquenta anos que vários párocos que têm passado pelo freguesia tentaram, ou pelo menos pensaram, solucionar a dificuldade da distância enorme a que se encontram a Igreja e a residência paroquial para a maioria dos fiéis. Até à data, porém, nenhum pároco se abalançara à obra, temendo a reacção dos moradores no lugar de Assento, onde se erguem as construções actuais, e que é o lugar mais influente e dos melhores proprietários. O Padre António Firmino Loureiro

de Valdosende (Assento) dirigiram a D. Francisco Maria da Silva, ao tempo Arcebispo Primaz de Braga, e que foi apresentada ao então Nuncio Apostólico por uma delegação de paroquianos daquela paróquia.

²⁷ Entrevista a Maria da Conceição Pereira, realizada em Assento a 25 de Julho de 1999.

²⁸ O Patriarcado de Lisboa, em Janeiro de 2000, após a realização de buscas nos respectivos arquivos, não encontrou a carta dirigida pelos populares de Assento a D. Manuel Gonçalves Cerejeira, nem qualquer referência a ela, advertindo que, mesmo enviada, seria natural que fosse remetida para Braga, visto tratar-se de um assunto dessa diocese.

²⁹ *O Caso de Valdosende*, Edições *Cenáculo*, Braga, 1972, p 9.

Figueiredo, que actualmente preside aos destinos da comunidade, decidiu-se à obra com o assentimento dos restantes lugares mas enfrentando a resistência tenaz dos moradores do lugar de Assento, que tudo têm feito para inutilizar a iniciativa. Tendo sido ouvido um grupo representativo dos vários lugares e consultando o Arcipreste e Conselho Arciprestal, não obstante as objecções em contrário, decidimo-nos pela aprovação da obra projectada. Em anexo apraz-me enviar a Vossa Excelência cópia da documentação referente a este assunto. Quanto às acusações formuladas contra o Rev. pároco, elas são infundadas e provenientes do ressentimento dos opositoristas. O seu proceder tem sido digno e paciente”³⁰. A vinte e dois de Agosto de 1970, a Secretaria de Estado do Vaticano acusa a recepção da carta e comunica que o “dossier” vai ser arquivado, dando uma resposta sumária aos signatários da exposição e aconselhando-os a acatar as decisões das competentes autoridades eclesiásticas locais.

Duas das leiras que ficavam junto da residência paroquial foram vendidas. Mais uma vez, a população do lugar de Assento fica indignada, eles próprios tinham dissuadido o Sr. Arménio Lourenço, do lugar de Assento, proprietário de terras que confrontavam com as da Igreja, de adquirir aquelas propriedades por considerarem que não apareceria comprador. Mas um emigrante de Vieira do Minho, que estivera na América, acabou por tomar conhecimento da venda através dos anúncios públicos que o pároco divulgara e efectuou a compra pelo valor de setenta e cinco contos. Os populares consideravam esta quantia completamente ofensiva por ser demasiado baixa: a própria garagem que o povo tinha adquirido para o pároco tinha custado à volta de 70 contos algum tempo antes do início desta questão.

Por altura das vindimas do ano de 1970, ocorreram trocas de insultos e provocações entre os habitantes de Assento e paroquianos de Vilar a Monte e Paradela que se tinham deslocado ao Passal para apanhar as uvas. Duas mulheres chegaram a agredir-se. Na freguesia reinava a discórdia e, mesmo entre elementos de uma mesma família geraram-se hostilidades: o próprio irmão de Maria do Mundo que vivia em Paradela ameaçou a irmã; o pai e as irmãs de outra moradora de Assento -Aurora Xavier- não a visitavam nem a recebiam em Paradela. Para irem à feira, as pessoas de

³⁰ *O Caso de Valdosende*, Braga, Edições Cenáculo, 1972, pp. 9 e 10.

Assento passavam em Paradela e, muitas vezes, eram alvo das provocações dos habitantes deste lugar, que à sua passagem cantavam: “O Padre é nosso, o Padre é nosso e há-de ser...”. A própria padeira que vendia pão de trigo em Assento começou a deixar de ter clientes neste lugar, pois também apoiava mudança do pároco. O estado de tensão subsistia.

Apesar da concessão do pároco no Natal de 1969, os desentendimentos persistiam. O padre, na carta que dirigiu ao arcebispo, refere que o povo de Assento continuava a gerar a revolta, pois no dia 25 de Setembro de 1970 “colocaram um altifalante nas proximidades da Igreja e no torreão da mesma uma cafeteira velha e uma chávena com um dístico onde se lia: «aqui vende-se chá para quem quiser servir-se», numa clara alusão às homílias do pároco que, no entender da população, lançava palavras ofensivas. No dia 27 do referido mês, no fim da missa dominical, a maioria da população desse lugar, uniu-se em folgedos, que muito deixaram a desejar pela sua conduta, premeditados para provocações, rogando pragas ao pároco, dedicando discos injuriosos aos moradores de todos os outros lugares interessados na boa colaboração e no bem comum da paróquia, o que criou revolta em todos os ofendidos”. Depois destes incidentes, o pároco pede autorização de transferência dos privilégios paroquiais para a capela do bairro da barragem que é concedida em 10 de Outubro de 1970, pelo Vigário Geral, depois de ouvido o Conselho Arciprestal³¹.

A Igreja de Assento esteve sem missa paroquial até 2 de Novembro de 1971, reabrindo já depois da chegada dos metodistas a Assento. Quando os habitantes de Paradela foram, num tractor, buscar o restava da mobília à antiga residência paroquial, os homens gritavam “o padre é nosso”. Deslocaram-se alguns homens de Paradela até Assento com concertinas para festejar a vitória dançando e cantando ao desafio. Entretanto, as mulheres de Assento foram ao Paço e entregaram uma carta destinada ao Arcebispo mas “os três senhores que estavam junto a um balcão grande disseram-lhes que o Sr. Arcebispo não estava”³². Nessa carta, assinada por seis mulheres, pedem um padre nem que seja velho, queixam-se do facto de já não haver novenas, terço, bênção e catequese. Alarmam-se com a ideia de ficarem privadas da Pia Baptismal e do Santíssimo. Falam já na hipótese de receberem um pastor protestante. Na missa que fez

³¹ *O Caso de Valdosende*, Edições Cenáculo, p. 12.

³² Entrevista realizada a Maria da Conceição Pereira em Valdosende, a 25 de Julho de 1999.

em Paradela, o pároco, que entretanto já alguém informara acerca conteúdo da carta, criticou-a e divulgou o nome das mulheres de Assento que a assinaram.

A 8 de Janeiro de 1971, num órgão de informação conectado com a Igreja Católica, o *Diário do Minho*, publica-se uma notícia com o título: *Que se passa em Valdosende?*, esclarecendo que “a mudança de localização da residência, do cemitério e da Igreja não correspondem ao capricho de um pároco mas sim a uma exigência do senso comum por se pretender aproximá-los mais de outros lugares da freguesia de Valdosende.” Como consta de uma entrevista que o Padre António Firmino Figueiredo deu ao *Jornal de Notícias*, em 24 de Outubro de 1971, depois de ter enviado um exemplar do *Diário do Minho* aos habitantes de Assento, estes devolveram-lho. No entanto, embora o padre António Firmino Figueiredo, depois da perda dos privilégios paroquiais por parte do lugar de Assento, se tenha comprometido a celebrar a missa dominical nesse lugar, só apareciam quatro ou cinco pessoas, diz na referida entrevista. Supomos que este compromisso diz respeito ao período que medeou entre o Natal de 1969 e o mês de Outubro de 1970. Se, no Natal de 1970, ansiando pela concórdia, o Padre ainda enviou uma circular aos paroquianos, apelando à reconciliação sugerindo a harmonização e a união³³, o seu esforço foi infrutífero. Foi, então, que, em Fevereiro de 1971, os moradores de Assento, por sugestão de um emigrante nos Estados Unidos, Afonso António Dias, contactaram os protestantes na Igreja Evangélica Metodista de Braga. Ainda, em Novembro desse ano, a hierarquia diocesana de Braga, apercebendo-se do rumo que os acontecimentos tomam, reúne em Assento e faz promessas. O povo, porém, utilizando o velho sistema comunitário de decisão, opta por não prescindir da assistência religiosa dos metodistas. Regressaremos ao tema no próximo capítulo.

É interessante verificar que a imprensa acabou por ter um papel relevante na divulgação do caso de Valdosende. Apesar de se tratar de uma aldeia perdida nas montanhas do norte do país, alguns órgãos de informação com alguma projecção nacional dedicam-lhe amplas reportagens, como o caso do *Jornal de Notícias*, do

³³ *O Caso de Valdosende*, Edições Cenáculo, p.10.

Actualidades e da *Vida Mundial*. Não nos podemos esquecer que, do ponto de vista político, Portugal vivia já a chamada “Primavera Marcelista”. Apesar das publicações serem visadas pela Comissão de Censura, o assunto era abordado pela imprensa e nem sempre de forma elogiosa para a Igreja Católica. Verifica-se que, depois do encerramento da Igreja de Assento, o *Diário do Minho*, de 8 de Janeiro de 1971, acusa uma “determinada imprensa, ávida de sensacionalismo e, por certo, mal informada” de ter divulgado ao “longe e ao largo as desinteligências que ali se verificaram”. Tenta, mesmo, corrigir a imagem que foi transmitida e promete fornecer uma visão imparcial e exacta dos factos, sublinhando o interesse do pároco na salvaguarda dos interesses da maioria dos habitantes de Valdosende e afirmando serem “os únicos culpados [...] parte dos moradores do lugar do Assento, que não são a maioria pois o lugar tem 59 fogos e a paróquia 227. Ao verem fugir-lhes um privilégio que, com prejuízo evidente dos moradores de outros lugares, tem vindo a usufruir, colocaram-se em rebeldia. Essa minoria, que é a mais poderosa e a mais influente, pretende, ditatorialmente, impor a sua vontade.”

Esta “imprensa sensacionalista” será o *Actualidades*? Este publicou, a 26 de Dezembro de 1970, uma notícia, não assinada, com o seguinte título: “Um Padre pouco compreensivo para com os seus paroquianos traz uma aldeia em alvoroço”. Para o autor, a causa dos problemas da aldeia são os critérios pessoais do Padre António Firmino Figueiredo, ao entrar “em colisão com as tradições hábitos e interesses da paróquia”. O artigo acusa-o de tomar atitudes contrárias às que seriam de esperar de um pastor, de ter fechado a Igreja paroquial e de, “em vez de amor e de paz”, haver levado às almas daquela gente simples sentimentos desconcertantes sob o ponto de vista cristão. O pároco é classificado de “irascível”, referindo-se que já estivera internado numa clínica de Barcelos, por causa de uma crise nervosa, e que já agredira senhoras e crianças “sem que ninguém perceba muito bem porquê”. Faz também um apelo à hierarquia da Diocese no sentido de resolver esta questão e termina, sugerindo ao Padre Figueiredo que “aproveitasse esta quadra natalícia, e levasse a paz a todos os seus paroquianos.” A notícia é elaborada sob uma linha de pretensa objectividade. Fazendo-se a recolha do depoimento de um paroquiano, afirma-se que a história foi “bairristicamente” contada, “motivo pelo qual fizemos um desconto aos dizeres”. Ao longo da notícia, emitem-se opiniões e procura-se uma identificação com o leitor (“Nem como cristãos, nem como cidadãos podemos concordar com o que na freguesia de Valdosende está a acontecer”).

É nítida a vontade de induzir o leitor a uma tomada de posição, como se o jornal fosse a consciência do seu público, havendo um pendor de acusação e de moralização.

Se na notícia do jornal *Actualidades* não se revelam as distâncias a que os diversos lugares ficam da igreja paroquial, nem se refere que, depois da constatação da necessidade de proceder a obras na velha residência paroquial, se fizera uma votação e nesta a maioria votara pela mudança, o *Diário do Minho* não faz qualquer referência às agressões infligidas pelo pároco, ao seu estado de saúde, nem ao abandono religioso a que o lugar de Assento estava votado. O *Actualidades* acentua as hostilidades abertas entre os habitantes da freguesia, pois, enquanto um lugar sofria uma humilhação, “outros sorriam à sucapa e cantavam como se lhes houvesse tocado a sorte grande”. O *Diário do Minho*, vinca a necessidade de se cumprir a vontade da maioria, o conselho do arcipreste e o parecer dos párocos vizinhos. Por outro lado, o *Actualidades* veicula informações erradas porquanto afirma que, com a transferência dos privilégios paroquiais, a população ficou cindida em dois grupos, integrados cada um deles por paroquianos de dois lugares. De facto, a população já estava dividida mesmo antes da transferência dos privilégios paroquiais e os dois grupos não correspondiam a dois lugares cada um. Mas tanto um jornal como outro anunciam a sua intenção de serem objectivos, porém ambos omitem informações ou acentuam factos que vão ao encontro das posições que pretendem defender. As facções estão identificadas com alguma clareza: de um lado temos o grupo de defensores da causa de Assento, constituído pela totalidade dos habitantes desse lugar e um reduzido número de pessoas de Vilar a Monte e Vilarinho; do outro, temos os defensores da causa do pároco constituído pela totalidade dos habitantes de Paradela, pela maioria de Vilar a Monte e de Vilarinho, pelo clero das redondezas e pela hierarquia diocesana. Ambas as notícias foram redigidas durante o processo de cisão e, se fornecem visões das facções envolvidas, constituem-se como episódios do próprio conflito.

Após a chegada dos protestantes a Valdosende, a imprensa intensifica a sua atenção sobre este assunto. Numa reportagem do *Jornal de Notícias*, de Outubro de 1971, depois da grande parte dos habitantes terem feito a profissão de fé na Igreja Evangélica Metodista no dia 10 de Outubro desse ano, recolhem-se depoimentos do próprio Padre António Firmino Figueiredo, dos populares de Assento e do Superintendente da Igreja Metodista em Portugal, Rev. Albert Aspey. Fala-se em “Migração religiosa numa aldeia do Minho” e sublinha-se que Valdosende é “Uma Ilha

Protestante num Mar de Catolicismo”. A *Vida Mundial*, em finais de Novembro desse ano, dedica quatro páginas a Valdosende e, sob o título: “No coração do Minho: uma aldeia Católica tornou-se Protestante”, apresenta informações de carácter geral relativas à geografia, à economia e à religião, reúne depoimentos populares, entrevista o Presidente da Junta, faz a reconstituição de alguns factos e publica alguns extractos da carta que, datada de 11 de Novembro de 1971, o cónego Eduardo Melo, que entretanto assumira as funções de Vigário Geral, dirigira ao povo no sentido de o fazer regressar à prática católica. A revista põe, ainda, em causa a solidez da fé católica que se professava em Valdosende e critica a Hierarquia Católica Bracarense, considerando que a ortodoxia romana de Braga é “uma ortodoxia mais jurídica e exterior que moral e interior; mais colete-de-forças que dinamismo de consciência; mais pompa que verdade; mais triunfalismo que serviço, mais monumentalismo que espírito”. Por fim, realça o facto de Assento se tornar “um enclave que, apesar de pequeno, constitui uma machadada sobre o orgulho hierárquico e autocrático”.

A linguagem acutilante e o destaque dado a esta questão revela-nos pouca pressão da Comissão de Censura e o enfraquecimento do regime face a uma opinião pública cada vez mais crítica e interveniente. Adivinhava-se já o princípio do fim do regime, discutiam-se e reflectiam-se publicamente temas antes considerados “subversivos”. Marcelo Caetano sabia que a imprensa era um instrumento de acção política, provando-o na televisão através das suas “conversas em família”. Em Dezembro de 1970, o Governo remetera à Assembleia nacional uma proposta de lei de imprensa. Caetano, ao contrário de Salazar, preferia uma legislação “baseada na repressão administrativa e judicial, em detrimento de um regime preventivo alicerçado na censura”. Ainda em Abril do ano de 1970, alguns deputados da ala liberal apresentaram um projecto de lei de imprensa que, no essencial, coincidia com o projecto elaborado pelo sindicato dos jornalistas e que propunha o fim da censura. No entanto, por requerimento de outro grupo de deputados apenas a proposta do governo fora discutida pela Assembleia Nacional, assim, a lei nº 5/71, de 5 de Novembro, consagra basicamente aquele texto e insere, como inovação, a substituição do regime de censura pelo de “exame prévio” que, na prática, surtia efeitos semelhantes aos da censura. Porém o sistema estava a entrar em decomposição e a imprensa demonstrava essa agonia.

Na análise do desenvolvimento do conflito que acaba por levar à implantação da Igreja Evangélica Metodista no lugar de Assento, algumas dúvidas se levantam. Se os

protagonistas deste conflito fossem outros ou tivessem outras características, o desfecho seria este? As características daqueles que estiveram envolvidos parecem, neste caso, determinantes. Como se explicaria, então, a ruptura com o catolicismo na arquidiocese que ainda hoje tem a mais alta proporção de católicos praticantes? Ao traçar-se o perfil das pessoas e entidades que protagonizaram o caso de Assento, não se pretende um regresso a posturas de carácter positivista que hipervalorizam as personalidades e os factos. Trata-se apenas de, reconhecer que os homens com a sua formação, as suas capacidades, as suas necessidades, a sua vontade e os seus medos são, na realidade, motores de transformações.

Em presença, temos, durante o desenrolar do conflito, o pároco de Valdosende, o povo do lugar de Assento, e dos restantes lugares de Valdosende e a própria Cúria Episcopal de Braga. Relativamente ao papel do povo do lugar de Assento, as suas atitudes foram sempre lineares e de firmeza. Era em Assento que viviam os melhores proprietários de Valdosende e era lá que se situavam, desde tempos imemorráveis, a Igreja, o cemitério e a residência paroquial. A manutenção destes lugares sagrados em Assento tornou-se uma questão de honra. O orgulho de Assento exigia a oposição à vontade do pároco, dos habitantes dos outros lugares e da hierarquia católica correspondendo a uma defesa de privilégios antigos e a uma luta pela posse de símbolos de poder.

Os restantes lugares da freguesia, encabeçados por Paradela, assumem neste conflito, aos olhos dos habitantes de Assento, o papel de usurpadores. O desenvolvimento que Paradela vinha adquirindo, mercê da construção da barragem, exigia uma consolidação que se materializasse em símbolos unanimemente reconhecidos. Paradela adquirira estatuto económico, tinha o bairro da barragem e era beneficiada pela estrada nacional. Em termos geográficos encontrava-se numa zona mais plana, de menor altitude, no sul da freguesia. O carácter geográfico do diferendo evidencia-se em expressões que foram utilizadas no decurso do mesmo: chegou-se a dizer que os de Assento iriam “para baixo” como o peixe sai do rio pelas guelras. A localização era melhor que a de Assento e as condições de vida também; faltava-lhe o estatuto religioso. Conseguiu-o, embora provisoriamente, uma vez que o pároco saíra de Assento e mudara para Paradela. Os privilégios paroquiais foram também transferidos para a capela da H.I.C.A. No entanto, Paradela apoiava a construção da residência paroquial e da Igreja, no Chamadouro. Lutava a seu favor, a favor do encurtamento das distâncias que

separavam os diversos lugares da freguesia da igreja paroquial, ou lutava contra o lugar de Assento? Vilar a Monte seria claramente beneficiada com as mudanças planeadas, é o lugar mais próximo do Chamadouro. Vilarinho fica tão distante e tão isolado de todos os lugares da freguesia que seria natural esperar desse lugar a indiferença uma vez que iam à missa do Santuário de Nossa Senhora da Abadia, quase vizinha. Mas é também natural que o reconhecimento dos benefícios da nova localização, a figura do padre com todo o seu poder religioso tivessem influenciado as decisões dos habitantes deste lugar, tal como os laços de carácter familiar que existiam entre os diversos lugares.

O pároco acabou por ter, neste conflito, um papel decisivo. A partir do momento em que se optou pela construção da Igreja, do cemitério e da residência paroquial no centro geográfico da freguesia, a sua atitude foi de completa intransigência. A sua figura nunca gera consensos. Para os habitantes de Assento, o Padre António Firmino Figueiredo era agressivo e autoritário. Valia-se do seu estatuto para, no púlpito, exaltar a autoridade do sacerdote e ameaçar os fiéis com o Inferno, enquanto ele próprio desrespeitava, perante o silêncio geral, os votos de castidade. Para os familiares e amigos era um homem doente, mas decidido. Teria sofrido o seu 1º enfarte do miocárdio em 18 de Junho de 1962, portanto ainda antes do início do conflito com os habitantes do lugar de Assento. Um segundo enfarte ocorreu em Agosto de 1972 e, em Março de 1976, esteve internado por ter sido vítima de nova crise cardíaca. Voltou ainda a sê-lo e os problemas de saúde foram-se multiplicando: níveis de ureia e colesterol elevados, inflamações no estômago e no cólon, hipertrofia ventricular, dilatação auricular esquerda. Tornou-se uma pessoa dependente de medicamentos e consultava inúmeros médicos de diversas especialidades³⁴.

O pároco, na opinião de alguns, foi um instrumento nas mãos do Paço Episcopal. As visitas do prelado aos diversos locais da arquidiocese inteiravam-no das distâncias que separavam o povo da Igreja. O padre terá cumprido as instruções que lhe terão sido dadas. O próprio D. Carlos Pinheiro, então cónego, afirma numa entrevista publicada no trabalho dos alunos do Seminário Conciliar de Braga que “o pároco fosse

³⁴ Informações obtidas a partir da entrevista a Albina Rosa Figueiredo, em Braga, a 4 de Setembro de 1999. Albina Rosa Figueiredo foi professora primária em Valdosende, viveu na residência paroquial, quando para lá foi e é mãe da filha do padre António Firmino Loureiro Figueiredo que nasceu em 1975. Acabou por casar, em 16 de Março de 1977 com o padre Figueiredo depois deste ter sido dispensado do ministério. Enviuvou em 1986, tendo António Firmino Figueiredo falecido com 61 anos.

qual fosse que ousasse levantar o problema da construção da Igreja noutra local seria uma vítima a sacrificar-se pelo bem da paróquia e em defesa de uma causa justa”³⁵.

Para o actual Vigário Geral, cónego Eduardo de Melo Peixoto, o padre António Firmino Figueiredo, que fora seu colega de curso, era um rapaz intelectualmente comum ou talvez um pouco abaixo do comum, muito mole, muito emotivo, e isso manifestou-o em Valdosende. Contactou mais com ele como colega, e só já como vigário episcopal confirmou essas tendências. O cónego Eduardo de Melo Peixoto afirma que o P. António Firmino Figueiredo sofreu imenso com tudo o que aconteceu em Valdosende, e, muitas vezes chorou ao pé de si. Embora não o dissesse, sentia-se culpado por tudo quanto havia acontecido, sem coragem para reagir. Como consequência do sucedido viria a ter problemas de coração e morreu vitimado por problemas cardíacos. A dada altura teve um colega que o aconselhou mal no sentido de tomar forte posição autoritária que, em seu entender, nunca deveria ter tomado: posições de intransigência. Já no final, falou com o arcebispo D. Francisco Maria da Silva e achou por bem que ele saísse da zona, então contactou com o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, e o padre António Firmino Figueiredo passou a exercer numa igreja do Porto. Esteve também a dar aulas numa escola da cidade, entretanto pensou que a sua vocação não seria o sacerdócio e pediu dispensa do ministério, dispensa que lhe foi concedida, acabando por casar. Procurou-o muitas vezes, deu-lhe força, entusiasmou-o. No início ele não queria sair de Valdosende, dizia que tinha de estar com o seu povo, entendia que seria uma derrota se saísse de lá mas acabou por se conseguir a sua saída, que o libertou um pouco daquele pesadelo.³⁶

Para o padre Alberto Gonçalves, pároco de Ruivães (Vieira do Minho), também colega do padre Figueiredo, este teria sido vítima da obediência ao prelado. Em sua opinião, “era um homem muito reservado, muito calado, mas que cumpria na generalidade os seus deveres. A mudança de localização da igreja originou toda a questão, apesar de se efectivar por vontade do Paço. Essa medida era justa, porém, o povo de Assento não teve humildade para aceitar a perda do privilégio de ter a igreja

³⁵ *O Caso de Valdosende*, Braga, Edições Cenáculo, p. 54.

³⁶ De acordo com a entrevista recolhida em Braga no dia 28 de Junho de 1999.

junto a si.”³⁷

Por sua vez, as autoridades católicas de Braga adoptaram uma postura de confiança no pároco e, se inicialmente se autoriza, num despacho assinado pelo Pró-Vigário Geral em 6 de Dezembro de 1969, a construção da residência no lugar do Chamadouro, a verdade é que logo, em 21 de Dezembro a Cúria Arquiepiscopal remete a análise desta possibilidade para o concelho arciprestal, parecendo que se vacila pelo facto de uma minoria de paroquianos “mas mais rica e influente” se opor, após o que a hierarquia vence as hesitações. Curiosamente, quando uma comissão de paroquianos de Assento pede ao Paço que se retomem os actos litúrgicos na igreja depois de o pároco os ter interrompido pela primeira vez, ao padre é dito para fazer o que melhor entender. Depois da missiva que o Vaticano dirige à Cúria de Braga na sequência da recepção da carta dos paroquianos de Assento, a resposta de D. Francisco Maria da Silva é peremptória: a alteração da localização da igreja é uma exigência do bom senso e a atitude do pároco irrepreensível.

No Natal de 1970, o cônego Carlos Pinheiro, ao tempo Pró-vigário Geral, aconselhou o padre a escrever aos seus paroquianos no sentido de apelar à reconciliação, mas, nesta altura, já as hostilidades tinham ido longe demais: a igreja de Assento estava pela segunda vez encerrada, a residência e algumas propriedades do Passal de Assento tinham sido vendidas para financiar a construção da nova igreja; vários recontros haviam ocorrido entre os habitantes da freguesia; o lugar de Assento queixava-se da humilhação e do abandono religioso. Este era mais um dos numerosos incidentes que se deram entre os moradores de Valdosende. A tradição oral refere-nos variadíssimos outros sem que, contudo, sejam confirmados através de documentação escrita. Diz-se que, no tempo do governo de Sidónio Pais, dois brasileiros, Francisco Antunes, de Paradela, e Valdemar Fernandes, de Vilar a Monte, quiseram construir uma igreja nova, mas, com a queda de Sidónio, a Junta passou a ser dominada por homens do lugar de Assento, tendo entretanto falecido um dos brasileiros e portanto, o projecto não se concretizara. Conta-se em Assento que, quando, na década de vinte, se construiu o cemitério, também houve polémica. Contudo, os de Assento, durante a noite, começaram a fazê-lo e por isso ficaram com mais este privilégio. Por essa altura, em Assento, foi aberta uma escola primária para servir a sua população. Diz-se, ainda, nos restantes lugares, que um dos montes da freguesia (o Andame) seria todo de Paradela e de Vilar a Monte, e , aquando

³⁷ De acordo com a entrevista do dia 1 de Agosto de 1999, em Ruivães.

da partilha do Andame e de outro monte (o Carregal), os de Assento, que inicialmente tinham prometido desistir do Andame se ficassem com o Carregal, depois de verem assinado o documento que lhes confirmava a posse deste, não fizeram outro registo a comprovar a sua desistência do Andame e, posteriormente, exigiram partilhá-lo com Paradela e Vilar a Monte.

As atitudes “bairristas” eram, também, frequentes nas festas religiosas. Havia amiúde cenas de pancadaria entre os lugares. Conta-se que os de Assento atavam lenços nos andores e nas bandeiras, reservando-os para lhes pegarem quando saíssem em procissão. A cisão que ocorre em Valdosende parece, portanto, estar ligada a velhas rivalidades, a razões de ordem geográfica, social e económica. No Minho, a religião reveste-se de um carácter folclórico, exteriorizando a emoção e os sentimentos. “Mais vivida que pensada”, o ritmo dos trabalhos e o dia a dia é por ela marcado, nunca sendo pacíficas as mudanças que ocorrem a este nível. Em Assento, chegou a manifestar-se o desejo de independência e colocando-se a hipótese da anexação a Rio Caldo, à freguesia vizinha.

II - IMPLANTAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA METODISTA

Importa, antes de se iniciar a análise da implantação dos metodistas em Valdosende, conhecer algumas características essenciais desta igreja. O seu fundador foi John Wesley, nasceu em Epworth, em Inglaterra, a 17 de Junho de 1703, faleceu em 1791 e até à sua morte sempre se considerou pastor anglicano. Sendo bom aluno entrou em Oxford com dezassete anos, foi ordenado presbítero na igreja Anglicana aos vinte e dois mas a Universidade de Oxford convidara-o para professor tendo leccionado grego, lógica e filosofia. Era um homem austero e exigente consigo próprio. Começou a frequentar um grupo (*Clube Santo*) fundado pelo seu irmão Charles. Aí se estudava a Bíblia e através das boas obras se procurava a salvação. Este grupo cedo ficou conhecido pelo alcunha de “Traças da Bíblia” e outras, acabando por prevalecer a de “Metodistas”.

Em 1735, os irmãos Wesley embarcaram para a América, onde tencionavam ensinar o Evangelho aos índios. Essa estadia revelara-se frustrante, não convertera qualquer índio, sofrera um desgosto amoroso mas testemunhara a fé dos morávios e chegara a falar pessoalmente com Spangenberg³⁸. Acabou por regressar a Inglaterra afirmando: “Aprendi o que eu menos esperava: que eu que fui à América para converter os outros, eu mesmo não era convertido a Deus”. Em Londres, em 1738, ouvindo ler o prefácio de Lutero sobre a Epístola de São Paulo aos Romanos, “sentiu o seu coração estranhamente aquecido”, “sentiu que realmente confiava em Cristo, só em Cristo para a salvação”. A partir dessa altura começou a visitar e a pregar em todas as igrejas, chegou a pregar ao ar livre na Inglaterra da Revolução Industrial “anunciando as boas novas aos pobres”. Cedo começaram a surgir críticas às suas atitudes mas começou a fundar “classes metodistas” constituídas por grupos de crentes que se reuniam regularmente para orar e estudar a Bíblia. Desde o início que o trabalho social acompanhou o trabalho espiritual. Wesley fundou escolas para filhos de mineiros e pregadores, editou folhetos e livros, fundou uma clínica, procurou emprego para os desempregados.

³⁸ Chefe espiritual dos morávios.

A sua preocupação era focar aspectos centrais do cristianismo, não acrescentando novos pontos e dando ênfase às doutrinas já existentes. Com um espírito muito prático, John Wesley, acabou por dar origem a uma igreja que aceita como bases doutrinárias fundamentais os Credos Históricos e os princípios da Reforma Religiosa do século XVI. De certa forma, esta igreja pretendeu lembrar pontos comuns às igrejas já existentes, não criando novas doutrinas, dava-se prioridade ao anúncio do Evangelho e, aos poucos, foi-se dando aos leigos um lugar importante na proclamação da Palavra. Aliaram o trabalho espiritual ao trabalho social, quer através da solidariedade individual, quer através da criação de instituições para esses fins. Wesley afirmou que “ a sua paróquia era o mundo”, por isso não se exclui do metodismo o carácter universalista. A Igreja Metodista dos Estados Unidos, acabou por se tornar a maior igreja metodista do mundo, abrindo missões em inúmeros países.

Em Portugal³⁹, a origem desta igreja resultou essencialmente do testemunho de dois leigos ingleses, Thomas Chegwin, em 1854, e James Cassels, dez anos mais tarde. Ambos criaram pequenos grupos de estudo bíblico, à semelhança do modelo de Wesley. Em 1868, construiu-se a primeira capela metodista em Vila Nova de Gaia, seguiram-se vários apelos à Sociedade Missionária Metodista de Londres no sentido de enviarem um missionário para orientação dos trabalhos. O pedido foi atendido e, em 1871, veio de Londres um jovem ministro: Robert Moreton que, muito prudente, admitia membros

³⁹ “ Some Methodist activity existed in Portugal as early as 1811 amongst the members of the Duke of Wellington’s Peninsular Army, as despatches indicate, and later references show sporadic and isolated work. Real historic connection with the present does not begin , however, until 1853, when a Cornish layman, Thomas Chegwin, inaugurated his class meeting amongst workers in Palhal mines in North Portugal” in *Now*, April 1985, London.

Manuel P. CARDOSO, *Por Vilas e Cidades, Notas para a História do Protestantismo em Portugal*, Ed. Seminário Evangélico de Teologia, Lisboa, 1998, pp. 39,40: “No Norte do país, o protestantismo teve a sua origem na actividade evangelizadora de um comerciante de ascendência escocesa, James Cassels. (...) No princípio de 1868, James Cassels começou a fazer reuniões para estudo da Bíblia e oração em sua própria casa, para as quais convidava os seus vizinhos e amigos. Como se juntasse muita gente, a autoridade civil e religiosa tentou impedir as reuniões - e Cassels, com a ajuda de alguns que às reuniões assistiram, decidiu construir um templo, sem aparência pública de “igreja”, como determinava a lei, a fim de poder continuar as suas reuniões. Desde logo o desejo de Cassels era entregar a capela à Sociedade Missionária Wesleyana (Metodista), de Londres, e por isso foi um enviado daquela sociedade, o Rev. H. H. Richmond quem, em 18 de Outubro desse ano de 1868, ali presidiu ao primeiro culto de consagração da capela. (...) Mas nos primeiros anos Cassels foi pregador leigo e tudo fez para que viesse para Portugal um ministro da Sociedade Missionária Wesleyana. O ministro metodista veio finalmente, chegando ao Porto em 16 de Fevereiro de 1871 e chamava-se Robert Hawkey Moreton. Tinha nascido em Buenos Aires, de um casal inglês, e estudara Teologia no Seminário Teológico Wesleyano de Richmond, Londres. O Rev. Robert H. Moreton organizou a Igreja Metodista, foi indicado como superintendente desta igreja em Portugal e aqui esteve até ao fim dos seus dias, em Fevereiro de 1917.”

após um período de prova prolongada. Edificou-se a Igreja metodista do Mirante, na cidade do Porto e abriram-se escolas primárias. Sucedeu a Moreton o Dr. Alfredo Henriques da Silva que expandiu a obra da igreja ao longo dos anos da primeira república. Da década de 20 à década de 40, a igreja metodista recrutou membros de diversos grupos sociais, aumentou o número de escolas e editou várias publicações, entre as quais o *Portugal Evangélico*, que é das mais antigas publicações evangélicas em Portugal. O isolamento que se sentiu depois desta época obrigou a igreja metodista a recorrer, mais uma vez, ao apoio de Londres que acabou por enviar o Reverendo Stanley G. Wood e, em 1954, o Reverendo Albert Aspey que até 1984 assumiu a liderança desta igreja que passou, depois deste ano, a ter como Superintendente-Geral e Presidente do Sínodo o Reverendo Ireneu Cunha.

A Igreja Evangélica Metodista, mais implantada no Norte do país, em 1906, contava com 10 comunidades e, em 1999, contava com 15⁴⁰. Os metodistas, juntamente com os lusitanos e presbiterianos formaram o Conselho Português de Igrejas Cristãs em 1971 que, no fundo, reunia as três mais antigas igrejas não católicas de Portugal promovendo a cooperação ao nível dos meios humanos e financeiros. Destas três igrejas sinodais, a metodista foi a que menos cresceu em número de comunidades já que, de acordo com a referida fonte, de 1906 para 1999, as comunidades presbiterianas passaram de 9 para 29 e, as lusitanas, de 12 para 18.

A igreja metodista, em Portugal, nunca se empenhou verdadeiramente numa actividade proselitista. Desde cedo, defendeu pontos de vista ecuménicos e manteve boas relações com outras igrejas, inclusivamente com a católica. Em Fevereiro de 1971, na véspera da comemoração do centenário desta igreja em Portugal, ocorreu-lhe algo de singular na história do seu percurso em Portugal. Uma delegação de três anciãos do lugar de Assento, da freguesia de Valdosende, foi a Braga e contactou, pela primeira vez, a igreja evangélica metodista pedindo assistência religiosa. Tratava-se de Afonso António Dias, António Cândido Vieira e António Emídio Araújo. Foram ouvidos pelo pregador de serviço - António Ferreira de Sousa - que lhes prometeu levar a petição ao conhecimento do pastor local, Rev. Francisco Abel Lopes.

No dia 14 do mesmo mês, uma delegação maior renovou em frente ao pastor Abel Lopes o seu pedido. Este prometeu levar o assunto ao conhecimento do

⁴⁰ De acordo com os dados de L. Aguiar Santos in *História Religiosa de Portugal*, Ed. Círculo de Leitores (no prelo).

Superintendente Geral da Igreja Metodista, Rev. Albert Aspey. No domingo , 28 de Fevereiro, Abel Lopes, a esposa, o pregador Schenk Rosa e alguns crentes de Braga deslocaram-se a Valdosende onde foram calorosamente acolhidos. O pastor expôs alguns princípios da Igreja Metodista entre os quais ser “amigo de todos e inimigo de ninguém”, ensinou ao povo o Hino n.º 583 - “Oh! Olhai só para Jesus”- pregou sobre o texto do evangelho de São João, cap. 3:16, e o pregador João Baptista Vieira, de Braga, fez uma exortação sobre a parábola do semeador. Fez-se, também, a distribuição de folhetos evangélicos. A partir desta data, os pregadores metodistas nunca mais deixaram de aí fazer os seus cultos aos domingos.

No dia 3 de Março, o caso foi apresentado ao estudo da Comissão Executiva do Sínodo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, tendo-se aprovado o trabalho já realizado e preconizado o seu prosseguimento. Na Igreja do Mirante, no Porto, no dia seis de Março de 1971, reuniu a Comissão Executiva do Sínodo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, sob a presidência do superintendente geral, Rev. Albert Aspey. Nesta reunião, o pastor Abel Lopes pôs à consideração da Comissão o assunto relativo à abertura da Missão de Valdosende. Relatou que, a sete de Fevereiro, uma delegação da população de Assento (Valdosende), se apresentara na igreja de Braga para pedir que naquela povoação fosse estabelecida uma Igreja Metodista, com a edificação de uma capela para o respectivo culto. Relatou também as negociações efectuadas para aquisição de um terreno, destinado à construção de um templo, de que era proprietário o senhor Bernardino de Jesus Dias Ribeiro, então Presidente da Junta de Freguesia de Valdosende. O Sínodo, por unanimidade, aprovou as negociações efectuadas para a aquisição da mencionada propriedade e, em cumprimento dos Estatutos, designaram-se o pastor Abel Lopes, Henrique da Silva e Afonso Ramos Soares e Anciães Felício para outorgantes na referida escritura pública.⁴¹ A 20 de Março, o pastor Abel Lopes, a arquitecta Maria Júlia Soares, o Dr. Fernando Augusto Soares e outros crentes, escolheram o terreno concedido para a construção da capela pelo Presidente da Junta de Valdosende, retirado da sua propriedade “Bouça do Outeiro”, junto ao cemitério do lugar de Assento.

Em 9 de Abril, na Sexta-Feira Santa, Albert Aspey, na companhia da esposa e do Secretário da Sociedade Missionária Metodista de Londres, Rev. Ceryl Davey, do

⁴¹ Estas decisões constam na acta n.º 152 da Comissão Executiva do Sínodo da Igreja Metodista.

pastor Abel Lopes e de numerosos crentes do Porto e de Braga, visitou a povoação de Valdosende e, depois de recebido em triunfo, pregou o evangelho ao povo ali reunido.

No dia 10 de Abril, o pastor Abel Lopes fez o primeiro funeral pelo rito metodista: o de Deolinda M.^a Fernandes. Esta senhora, de cidadania americana, pertencia à Igreja Metodista de Massachussetts e era esposa de um emigrante de Assento nos Estados Unidos, Arménio Lourenço. E, no dia 11 de Abril, no culto da manhã da Igreja de Braga, baptizou-se a primeira criança de Valdosende, pelo rito metodista. A primeira criança baptizada pelos metodistas em Valdosende foi Bernardino Pires Ferreira, no dia 29 de Agosto de 1971. No Domingo de Páscoa, de tarde, o pastor Abel Lopes celebrou o culto ao ar livre e, por chover, deu-lhe continuidade num palheiro. Dado o significado daquele dia, excepcionalmente ministrou-se a comunhão a 145 pessoas. Ainda neste culto, o Dr. Armando Amadeu da Rocha Marques, delegado do Procurador da República, por ser natural de Terras de Bouro, deu um testemunho da forma como ele próprio abraçara a fé evangélica que estava agora a ser anunciada ao povo da terra.

Em Maio, fez-se também a festa das mães com muita adesão por parte de adultos e crianças. Ainda em Maio fez-se, no cartório notarial de Amares, a escritura do terreno para a construção do templo metodista. No dia 22, desse mês, na reunião plenária do Sínodo da Igreja Metodista Portuguesa, Abel Lopes, comunicou a efectivação da escritura, apresentou o projecto e a maqueta da construção da capela de Valdosende.

De 15 de Agosto a 15 de Setembro, sob a direcção da esposa do pastor, funcionou um campo de trabalho de férias, com a participação de 43 jovens das Igrejas de Braga, Águas Santas, Lordelo, Aveiro e da Igreja Lusitana do Torne. Estes jovens, entre outras actividades de ajuda nos trabalhos agrícolas, de alfabetização e religiosas, abriram os alicerces do templo e, no dia 27 de Agosto, foi dado, pela Câmara Municipal de Terras de Bouro, o despacho para a construção do templo metodista. O próprio Presidente da Câmara, Adelino Faria Ferreira, diligenciou pessoalmente junto ao Ministro do Interior, Gonçalves Rapazote, que deu um parecer favorável como reconhecimento e garantia da Lei da Liberdade Religiosa, recentemente promulgada pelo Presidente Américo Tomás. Os trabalhos de abertura dos caboucos do templo iniciaram-se no dia 9 de Setembro e, além dos jovens do campo de férias, também participou a população de Assento. Os cultos, que até 22 de Agosto se celebraram ao ar livre, numa eira do senhor Afonso António Dias, passaram a fazer-se, a partir desta data, numa casa

do senhor Arménio Lourenço. No dia 25 de Setembro celebrou-se, na Igreja de Braga, o primeiro casamento metodista de Assento: de Manuel António Fernandes Lourenço e Albina Maria de Almeida e Silva Campos Lourenço. No Domingo, 10 de Outubro, sob a direcção do Superintendente da Igreja Metodista Portuguesa, Rev. Albert Aspey, coadjuvado pelo pastor Abel Lopes, teve lugar um culto em que foram admitidos por profissão de fé 98⁴² membros comungantes, constituindo-se, assim, a Igreja Evangélica Metodista de Valdosende. Foi também neste dia que, se fez em Valdosende o lançamento da pedra angular do templo metodista. O Sínodo formara já uma comissão responsável pela obra, constituída por Abel Lopes, pela architecta responsável pelo projecto, por Bernardino de Jesus Dias Ribeiro e outros habitantes de Assento entre os quais, Afonso António Dias, Bernardino de Campos, Manuel Joaquim Pereira, Bernardino Ferreira da Silva, António Cândido Vieira e Valério Gonçalves.

Depois do primeiro contacto, os metodistas actuaram de uma forma rápida e consistente, ou seja, tudo o que se fez neste ano de implantação, demonstra solidariedade pela causa de Assento, na medida em que se considera totalmente incorrecto o “abandono religioso” imposto pela hierarquia católica com o encerramento da igreja paroquial. Após o contacto com o referido lugar, quase de imediato, no dia 28 de Fevereiro, o pastor Abel Lopes dirige-se à aldeia. Seguia-o uma caravana de automóveis com crentes de Braga. Ao longo deste ano, outras demonstrações de apoio se seguiram: o próprio Superintendente Geral da Igreja Metodista, Albert Aspey, deslocava-se a Valdosende na Sexta Feira Santa, acompanhado do Secretário da Sociedade Missionária de Londres. A data era simbólica para todos os cristãos e, para o povo de Assento, revestia-se de um significado solene: tinham acompanhamento religioso em momento tão importante para a comunidade e demonstravam aos outros lugares da freguesia, ao pároco e à hierarquia católica como eram acolhidos pelos altos representantes da nova igreja. Na cerimónia de profissão de fé, além da presença do Superintendente da Igreja Metodista em Portugal, outros nomes deram testemunho e falaram das suas experiências, apelando a sentimentos comuns.

⁴² Este é o número que consta de um memorial redigido pela esposa de Abel Lopes, Arminda Rosa Neves Gonçalves Lopes, e que foi colocado junto à pedra angular do templo metodista de Valdosende. No nº 613-615 do *Portugal Evangélico* refere-se: “foram feitas as profissões de fé das primeiras pessoas, num culto memorável”. Inicialmente seriam 86 pessoas, mas acabaram por aderir outras, num último momento. Contudo, o livro de membros da igreja metodista apenas regista 86 membros.

É evidente que, desde a primeira ida do pastor metodista a Valdosende, se realizaram cultos todos os Domingos. Por outro lado, mediante a análise das características do meio, a igreja evangélica procurou desenvolver obras de carácter social que fossem ao encontro das necessidades da população, a saber: a criação de um posto clínico e de uma creche, o apoio alimentar, a alfabetização e ensino de hábitos de higiene, o lançamento de campos de trabalho para jovens durante o período das férias escolares. Paralelamente, fez-se a corresponsabilização dos líderes locais. A igreja metodista atribuiu-lhes tarefas que exigiam empenhamento e dedicação, como sucedeu ao nomear a comissão encarregada das obras de construção da capela metodista. A desejada assistência religiosa foi, na verdade, efectiva: fizeram-se baptizados, casamentos e funerais segundo o rito metodista. O povo de Assento libertava-se das humilhações sofridas durante o processo de cisão com a Igreja católica e fazia-o com grandes demonstrações exteriores de satisfação.

O contexto nacional também foi aproveitado. Por um lado, explorou-se o clima de maior tolerância religiosa, pois envolveram-se autoridades civis no sentido de actuarem em conformidade com a nova Lei da Liberdade Religiosa, obtendo-se rapidamente o despacho municipal que autorizava a construção do templo. Por outro, após a substituição de Salazar em 1968, Marcello Caetano confrontou-se com a subida de tom da agitação interna, com o agravamento da situação militar das colónias e a contestação estudantil e operária, ganhando inegável significado o facto de, em um de Julho de 1970, o papa Paulo VI haver recebido os líderes dos três movimentos de libertação das colónias portuguesas. Apesar de se tratar de uma audiência de apenas sete minutos, teve efeitos profundos nas relações entre Roma e o Estado, acabando por alertar as consciências dos cidadãos entre os quais muitos católicos⁴³ para as injustiças da

⁴³ As tomadas de posição de sectores católicos contra o regime de Salazar não eram inéditas. Desde a campanha de Humberto Delgado à Presidência da República, que eram enviados abaixo-assinados de católicos, incluindo padres, criticando o conluio entre o Estado e a Igreja. O próprio bispo do Porto demarcara-se do regime na sequência destas eleições. Os “católicos progressistas” eram rapidamente silenciados mas as críticas eram imparáveis: “o Manifesto dos 101” provocou mesmo reacções por parte dos sectores da igreja que permaneciam afectos ao regime. Um documento de um grupo de estudantes católicos do Porto inspirado na encíclica “Pacem in Terris”, chega a Roma e é distribuído entre os padres conciliares. Vários párocos denunciaram a guerra colonial como o padre Felicidade Alves ou o padre Mário de Oliveira. Em 1969, nas celebrações do Dia Mundial da Paz, em Lisboa e no Porto as críticas sobem de tom. Na igreja de São Domingos faz-se uma vigília sob o tema “Vemos, ouvimos e lemos: não podemos ignorar”. No Porto é distribuído, à porta das igrejas, o documento “Porquê o dia Mundial da Paz?”. De 1970 a 1974 os acontecimentos sucedem-se: alguns católicos chegam a ser presos; missionários e outros religiosos que se encontravam no ultramar, denunciam massacres e atrocidades da guerra, permitindo que a realidade colonial fosse conhecida em todo o mundo. Aparecem publicações clandestinas que condenam a guerra e, a partir da “Vigília do Largo do Rato”, em 1973, da qual, apesar

guerra, enquanto o governo continuava a justificá-la como forma de defesa da civilização cristã.

Do ponto de vista da liturgia, alguns evangélicos radicalmente anti-católicos, acabaram por fazer algumas críticas ao pastor, pois em Valdosende não se fez um corte absoluto em relação a algumas tradições católicas. As imagens não foram completamente abolidas e as características musicais daquela região foram introduzidas nos cânticos e hinos dos cultos metodistas. Reavivaram-se tradições locais de representação teatral e musical que eram apresentadas publicamente em momentos festivos, como foi o caso do *Auto da Maria da Fonte*, que quase caíra no esquecimento.

Pode dizer-se que em Valdosende, a igreja Metodista, enveredou pela acção. A presença do pastor Abel Lopes e da esposa Arminda Rosa Neves Gonçalves Lopes desenvolveu uma sensibilidade aberta aos problemas reais da comunidade local. Ao aperceberem-se que, naquela terra, as crianças não bebiam leite mas sim vinho, procuraram ajudas internacionais e, junto do Conselho Mundial das Igrejas conseguiram o fornecimento de leite em pó às famílias mais carenciadas. No Natal de 1971, além do fornecimento de leite, distribuíram-se roupas e brinquedos às crianças de Valdosende. Nesse mesmo ano, mas em Agosto e Setembro, ao verificarem inúmeros casos de raquitismo, enviaram 53 crianças de Valdosende para a praia. A maior parte destas crianças nunca tinha visto o mar. Projectou-se a construção de um Centro Social, que além de garantir um serviço de creche, pôs em funcionamento um posto clínico com médico e dentista. Fizeram-se acções de alfabetização e de sensibilização higiénica e alimentar. A mulher do pastor e os jovens que participavam nos campos de trabalho que anualmente se iam realizando, tiveram um papel determinante, a ponto de darem grande colaboração na execução de trabalhos agrícolas, arranjo de caminhos e nos trabalhos de construção do templo. Para a conclusão da capela, conseguiu-se que uma senhora do Porto oferecesse o sino e enviou-se uma missiva a várias comunidades metodistas do país, pedindo a sua ajuda na aquisição de bancos, sugerindo-se uma contribuição na ordem dos 500\$00 por comunidade para suportar o custo de cada, com o compromisso

da intervenção da polícia que levou à prisão de alguns participantes, saiu a aprovação de uma moção contra a política colonial, o movimento de reflexão espalha-se por diversos pontos do país. Ver: "Católicos Progressistas" (Maria Inácia Rezola) e "Vigília da Capela do Rato" (Nuno Teotónio Pereira) in *Dicionário do Estado Novo*, dir. Fernando Rosas e Brandão de Brito, vol. I e II, Círculo de Leitores, 1996.

de se afixar no respectivo banco uma placa com o nome dos patrocinadores. A dada altura, os metodistas também se empenharam na luta pelo abastecimento de electricidade à aldeia. Alertaram a imprensa e as entidades responsáveis para a contradição que constituía o facto da aldeia ainda não ter luz eléctrica e situar-se, com prejuízo do alagamento dos seus melhores campos de cultivo, junto de uma das maiores barragens do país, a barragem da Caniçada.

Mais uma vez a imprensa correspondeu, fazendo eco do desenvolvimento da situação em Valdosende: a 21 de Outubro de 1971, o *Jornal de Notícias* recolhe depoimentos dos populares, do padre António Firmino Figueiredo, do presidente da Junta de Freguesia e do Superintendente da Igreja Metodista; em Novembro desse ano também a *Vida Mundial* dedica algumas páginas aos acontecimentos de Valdosende e no *Portugal Evangélico*, de Novembro de 1971 a Janeiro de 1972, o próprio pastor Abel Lopes faz um relato dos episódios mais significativos. No artigo do *Jornal de Notícias* - "Migração religiosa numa aldeia do Minho. Ilha de Protestantismo num mar de catolicismo" - o pároco de Valdosende dá conta do início do conflito e do estado em que se encontrava a residência paroquial, refere a existência de um projecto de construção de um centro paroquial que agregasse uma nova residência, uma nova igreja, um novo cemitério e um salão, menciona os resultados da votação e a reacção dos párocos vizinhos. Faz a sua defesa e argumenta que, quando assumira o compromisso de ir a Assento celebrar as missas dominicais, apareciam poucas pessoas e relembra os episódios que o levaram a encerrar a igreja. As palavras dos populares entrevistados aludem à "grande satisfação que sentem pela presença dos protestantes". O presidente da Junta, que era o Sr. Bernardino Ribeiro do lugar de Assento, considera que o facto de terem chamado os protestantes não era só "uma questão de orgulho", mas também uma questão de "disponibilidades económicas" dado que a construção do novo centro paroquial exigia verbas que a população não tinha, afirmando: "aqui não há ricos mas pequenos agricultores". Afirma que escreveram ao Núncio e tentaram ser ouvidos pelo Cardeal Cerejeira, mas "mandaram-nos entender com o arcebispo de Braga". Falando da hierarquia católica, diz: "trataram-nos por parolos. Não souberam levar-nos a bem. Antes dominavam-nos mas agora os homens já foram à Lua. E o senhor Presidente do Conselho deu religião livre. A coisa mudou. Nem apareceu a polícia de investigação."

Neste artigo do *Jornal de Notícias* faz-se também referência a um boletim católico inter paroquial denominado *Encontro* e cita parcialmente aquilo que nele se escreveu sobre os protestantes de Valdosende: “é sempre a mesma maçonaria disfarçada ... a enganar e a explorar o povo ignorante e simples”. No depoimento de Albert Aspey sublinha-se que não foram os metodistas a procurar as pessoas de Valdosende, mas sim estas a procurá-los, acentuando que há um só cristianismo com várias maneiras de apresentar a fé.

A *Vida Mundial* faz uma ampla caracterização da aldeia e da vivência religiosa tradicional, “mais vivida do que pensada”; apresenta informações obtidas a partir de depoimentos dos populares que, mais uma vez, narram o início das discórdias, com expressões como estas: “o nosso padre deixou-nos abandonadinhos como cães. Nem baptizados, nem funerais... e só porque queria uma igreja nova e uma residência nova... queriam obrigar-nos a pagar lá para baixo...vendeu a residência e duas leiras por uma côdea...o arcebispo nunca nos recebeu...” etc, etc. Também se entrevista o presidente da Junta que revela entusiasmo pela presença dos metodistas, destaca as acções que desenvolveram ao nível da alfabetização da população, da criação de um lar para os estudantes de Assento que iam estudar para Braga, do auxílio de grupos de jovens nos trabalhos agrícolas.

Estes artigos do *Jornal de Notícias* e da *Vida Mundial* foram escritos durante o ano de implantação da Igreja Metodista em Valdosende e espelham a estranheza geral perante a instalação desta igreja no coração do catolicíssimo Minho; tentam fazer uma retrospectiva dos acontecimentos que conduziram a semelhante desfecho, salientando o dinamismo da nova comunidade. Nunca o povo de Assento tivera tanto protagonismo. Se até ali ninguém os ouvia, agora passam a ser procurados para entrevistas, tornaram-se notícia a nível nacional. O *Portugal Evangélico*, órgão oficial das igrejas metodistas e presbiterianas em Portugal, narra também o sucedido em Valdosende desde o momento em que os evangélicos foram contactados. Sem qualquer alusão às circunstâncias que conduziram os populares a pedir-lhes auxílio, atribuem-no à providência divina, considerando-se que foi um presente de Deus em plenas comemorações centenárias do estabelecimento da Igreja metodista em Portugal. Sublinha-se que os populares de Assento sem qualquer assistência religiosa, não podiam viver assim, pelo que precisavam de quem os conduzisse nos caminhos da fé: “não vinham movidos por azedume solicitar apoio para qualquer luta de controvérsia doutrinária por cisão ou oposição religiosa”,

pediam só que as suas “almas fossem amparadas com a graça de Deus cada dia e sobretudo nos momentos cruciais da vida – no baptismo, no casamento, na morte”⁴⁴. Não se faz referência alguma ao processo que levou à transferência dos privilégios paroquiais de Assento para Paradela nem se justifica o alegado abandono religioso. Considera-se impressionante a seriedade dos representantes do povo da aldeia, a dignidade do seu porte e o “anseio patético” posto na formulação do pedido: “tão graves, tão francos e tão modestos em si próprios, que seria desumano não lhes prestar a devida atenção ou iludi-los com uma resposta vaga”, não pedindo eles mais do que “aquilo que a igreja proclamava oferecer”. Descrevem-se seguidamente, por ordem cronológica, todas as acções empreendidas pelos metodistas naquele primeiro ano de implantação. Em pouco tempo, os metodistas desenvolveram tantas iniciativas e deram tanto apoio aos habitantes do lugar de Assento que, quando a Igreja Católica, verificando o rumo dos acontecimentos, propôs a reconciliação, a população de Assento recusou voltar as costas aqueles que os tinham auxiliado. A Igreja de Assento foi reaberta: a situação de encerramento manteve-se “até 2 de Novembro de 1971, dia dos Fiéis Defuntos, data em que o Vigário Episcopal da zona, P. Eduardo de Melo Peixoto, se desloca ao lugar de Assento, acompanhado do pároco, para celebrar a Santa Missa. E assim foi quebrado um bloqueio que durava há 13 meses.”⁴⁵

Em Novembro de 1971, os chefes de família do lugar de Assento receberam a seguinte carta:

“Irmão em Cristo: fazendo votos a Deus pelo seu bem-estar e da sua família, rogo me atenda, embora seja para si um desconhecido. Todavia, conforme ao Evangelho, sentimo-nos irmãos... e é nesta qualidade que eu escrevo e peço procure entender-me. Quero afirmar-lhe que não venho abrir polémica, não desejo tocar em factos passados, nem mesmo procuro razões. Unicamente ao escrever penso na urgente necessidade que todos sentimos de reviver em pleno a unidade espiritual e fazê-la vida palpável no ambiente familiar, no trabalho e no convívio social. O demónio, “pai da mentira”, astutamente, com subtileza e arte, quer triunfar na luta por ele aberta entre o povo de Deus. Espero, irmão, que Cristo a todos conceda a graça de nos fazer ver claramente qual o seu interesse. Sabemos que o Pai não permitirá que sejamos tentados além das nossas forças... e tantas vezes, por certo, demos testemunho desta verdade. Chegou a

⁴⁴ *Portugal Evangélico*, nº 613-615, 1972.

⁴⁵ *O Caso de Valdosende*, Edições Cenáculo, p 12.

hora de testemunharmos, uma vez mais, com verdadeiro espírito, a doutrina por nós conhecida. Quero dizer-lhe que, nos desentendimentos entre irmãos, importa que vença sempre o “irmão mais velho”: Cristo! Deixemo-lo vencer! Que seja ele o grande vencedor! É para isso que venho junto de si. Rezemos, confiadamente, para que reine entre todos a paz e a concórdia! No próximo domingo, dia 14, e nos seguintes, de acordo com o vosso pároco, será celebrada pelas 10 horas a Santa missa na Igreja de Valdosende. Cristo e a igreja contam Convosco!

Grato pela atenção, Padre Eduardo de Melo Peixoto.”

Esta carta, datada do dia onze, provocou reacções em Assento: “os padres católicos que, ao princípio, nos desprezavam, agora já nos mandam cartas a pedir para voltar atrás... até já cá houve missa. Veio um padre de Braga, mas não foi lá ninguém.... todos podem falar: estamos mais contentes com esta religião. Diz mais cá dentro. A gente compreende melhor. Sentimos que é coisa nossa. Já há gente que tem vindo pedir aos nossos pastores para irem à terra deles...”⁴⁶. O povo de Assento reconhece também as obras dos protestantes: “Como fomos abandonados pelos padres católicos, fomos a Braga pedir auxílio a estes senhores. Que não nos deixassem escanzelados. E vieram cá a primeira vez no dia 28 de Fevereiro e nunca mais nos abandonaram e olhe que não levam dinheiro de cá. Até tem havido por aqui coisas muito lindas. No Verão passado, estiveram cá, a viver connosco, estudantes que vieram de Lisboa, Porto e Coimbra. Viveram connosco, nas nossas casas, comeram connosco, ensinaram e ajudaram. Olhe, aquela mulherzinha que está ali - anda cá, ó Maria - Aprendeu a ler em quinze dias. Já lê as cartas do marido que está na França. É que nós tínhamos cá muita gente que não sabia ler. Agora temos menos e para o ano ficamos, certamente, sem ninguém. Temos também muita falta de braços. A gente foge para longe, porque as terras são pobres.... Estes rapazes e raparigas da Universidade voltam cá para o ano, nas férias, para nos auxiliarem nas colheitas. Também já conseguimos que uma pequena vá estudar para o liceu. Os pais não têm quase nada, mas com o auxílio da nossa Igreja conseguimos-lhe uma mensalidade. Somos todos mais amigos uns dos outros.”⁴⁷

⁴⁶ Entrevista a um popular de Assento publicada na Revista *Vida Mundial* de 26 de Novembro de 1971, ano XXXIII-nº 1694.

⁴⁷ Ibidem.

O recém-nomeado Vigário Episcopal⁴⁸, P. Eduardo Melo Peixoto, promoveu também uma reunião em casa do Sr. Ribeiro (presidente da Junta e proprietário rural), levou pessoas influentes do concelho de Terras de Bouro, procurando que a população de Assento regressasse ao catolicismo. De acordo com testemunhos dos populares, tentaram convencer o povo de que os protestantes “eram como os carraços”, agarravam-se para ficar. Contudo os homens de Assento argumentavam que os protestantes só lhes fizeram o bem. As mulheres, fora da porta, pediam aos maridos que recusassem as propostas e a decisão final foi tomada de acordo com os princípios comunitários: traçou-se um risco no chão e os que quisessem que os protestantes saíssem de Valdosende passavam para um lado, enquanto os que votassem a favor da sua permanência passavam para outro. A população votou em peso pela permanência dos evangélicos. A recuperação de Assento para o catolicismo falhara. Valdosende é ainda um caso embaraçoso para as autoridades religiosas de Braga, como de certa forma, parece indiciar o facto do actual Vigário Geral de Braga não nos ter facultado o acesso à documentação relativa a este caso. No início de 1972, o pároco António Firmino Figueiredo é substituído pelo padre Manuel Sá Ribeiro. A igreja católica continuou a manter a celebração dos actos litúrgicos em Assento, nunca mais voltou a encerrar a

⁴⁸ De acordo com a entrevista realizada ao cônego Eduardo de Melo Peixoto no dia 28 de Junho de 1999, este encontrava-se em Salamanca, na Faculdade de Direito, quando surgiu a questão de Valdosende. Contactou com o problema, quando foi responsabilizado pela Vigararia Episcopal em que Amares e Terras de Bouro estavam incluídas. Procurou de imediato inteirar-se do assunto. Depois da sua nomeação, deslocou-se ao lugar de Assento e falou com algumas pessoas que estavam aborrecidas com a forma como foram recebidos no Paço Arquiepiscopal, com a solução encontrada e sobretudo com a “fuga” do P. António Firmino Loureiro Figueiredo. Fez diligências várias: resolveu, de acordo com o padre Figueiredo, reabrir a igreja no dia de Finados. Nada conseguiu. Nunca se encontrou com qualquer responsável metodista embora tenha manifestado disponibilidade para o diálogo e lembra um artigo da autoria do pastor de Valdosende publicado no *Correio do Minho* que considerou ofensivo em relação a si próprio e ao clero do arceprelado de Amares. Considera que os metodistas não foram leais nem actuaram de acordo com os princípios do ecumenismo, pois aproveitaram um vazio que provinha de uma “birra” e não de problemas de fé para actuar. Como Igreja Cristã, antes de se implantarem, deveriam ter conversado com os responsáveis católicos. Afirmar que o contacto da população de Assento fora uma “dádiva de Deus” não justifica o que fizeram — uma atitude incorrecta e anti-ecuménica. A população de Assento ia ao culto metodista e ia também à missa em São Bento da Porta Aberta. Sabe que muitos habitantes regressaram à igreja católica, porque começaram a ter problemas de consciência. O pastor, muito hábil, tomou atitudes pelas quais procurou cativar as pessoas. Uma zona com uma certa pobreza viu imensas coisas que lhe foram dadas e vinham pessoas de fora fazendo comparações, julgando que nesse ponto tinha ocorrido mais uma deslealdade, porque havia, na freguesia, lugares mais pobres que Assento. Efectivamente Valdosende é, para si, um ghetto que dificilmente desaparecerá, porque a igreja católica não faz investidas, não faz contra-ataques e portanto as pessoas terão liberdade para optar. Está, no entanto, convencido que não houve o cuidado que devia haver para levar a bom termo toda a questão: as pessoas ficaram chocadas com as atitudes que foram tomadas, como a venda da residência paroquial, dos terrenos envolventes..., mas a origem de todo o problema foi a determinação do pároco e da Comissão Fabriqueira em querer construir a igreja no lugar central da freguesia. Actualmente se pudesse haver um diálogo franco e aberto com todo o espírito ecuménico seria vantajoso.

igreja mantendo as festas e cerimónias católicas naquele lugar. Porém, a maioria da população permaneceu ligada à igreja evangélica metodista. O novo templo católico acabou por ser erguido no lugar do Chamadouro e a pedra angular data de 1975.

Verifica-se, deste modo, que a ligação da população de Assento ao metodismo está profundamente relacionada com toda a obra que estes foram desenvolvendo em Valdosende e com as características dos novos líderes religiosos.

III-TRÊS DÉCADAS DE DINÂMICA PASTORAL E SOCIAL DA COMUNIDADE METODISTA DE VALDOSENDE

Tomada, por certo, de conversas, gravações e análise de fotografias, esta parte está redigida com uma sujeição excessiva à oralidade e à abundância de pormenores.

III.I- Pioneiros

Abel Lopes e Arminda Lopes foram os grandes obreiros da igreja evangélica metodista de Valdosende. Por isso importa conhecer os seus percursos, para que se compreenda a raiz de tal permanência do metodismo num meio que à partida poderia ser considerado bastante hostil. Houve, como verificaremos, vivências e características que ajudam a explicar o êxito da missão que iniciaram. Francisco Abel Lopes, nascido em 1921, natural de Paranhos, Porto, e falecido em Dezembro de 1991, foi o fundador da Igreja Evangélica Metodista em Valdosende. O seu avô paterno era natural da Sertã, Viseu, e de apelido Lopes Fidalgo. Migrou para o Porto empregando-se, primeiro, como “moço de lavoura” na quinta onde trabalhava a mulher com quem viria a casar. Trabalhou depois como “ourífico” numa firma localizada junto à antiga Faculdade de Engenharia do Porto, a famosa Companhia Aurificia. Todos os anos faltava no dia 1 de Maio e, inquirido pelo patrão acerca da razão pela qual o fazia, respondia que, enquanto houvesse Sexta-Feira Santa, também haveria 1º de Maio. Era profundamente anti-clerical e esse sentimento teria a ver com o facto de uma irmã deficiente ter sido molestada sexualmente por um padre. Com o advento da República retirou o nome Fidalgo, não se sabendo se por livre opção se pela força das circunstâncias. A avó paterna oriunda de La Salette, Oliveira de Azeméis, fora uma menina da “roda”, resgatada pela sua própria avó que nessa altura fazendo as vezes de mãe, tendo-a amamentado e criado. Trabalhou como vendedeira de hortaliça no mercado do Bolhão. De forte personalidade e com capacidade de comando tinha grande capacidade de trabalho, fixou residência na Rua do Monte Pedral onde nasceram vários filhos e filhas.

Apesar das críticas aos padres, o chefe de família deixou que todos frequentassem a igreja católica local. Nessa altura, estavam a iniciar, porém, as escolas “diárias” da igreja metodista do Monte Pedral, e um dos filhos - João Lopes, pai de Abel

Lopes - começou a frequentá-la. Posteriormente continuou os seus estudos na escola da igreja metodista do Mirante, onde concluiu o curso de comércio. Já a cumprir o serviço militar, interessou-se pela enfermagem. Na primeira guerra mundial esteve em França como enfermeiro mas foi evacuado antes do final da guerra por ter sofrido os efeitos do gás mostarda.

O avô materno de Abel Lopes era da Beira Alta e a avó materna era originária de Vieira do Minho. A mãe de Abel Lopes, nasceu na rua Nova do Regado onde viria a morar com o marido. Do casal nasceu Abel, Josefa, António e Maria Arminda. Apesar de a mãe de Abel Lopes ser católica praticante, os filhos frequentavam as escolas diárias do Monte Pedral. Os parentes maternos nunca aceitaram bem o facto do casal autorizar a presença dos filhos nas escolas do Monte Pedral e, quando João Lopes morreu, em 1938, respeitou-se a vontade do chefe de família, ou seja, a da ida dos filhos para aquelas escolas. Depois da sua morte de João Lopes, a família começou a ter algumas dificuldades económicas, mas os parentes maternos, apesar do relativo conforto financeiro, não prestaram qualquer apoio. Abel Lopes encontrava-se então no quarto ano do liceu. Matriculado no liceu Rodrigues de Freitas, Abel Lopes, frequenta o quinto ano com isenção de propinas pelo facto de ser órfão, mas os problemas domésticos sobrepõem-se e reprova o ano, perdendo o direito à bolsa e a uma “pensão de sangue para toda a vida”. Essa pensão tinha-lhe sido atribuída devido a uma doença contraída em criança. É então ajudado economicamente por alguns frequentadores do Monte Pedral graças aos quais acabou por repetir o ano com sucesso. Ao sentir-se com vocação, diz em casa que quer ser missionário em África, o que agrava as dificuldades da família, já com a segunda guerra mundial à porta. A viúva recorre então aos responsáveis do Monte Pedral, nomeadamente a J. P. da Conceição e ao pastor que conseguem dissuadi-lo, acabando por ir trabalhar para os escritórios da firma Monteiro Bessa Ribas, no Ameal.

Todos os irmãos frequentavam assiduamente as actividades da Igreja, à excepção de Josefa, que, por ser a mais velha, era chamada para ajudar a avó que vendia hortaliças no Bolhão. Nos anos trinta e quarenta, a média de frequência destas escolas andava pela ordem dos trinta-quarenta alunos. Existiam escolas dominicais com catorze classes, sete femininas e outras tantas masculinas. A participação no culto dominical rondava as trezentas pessoas, chegando no Domingo de Páscoa às quinhentas pessoas. Havia actividades diversas entre as quais os passeios campestres, realizavam-se visitas a

colégios de orfãos a quem eram entregues pequenas lembranças, plantavam-se árvores na cidade. Era habitual realizarem-se “concursos bíblicos” que eram jogos de destreza aos quais estava subjacente o conhecimento de toda a Bíblia. Festejava-se também o Dia da Mãe, a Festa das Colheitas, o Dia de Ramos, a Semana Santa etc. Nestas actividades era normal enviar-se convites a outras igrejas metodistas e, além dos cultos solenes faziam-se pequenas festas nos salões sociais: recitavam-se poesias, faziam-se representações teatrais, audições de coros juvenis, infantis etc. Tanto a igreja do Monte Pedral como a do Mirante tinham boas bibliotecas. Havia também os passeios da Associação Cristã da Mocidade (A.C.M.) onde, para além de metodistas, se juntavam lusitanos, mais tarde membros dos irmãos, pentecostais e baptistas.

A Igreja do Monte Pedral era responsável por uma pequena missão em Contumil, Abel Lopes começou por aí dar explicações de inglês onde teve como aluna Arminda Rosa Neves Gonçalves, seis anos mais nova, que viria a ser posteriormente sua mulher. Na última classe da escola dominical inicia uma actividade que estreitaria relações entre evangélicos. Reuniam-se uma vez por mês, era apresentado um tema, discutido e apresentado outro tema para a reunião seguinte, dando tempo para investigar e aprofundar conhecimentos. Para estas reuniões que inicialmente se faziam apenas com jovens do Monte Pedral, começaram a ser convidadas pessoas de outras igrejas metodistas e, mais tarde, lusitanos, irmãos, baptistas e pentecostais que, por suas características congregacionais, acabavam por se conhecer melhor e a criarem laços que vieram a permanecer.

Outro espaço muito atractivo para os jovens desse tempo eram as Associações Cristãs da Mocidade, onde existia um orfeão muito conceituado no Porto. Aí se falava dos mais diversos assuntos, convidavam-se pessoas qualificadas para palestras sobre os mais variados temas. Havia tertúlias de filosofia, poesia, etc, fomentavam-se as actividades desportivas, promoviam-se cursos de línguas e de dactilografia, etc.

No final da guerra, Abel e Arminda decidem casar e partir para África. Havia um lugar como professor primário em Angola, na longínqua Malange e desconhecida Quéssua. O casamento foi em Novembro de 1947 com viagem marcada para fins de Janeiro de 1948. O sonho de Abel Lopes vinha do tempo da escola, quando receberam a visita de um missionário e ouvira um discurso que lhe despertara a vontade de segui-lo. Para que o trabalho na classe da escola dominical não esmorecesse, um médico de Vila Franca de Xira, o Dr. Luís Pereira, passaria a fazer as viagens até ao Porto, a fim de

prosseguiu o trabalho iniciado. Este homem, que viria a ser bispo da Igreja Lusitana, foi também seu padrinho de casamento.

A família paterna de Arminda era originária de Vilas Ruivas, concelho de Vila Velha de Ródão. O avô paterno trabalhara como estampador têxtil em Portalegre. O pai tinha outros irmãos que foram viver para Lisboa, e um para Leiria, emigrando outro para os Estados Unidos. O seu pai que ingressara no exército fora colocado no Porto onde conheceu a mãe de Arminda, casaram e nasceram quatro filhos: Olímpio, Amélia, Arminda e José. Tendo participado no contra-golpe de 3 de Fevereiro de 1927, no Porto, o pai de Arminda, é detido e enviado para Bragança, e passados alguns meses, foi-lhe fixada residência em Silvalde (Espinho). Com a amnistia concedida por Salazar aquando da constituição do Estado Novo, voltaram novamente para o Porto e ficaram a residir em Contumil. Arminda Rosa fez toda a escola primária na Corujeira onde o pai dava aulas de Ginástica, fazendo a sua primeira comunhão na igreja católica. A mãe, de nome Elvira, estudou na Escola Normal para ser professora e frequentou a Universidade Livre, criada por Bento Jesus Caraça, mas deixou os estudos quando se casou. Já com todos os filhos nascidos, os pais de Arminda Rosa Neves Gonçalves mudam os seus hábitos religiosos: passam a frequentar a missão evangélica metodista de Contumil e toda a família começou a participar nas actividades da igreja e em cursos de violino e piano na A.C.M. Depois de concluir a escola primária, Arminda não prosseguiu estudos, ficou por casa a aprender as tarefas domésticas, mais tarde passou a trabalhar nos armazéns do Chiado, mas, de seguida, foi para a Companhia dos Telefones. Entretanto, a família mudou-se para a rua do Monte Pedral e passou a frequentar a igreja. Na altura, rebenta a segunda guerra mundial e o pai é chamado a prestar serviço em Moçambique. Arminda frequentou aulas nocturnas na Escola Mousinho da Silveira, onde foi aluna de Pedro Homem de Melo, mas acabou por desistir dos estudos. No início da década de 50, a família adquire uma casa em Silvalde e o pai empregou-se no casino de Espinho.

Como professor primário em Angola, Abel Lopes conseguiu, pela primeira vez, em toda a Província, que quatro meninas africanas concluíssem a quarta classe, com exames públicos em Malange. A esposa organizou cursos de higiene, puericultura e labores para jovens raparigas. A missão metodista de Quéssua distava cerca de 16 Km de Malange. Aí morre, com poucos meses de vida, a primeira filha do casal. Em apenas cinco anos, conheceram diversos aspectos da realidade angolana: as diferenças étnicas, linguísticas, tribais e fisionómicas, e Arminda Lopes interessou-se pelo kimbundu, assim

como pela recolha de tradições orais. Em Setembro de 1952, nasce outra filha: Magda Davina. Abel Lopes fez longas viagens para participar em reuniões, inclusivamente, da Aliança Evangélica. Em Quéssua, por acção do pastor local, decide tornar-se pastor. Em Janeiro de 1953, a família regressa a Portugal e a sua casa passa a ser, desde então, um local de saída e entrada de antigos alunos africanos, de pastores, de missionários norte americanos e canadianos e mesmo de outras denominações. O objectivo do regresso era o de fazer o curso de teologia no seminário e voltar a Angola como pastor.

O protestantismo era, naquela época, encarado como uma força desnacionalizadora e descaracterizadora da verdadeira identidade portuguesa. Para o regime de Salazar, os protestantes eram suspeitos, vistos como elementos desagregadores e até perigosos do ponto de vista político. Embora Abel Lopes tenha regressado em 1953, não deixa de ser particularmente interessante aquilo que se encontra num relatório de 1959 de uma missão para o estudo da missionologia africana pertencente ao arquivo de Oliveira Salazar (AOS/ CO/ UL-37, pasta 5). Agradece-se ao Dr. Manuel Loff, professor na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a amabilidade de nos facultar a sua utilização pois este documento da maior importância foi elaborada por uma equipe que se deslocou a Angola sob a chefia do então professor do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, António da Silva Rego. Tratava-se de um relatório confidencial enviado por Jorge Dias a Salazar em 16 de Maio de 1960, que diz o seguinte: “ As missões protestantes de maior envergadura, mais influentes pela actividade educacional, catequética e assistencial, moldaram como que um tipo sociológico de protestante angolano são: a Missão evangélica de Luanda, a Missão Evangélica do Quéssua, a Missão Adventista do Bongo, a Missão Protestante do Dondi e a Missão Protestante da Chissamba [...] Muito intimamente ligada à Missão Evangélica de Luanda anda a Missão Evangélica de Quéssua, que, como vimos, é também do ramo metodista e que é conhecida de quem quer que permaneça em Angola uns tempos, pela designação corrente de Missão do Quéssua. Esta Missão é depois das do Dondi e de Chissamba - dois grandes conjuntos de construções e complexos centros de irradiação religiosa – a mais importante das missões protestantes até hoje estabelecidas em Angola e da qual se pode dizer – como noutro lado notámos – que influenciou profundamente as estruturas sociais de Malange, onde tem desenvolvido uma vasta acção catequética, assistencial, médico-sanitária e até de fomento económico, e que promoveu uma verdadeira transformação da vida local, podendo aqui, mais do que em qualquer outra

região de Angola, falar-se da existência de um já evidente substrato sociológico marcadamente protestante, protestante de tipo americano, que o mesmo é dizer estar-se em presença de um fenómeno de penetração cultural que, no tocante à mentalidade da juventude, ao que supomos, nela instalou um ideal exagerado de liberalismo, que confiamos não venha a servir de expressão político-religiosa modelo, a aproveitar pelo chamado nacionalismo angolano. A despeito da larguíssima projecção da Missão do Dondi, esta Missão do Quéssua bem pode considerar-se a Meca do Protestantismo angolano, a que a Aliança Evangélica deu unidade funcional que, em boa parte, explica certos sucessos da missionação protestante nesta nossa província ultramarina e a sua aceitação pela opinião pública local, facto que pode ter, e terá no futuro profundos reflexos no comportamento daqueles que se deixaram fascinar pelo seu prestígio. Esta missão evangélica situa-se num aprazível vale dos arredores de Malange – concessão dada pelo Estado Português – e é constituída por um conjunto de cerca de 50 edificios nos quais estão instalados: um hospital, enfermarias, escolas femininas e masculinas, residências, internatos, uma igreja, cozinhas, refeitórios, fornos, etc. Aqui se impulsiona a propaganda, que por intermédio dos catequistas atinge pontos distantes, se ministra o ensino infantil, de adaptação, primário elementar, primário geral, secundário, normal, bíblico, técnico, rudimentar, etc. Não faltando segundo ali nos informaram uma tipografia privativa. A acção médico-sanitária e assistencial, se bem que menos vasta que a do Dondi e da Chissamba, é muito eficaz e atinge os nativos bem no fundo do coração, tocando-os, arrantando-os (sic.) não tanto por sugestão catequética religiosa, mas mais por esta acção no fecundo campo social [...] À semelhança do que se passa com a Missão Evangélica de Luanda, a Missão de Quéssua está em mãos de missionários americanos, homens e mulheres, entre os quais se contavam, no ano findo, duas missionárias negras que do Mississipi se deslocaram, ao que parece temporariamente, a Angola, onde já se têm dado conta da ausência de racismo do figurino americano entre as populações luso-angolanas, embora o conhecimento de trato que adquiriram no vale do Mississipi – em matéria de segregação racial – em nada diminua o fanático entusiasmo com que difundem o Metodismo americano. É certo que os missionários que actuam nesta Missão do Quéssua não exibem qualquer espécie de racismo, ao invés: tratam os negros com urbanidade menos habitual em alguns missionários católicos vizinhos, notando-se que já o fazem sem esforço. O mesmo se não passa, porém, com alguns americanos que por ali aparecem e procedem como se estivessem nos estados do Sul. Foi

o que aconteceu recentemente, por exemplo, com o embaixador dos E. U.A. a quando da sua visita àquela Missão. Estendeu a mão a todos os missionários brancos, mas não às referidas missionárias negras. Pensamos que procedimentos desta natureza poderiam ser explorados por uma hábil, conquanto prudente, contra-propaganda junto dos negros [...]”. A mesma fonte refere: “[...] o Estado desembaraçou-se do ensino, exige-o às missões católicas, mas, e isto é importante, não lhes dá os meios necessários para levar a bom termo a sua nova missão. As escolas “de mato” missionárias contam-se já por dezenas de milhar, mas o facto é que, neste imenso esforço por atingir a massa, se tem descurado um bocado a formação das élites. As missões protestantes, pelo contrário, situadas em pontos estratégicos, tem-se esforçado por visar dois pontos apenas de apostolado: a assistência, por meio de hospitais, e o ensino, por intermédio das escolas. E os resultados por elas obtidos são surpreendentes. Trabalham bem. Os hospitais bem apetrechados, servido por pessoal escolhido e dedicado, tem ganho a simpatia geral, não só por parte da população indígena, mas também da civilizada. E quanto a escolas, mantem-se igual supremacia. Nestes últimos anos, as missões protestantes têm apresentado maior percentagem de passagens de alunos na instrução primária do que as católicas. Isto põe o problema: a quem pertencerão as élites luso-africanas de amanhã? Às protestantes ou às católicas? A continuar o actual condicionalismo, a resposta não pode deixar de ser esta: as élites luso-africanas de amanhã serão de inspiração protestante. Agrada esta perspectiva? [...]”. Ainda que longa, esta passagem de um documento oficial insuspeito, mostra-nos o ambiente que por altura da estadia de Abel Lopes em Angola, já devia fazer-se sentir. Contudo, poderá ao menos aceitar-se sem esforço que sendo apenas um dos muitos professores primários destas missões, por certo aí terá adquirido uma experiência e um conhecimento que aproveitou quando se instalou em Valdosende, onde, à semelhança do que acontecia naquelas missões, desenvolveu obras de carácter social e humanitário. Não deixa de ser significativo o facto de, neste relatório, se associarem as missões protestantes à transmissão de ideias “demasiado liberalizadoras”, ao perigo da influência estrangeira (particularmente norte americana) na formação dos indígenas e dos brancos de África, sobretudo no que respeita à possibilidade de se alimentarem ideias políticas de independência nas designadas élites luso-africanas. É certo que os proprietários rurais negros existentes nessa região, designados de “assimilados” e que de facto se constituíam como élites, preferiam que os seus filhos recebessem instrução nas missões protestantes que, de certa forma, estavam

menos associadas à influência da metrópole já que o catolicismo se identificava com os princípios da política ultramarina portuguesa. É importante verificar-se que é nesta região de Angola que, em 1961, ocorre um massacre contra os portugueses logo seguido de um contra-ataque ainda mais violento por parte destes em relação aos negros independentistas.

Já depois do casal Abel e Arminda Lopes ter regressado de África, em Outubro de 1953, nasce a filha Marina Denise. Fixam residência em Carcavelos, junto ao seminário e Abel Lopes é então condiscípulo daquele que viria a ser bispo da Igreja Metodista Portuguesa: Ireneu Cunha e do pastor João Neto da igreja Presbiteriana. Como professores, tiveram Gerson Mayer e Michael Testa. Ao mesmo tempo, a mulher frequentou no seminário o Curso de Educação Cristã que, embora não fosse obrigatório, era também frequentado por esposas de pastores.

Em 1954, chega, em socorro dos metodistas em Portugal e já com funções de Superintendente, o Rev. Albert Aspey. Em 1956, Abel Lopes é colocado em Aveiro como “pastor à prova” e para aí se mudou com a família, onde viveram sete anos. Em Outubro de 1957, com 36 anos, foi ordenado na igreja do Mirante, no Porto. Do circuito da igreja metodista de Aveiro faziam parte Froços, Aguada de Cima e Mourisca do Vouga. Existia também um pequeno núcleo em Aradas e, por vezes, Abel Lopes era chamado para a Gafanha da Nazaré e para as Termas de São Pedro do Sul, apesar de nestas não haver metodistas. Tinha de percorrer diversas localidades e muitas vezes a pé. No Porto, assistia também às reuniões do Sínodo da igreja e dava apoio à Aliança Evangélica.

Em 1958, nasceu outra filha, Miriam Priscila, que viria a tornar-se a primeira mulher ordenada em Portugal na igreja metodista. Abel Lopes e Arminda Lopes organizaram em Aveiro um grupo de jovens, a sociedade das senhoras e o coro. Nas actividades, que ambos preparavam, estava presente a parte doutrinária mas também a parte lúdica, pois na década de 50, na igreja metodista como noutras igrejas, ainda persistiam alguns grupos “puritanos” sendo alvo de crítica o facto do casal frequentar os cinemas da cidade. No entanto, conseguiram levar o coro a assistir ao filme “Pequenos Cantores de Viena” e fizeram uma colónia de férias para crianças e jovens na Costa Nova.

O dia de descanso do pastor era a Segunda-feira. À tarde ia até ao café Trianon, local de encontro para os oposicionistas de Salazar, por vezes, na companhia das filhas, estabelecia longas conversas com o padre Fernandes, sacerdote católico da cidade.

Nos finais de 1962, a família mudou-se para o Porto. O pastor ficou responsável pela igreja do Monte Pedral, de Contumil, de Lordelo, de Braga, de Oliveira de Azeméis e, às vezes, prestava serviço em Águas Santas. Com Abel Lopes concluiu-se o templo de Lordelo e construiu-se o templo de Oliveira de Azeméis. No Monte Pedral, realizou-se um dos maiores serviços de profissão de fé da memória recente da igreja metodista. Com a ajuda da irmã, Maria Arminda que era professora na escola diária de Lordelo, dinamizou grupos de jovens promovendo várias actividades. Entretanto a saúde de D. Arminda agrava-se, sobretudo por problemas circulatorios que originavam flebites frequentes. Em finais da década de sessenta, Abel Lopes tinha ainda à sua responsabilidade as escolas primárias. Nessa altura, a igreja metodista reconhece que essa obra já não tem grande razão de ser, pois o país felizmente estava equipado com escolas públicas suficientes. Agravara-se, o custo de vida e a igreja sentia também algumas dificuldades financeiras. A ideia foi então virar as escolas para os mais pequenos, libertando as mães para as actividades profissionais. Fazem-se alguns estudos, mas o custo para readaptar edifícios, alguns seculares, era absolutamente inabarcável. A decisão porém, de fechar as escolas acabou por provocar alguma dor nos metodistas do Porto. Na altura, a única obra social que a igreja mantinha era a Beneficência Evangélica, um lar de idosos.

Em 1971, Abel Lopes já não tinha a seu cargo as igrejas do Monte Pedral, nem a de Lordelo. Passou a ter Águas Santas, que era uma missão da igreja do Mirante, e a dar assistência a Ramilos (Macieira de Cambra). As relações com a A. C. M. mantêm-se como em outros tempos e surge uma nova realidade que fora, durante longo tempo, um sonho: o Centro Ecuménico da Figueira da Foz. Entretanto, o Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, regressa do exílio e Abel Lopes ingressa em grupos que discutem as semelhanças e diferenças entre cristãos. Abel Lopes e Arminda Lopes, já depois da segunda guerra, assinaram as listas do M.U.D juvenil. Dotada de grande dinamismo, Arminda Lopes organizava coros, ensaiava-os, escrevia poemas, contos e pequenas peças teatrais. Abel Lopes interessava-se pelo cinema e pela música. Ambos gostavam de filmes musicais e tinham aversão ao obscurantismo, fosse este religioso ou não. Interessavam-se pelas novidades científicas e descobertas na área da arqueologia e

das ciências naturais. “Entendiam que a religião não devia ser um fim em si mesma, mas sim um meio. Deus está no princípio e no fim de tudo. Quando um crente entra numa igreja está em busca de Deus, esse é já o princípio. Depois há o meio, ou seja, todo o percurso pessoal ou em conjunto com os outros, que deve ser sempre melhorado segundo os talentos e possibilidades de todos e de cada um a fim de se encontrar Deus no fim de todas as coisas. O ser humano terá o direito e o dever de se aperfeiçoar não se esquecendo dos da sua espécie, nem da sua responsabilidade sobre toda a natureza. Assim se pensava também em relação a todas as religiões reveladas. Em todas existem pessoas conformadas ou somente ritualismo, mas também em todas surgiram pessoas que trouxeram um novo sentido à existência humana.”⁴⁹

Abel Lopes foi o pastor de Assento desde 1971 até 1989, tendo-se reformado depois de dezoito anos ao serviço da igreja de Valdosende que o homenageou com a mulher a 12 de Novembro de 1989. No seu lugar foi colocado o jovem pastor José Sifredo Linhares Teixeira. No balancete de Janeiro a Agosto daquele ano, o número de membros era de 118, e, destes, 107 já o eram no início do ano, sendo 12 admitidos por profissão de fé e um falecido. No entanto, registava-se um número de 52 aderentes, entendendo-se por aderentes aqueles que frequentavam regularmente os cultos, bem como fiéis de outras igrejas não transferidos, crianças e jovens da Escola Dominical ainda não membros. Registavam-se, ainda, nas estatísticas, um número de 35 simpatizantes, no qual se incluíam os frequentadores muito irregulares, familiares de membros, amigos da obra, antigos alunos etc. No total apresenta-se uma estimativa de 205 pessoas no que refere à comunidade servida. Nesse ano, a sociedade de senhoras contava com 55 elementos e, o grupo de jovens, somava 39 elementos.

⁴⁹ Os dados sobre Abel Lopes e Arminda Lopes foram apresentados por Marina Denise Gonçalves Lopes, com contributos pontuais de Maria Arminda Lopes da Motta e do Dr. José Neves Gonçalves.

III.II- Continuadores

Depois da reforma de Abel Lopes, a comunidade metodista de Valdosende passou a ser conduzida por um jovem pastor, José Sifredo Linhares Teixeira. Nascido a 25 de Novembro de 1958, em São Mamede de Infesta, pastor da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa desde o dia 1 de Setembro de 1984, recebeu a ordenação em 26 de Outubro de 1986. Sifredo Linhares Teixeira, a partir dos quatro anos, viveu em Gueifães, Maia, onde frequentou a escola primária. Deu continuidade aos estudos na cidade do Porto, primeiro na Escola Preparatória Gomes Teixeira, depois na Escola Comercial Oliveira Martins. A sua formação teológica foi feita no Seminário Evangélico de Teologia em Lisboa, e, em Inglaterra, no Cliff College, em Sheffield, e no Westminster College, em Oxford, instituições metodistas. Fez a pós-graduação em Teologia do Westminster College com reconhecimento e validação da Universidade de Oxford.

Como pastor metodista, exerceu em Oliveira de Azeméis, na missão de Ramilos (Vale de Cambra), com ponto de pregação em Fojo (Sever do Vouga), desde 1 de Setembro de 1984 até 31 de Agosto de 1989. A partir desta data foi colocado em Valdosende onde, além de pastor foi presidente do Centro de Solidariedade Social e secretário da direcção da Cooperativa Agrícola de Valdosende. Foi o primeiro Superintendente do circuito de Braga, e também presidente da Cooperativa Agrícola de Valdosende depois do término do mandato como secretário. Fundou na aldeia um grupo de música popular portuguesa, o “Trevo Alegre”, projecto que juntou e dinamizou a juventude da aldeia realizando concertos na região e editando, no Verão de 2000, um CD intitulado “Razões”.

No dia 1 de Setembro de 1998, passou a exercer nas igrejas do Monte Pedral, Contumil e missão de Valongo. É Superintendente do circuito do Porto, presidente do Centro de Solidariedade Social Metodista do Porto e presidente da assembleia geral da Associação Cristã da Mocidade desta cidade. Foi membro do Conselho Europeu da Juventude Metodista, da Comissão de Evangelização e Educação Cristã, assim como da Comissão de Liturgia, secretário da Comissão Executiva do Sínodo da Igreja Evangélica Metodista. Foi eleito bispo em Braga, no Sínodo desta Igreja, realizado de 26 a 28 de Maio de 2000. Assumirá o mandato de cinco anos no dia 1 de Setembro de 2001.

Actualmente, e desde finais de 1998, a Igreja Evangélica metodista de Valdosende é conduzida por outro pastor, Eduardo Hermenigildo Castro Meixieira, nascido a 8 de Fevereiro de 1948, em Lourenço Marques, Moçambique. Entre os quinze e os vinte anos, fez o curso de preparador analista de laboratórios de Física e Química da Escola Industrial Mouzinho de Albuquerque de Lourenço Marques e, dos dezassete aos vinte anos, o curso pastoral do Seminário Bíblico Nazareno de Moçambique. De 1968 a 1972, fez o curso de enfermeiro na escola de Enfermagem do Hospital Miguel Bombarda. Aos dezassete anos estagiou nos laboratórios da Cooperativa de Criadores de Gado em Lourenço Marques e Motola. Ainda no ano de 1965, trabalhou como operador de máquinas no cinema Scala de Lourenço Marques. Exerceu enfermagem no Hospital Militar de Moçambique, tornando-se enfermeiro encarregado do posto de socorros do batalhão de Engenharia nº 2 e enfermeiro de cirurgia no Hospital Militar e Hospital Central do Norte, em Nampula. Aos dezoito anos era já professor da Escola Dominical da Igreja do Nazareno em Lourenço Marques, tornando-se evangelista desta igreja entre 1966 e 1972. Foi presidente da Sociedade de Jovens Nazarenos de Moçambique, nos sectores de animação cultural e desportiva. Em 1972 tem contactos com um missionário da organização “Teen Challenge - Desafio Jovem” que chegara a Moçambique com o objectivo de trabalhar com a camada jovem envolvida na droga, tornando-se pregador e colaborador nos encontros então realizados. Entre 1966 e 1976, colaborou como ilustrador e compositor gráfico do boletim da Igreja do Nazareno de Moçambique e da revista *Arauto de Santidade*. Em 1968, foi professor na escola interdenominacional de Evangelismo em Lourenço Marques, que preparava professores de escola dominical, pregadores leigos e pastores indígenas.

Em 1972, então com vinte e quatro anos, torna-se pastor licenciado da Igreja Evangélica de Moçambique (Ilha de Moçambique) e pastor licenciado da Igreja do Nazareno de Moçambique até 1976. Foi também responsável e locutor dos programas de evangelização, através de cassetes, nos estúdios de gravação da Igreja do Nazareno Moçambicana, pois fizera, em 1967, um curso de Gravação e de Programação nos estúdios da Transworld-Radio, na Suazilândia.

Em 1976, como director do centro de recuperação de toxicómanos “ Casa Esperança”, dependência da organização internacional interdenominacional “Teen Challenge - Desafio Jovem”, enfrenta consequências das convulsões da independência de Moçambique. Vem para Portugal e, em 1977, torna-se pioneiro desta obra no

continente. Juntamente com o Reverendo David Banon Cardoso, funda a organização “Maranata” que além da recuperação de toxicod dependentes presta auxílio a mães solteiras. Por se tratar de um trabalho inovador em Portugal, realizado por dois jovens protestantes, atrai o interesse da imprensa e, através do programa de António Sala, na Rádio Renascença abrem-se as portas para a realização de seminários com jovens evangélicos e católicos de todo o país.

Em 1977, o Dr. Floyd J. Perkins, ex-director do Seminário Bíblico Nazareno de Moçambique, oferece a Eduardo Meixieira uma bolsa de estudos para um curso de bacharel em Teologia e Artes do European Nazarene Bible College, em Busingen, Suíça, que concluiu em 1979. Regressando definitivamente a Portugal, é nomeado pastor licenciado da igreja do nazareno para iniciar a igreja em Paço de Arcos. Participa no nascimento das igrejas de Elvas e Sintra. Ocupou o lugar de Conselheiro do Movimento Hospitalar Evangélico de 1972 a 1983 e, em 1980, foi nomeado para pastorear a Igreja do nazareno do Porto, iniciada pelo missionário Rev. Duane Shrader, que fora eleito Superintendente desta igreja em Portugal. Em 1984, verifica-se que, por lapso, permanecia apenas como pastor licenciado e, numa cerimónia especial realizada fora da Assembleia Nacional, na igreja Nazarena de Almada, pastoreada pelo Rev. Luís Pereira, recebe a ordenação ministerial. Desde então, ligado à igreja do Porto, inicia o seu trabalho em Valongo, S. João da Madeira e Vieira do Minho. Em 1986, foi indigitado, pela sede mundial da Igreja do Nazareno, para Superintendente daquela Igreja em Portugal. Por considerar mais lícita a realização de eleições, entra no acto eleitoral em pareceria com o Rev. Gabriel do Rosário. Acaba por ser transferido do Porto para as Igrejas Nazarenas das Mercês e Alcoitão. Em 1989, na Assembleia Nacional da Igreja do Nazareno, pediu a interrupção do seu ministério.

Em 1990, trabalhou como fotógrafo gráfico e designer numa firma do Porto. Nesse ano, foi convidado para sub-director do jornal *Noticias de Gondomar*, onde trabalhou como repórter, designer, ilustrador, cartoonista, e fotógrafo gráfico. Em 1991, organizou a litografia desse jornal e dirige-a até 1994. Colabora com o *Jornal de Noticias e Comércio do Porto*. Foi convidado para sub-director do jornal *Cidade da Maia* onde também colaborou, durante o último semestre de 1994, nos trabalhos jornalísticos e gráficos. Também prestou serviços ao semanário *Expresso*.

Em 1995, pediu transferência para a Igreja Evangélica Metodista que considerava a “mãe” da organização de onde viera. Frequentava já esta igreja em

Lordelo e foi convidado pelo bispo Ireneu Cunha, Superintendente da Igreja Metodista em Portugal, a reiniciar a sua actividade pastoral. Acabou por oferecer os seus serviços ministeriais à Igreja Metodista, que os aceitou em 1998, sendo nomeado pastor da igreja de Valdosende.

Das descrições atrás deixadas, facilmente se percebe que os fundadores da Igreja Evangélica Metodista de Valdosende tinham uma experiência e uma sensibilidade que contribuíram para que a fundação da comunidade de Valdosende, junto ao segundo maior santuário católico do país, não fosse um acto efémero. Em muito contribuiu o facto de, como casal, aí terem desenvolvido um trabalho contínuo. Traziam uma experiência valiosa visto terem conhecido as adversidades da sobrevivência nas regiões mais inóspitas de África. Conheceram e relacionaram-se com muitos missionários que, como eles próprios, viveram duras realidades. Tinham também vivências pessoais que lhes permitiam entender os avanços e reveses da vida daqueles com quem lidavam. Tinham, ao longo da vida, enfrentado dificuldades várias, desde a falta de recursos até à perda de uma filha. Experimentaram, nas diferentes comunidades pastoreadas por Abel Lopes depois do regresso de África, as vicissitudes da vida na província do Portugal dos anos sessenta e setenta. Conheciam realidades sociais e individuais diversas e, por outro lado, a confissão religiosa que abraçaram moldara-os, desde muito cedo, nos princípios wesleyanos de generosidade e de acção. Como se lançaram na fundação da comunidade com habilidade, procurando conciliar interesses e assumindo plenamente a defesa do bem estar comum sem provocar rupturas e evitando o puritanismo que dominara o passado católico da população, acabaram por desenvolver com êxito mais esta missão.

Por seu turno, o pastor Sifredo Linhares Teixeira recebeu uma comunidade consolidada por dezoito anos de trabalho de Abel e de Arminda Lopes. A que trouxe um novo impulso, seguindo numa linha de conciliação de interesses, apostado em desenvolver as iniciativas lançadas pelos fundadores. Procurou também dinamizar a juventude e ligá-la à religião, captando-a através do envolvimento no grupo musical “Trevo Alegre” que reúne mais de três dezenas de jovens. Adoptou uma postura de abertura que se evidenciou, por exemplo, na continuidade dada ao alargamento do apoio que as instituições sociais fundadas pelos metodistas voltadas para toda a população da freguesia independentemente do credo religioso.

III.III- Intervenção social

A acção dos metodistas em Valdosende pautou-se essencialmente pelas obras de carácter social: campos de trabalho, posto clínico, criação de infra-estruturas, creche, lar para estudantes, cooperativa agrícola, centro de solidariedade social e associação desportiva e recreativa. Algumas iniciadas em 1971, lançaram raízes que acabaram por envolver a população de Assento e permanecer até à actualidade. Desde os tempos do fundador, J. Wesley, que os metodistas aliaram o trabalho espiritual à acção social, quer quanto às instituições, quer quanto ao amor ao próximo pela solidariedade individual. Procuravam uma “ortopraxia” com o objectivo de ver frutos na vida cristã dos convertidos. Wesley e os seus seguidores, defendendo uma vida regrada, visitavam prisões e pregavam aos mineiros preocupando-se sempre com os mais pobres e ignorantes. A igreja metodista apresentava, à partida, um conjunto de características que se evidenciaram indo ao encontro das necessidades da população e que, em parte, explicam o êxito desta Igreja em Valdosende.

Os campos de trabalho

O primeiro fez-se em Assento no ano de implantação da igreja metodista. Normalmente, estes campos de trabalho decorriam durante as férias de Verão dos estudantes. Participavam jovens portugueses e de outras nacionalidades. A presença destes grupos na aldeia provocava grande contentamento. As pessoas de Assento gostavam de abrigar nas suas casas jovens de terras diferentes. Além disso, colaboravam na abertura e limpeza dos caminhos, nos trabalhos agrícolas, ajudavam a construir o templo e as instalações anexas, alfabetizavam, pois muitos eram estudantes universitários, ajudavam a animar a aldeia, fazendo teatro, cantando etc.

Muitas vezes estes campos de trabalho resultavam da colaboração de diversas comunidades evangélicas nacionais e de instituições evangélicas nacionais e internacionais. De início, a missão de Valdosende foi visitada por crentes oriundos de diversas localidades chegando muitas vezes, em autocarros de aluguer para conhecê-la dado os evangélicos e a comunicação social se encarregarem de a propagandear. Alguns jovens portugueses, que participavam nos primeiros campos de trabalho tinham experiências de politização e participavam mais numa atitude de oposição ao poder

instalado e à guerra colonial do que de propagação dos ideais metodistas. Participaram jovens da igreja Lusitana do Torne que chegaram a ser perseguidos com cercos policiais ao salão paroquial e que viram suspensa pela censura uma revista que policopiavam.⁵⁰ Entravam ateus, católicos, elementos do *Grito do Povo*, que era um jornal ligado à extrema-esquerda.

Não existem registos sistemáticos sobre estes campos de trabalho, contudo alguns estavam particularmente bem organizados, deixando documentação variadíssima: cartas particulares, contactos com organizações internacionais, registos de contas, escalonamento de pessoal, listas de actividades e horários. Em 1981, por exemplo, sabemos que o campo de trabalho foi promovido pelo Secretariado da Juventude do Conselho Português das Igrejas Cristãs e pelo Conselho Ecuménico Europeu de Jovens (Genebra), sob a direcção de Jorge Barros, Eunice Alves e Mavilde Gomes. Participaram cerca de 40 jovens de Portugal, França, Áustria, Itália, Suíça, Alemanha Ocidental e Oriental, Suécia e Escócia. Desbravaram as propriedades do projecto de desenvolvimento rural, calcetaram o pavimento do adro da igreja, fizeram serões recreativos, sessões de convívio e debates de questões da vida, do mundo e da igreja, participaram em actos de culto e em excursões diversas.

O Posto Clínico

Numa casa pré-fabricada, transportada do Lar Metodista de Aveiro, erguida em campos de trabalho por jovens alemães e portugueses e pelo povo local, funcionou um posto clínico, de primeiros socorros e consultório dentário. Colaboraram neste projecto dois médicos, Manuel Jó Anjos Pereira, dentista e membro da igreja do Mirante, João David, e também, Maria Luísa Ribeiro Lourenço e Maria de Fátima Antunes Carvalho Barbosa.

A criação do posto clínico implicou despesas de equipamento, como armários, aparelhos de medição da tensão, etc, mas os médicos e o pessoal auxiliar trabalhavam em regime de voluntariado. A criação deste posto constituiu uma mais valia para a população de Valdosende, pois não existia qualquer hospital nas proximidades. Muitas pessoas nunca tinham ido ao dentista e o posto recebia ainda doentes de fora de

⁵⁰ Em Maio de 1970, a censura proíbe “O Esboço”, posteriormente, os jovens do Torne, elaboraram um boletim com o nome de “Cadernos Informativos”. Colaboravam Joaquim Armindo Pinto de Almeida, Joaquim Filipe, Francisco Fernando, António Brilhante, Júlio Fernando, António de Rua, João Louro, Deolinda Floriano, Jorge França, Gonçalo Soares, Carlos Fernando etc.

Assento. Quando, nos finais dos anos oitenta, abriu um posto médico na região, a igreja metodista passou a fazer unicamente a manutenção das consultas de dentista.

Desde a sua implantação que a igreja procurou melhorar os hábitos de higiene e de alimentação da população. O papel de D. Arminda Lopes foi determinante no ensino destes hábitos, era aliás, de seus tempos de África que trazia a experiência. Da mesma forma, o combate ao alcoolismo foi também muito importante. As crianças estavam habituadas a beber vinho logo pela manhã e não existia o hábito de dar leite aos mais novos, existindo na aldeia casos de raquitismo. Após diversos contactos com as igrejas reformadas da Holanda e outros organismos, o pastor consegue fazer, com alguma regularidade, distribuições de leite em pó, queijo, frango enlatado, etc.

A Criação de infra-estruturas

Quando a igreja evangélica se instalou em Valdosende, rapidamente se apercebeu da precaridade das condições de vida da população e de imediato fez disso uma bandeira que agitou como forma de mobilização geral. As palavras de Abel Lopes, no primeiro relatório anual que enviou ao Sínodo da igreja metodista, são elucidativas: “Valdosende é uma missão da Igreja Metodista Portuguesa, mas, pelo seu espírito, é uma comunidade aberta a todas as pessoas de qualquer confissão, que se sintam movidas por sentimentos de solidariedade humana [...] é uma obra que dá oportunidade de uma acção prática do amor cristão e que espera receber o auxílio de toda a espécie [...]”

Em Valdosende não havia electricidade, nem esgotos, nem rede pública de abastecimento de água. A pobreza era evidente. Por isso, o pastor chamou a si a defesa dos interesses de Assento: participou em reuniões com o Presidente da Câmara de Terras de Bouro, fez contactos diversos, procurou opiniões de especialistas, como advogados e arquitectos, escreveu para os jornais e esteve sempre envolvido na vida pública da freguesia. O seu empenhamento na defesa dos interesses de Assento foi particularmente evidente, quando procurou obter dividendos do terreno utilizado pela igreja católica para construir a nova igreja no Chamadouro. Esse local situava-se no monte do Andame que era domínio comum dos habitantes de três lugares da freguesia de Santa Marinha de Valdosende: Assento, Paradela e Vilar a Monte. No entanto, as obras prosseguiram como se o terreno fosse, por inteiro, propriedade da freguesia. Marcou-se o terreno para a nova construção e projectou-se a venda de 4400 pinheiros como se assim fosse.

No dia 30 de Junho de 1974, num artigo no *Correio do Minho*, na altura dirigido por Victor de Sá, professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Abel Lopes denunciou a situação. Fez referência a outro publicado no *Encontro*, um boletim interparoquial do arciprestado de Amares, dirigido por A. Sepúlveda Soares, mencionando a existência de uma reunião entre a Junta de Freguesia de Valdosende, a Comissão de Obras, o Presidente da Câmara e o Vigário Episcopal e o cónego Eduardo de Melo Peixoto, para estudar a questão jurídica do terreno, onde se pretendia a construção da nova igreja católica, e critica o facto dos intervenientes se comportarem como se fossem proprietários do Andame. Sublinha que a notícia do *Encontro* foi publicada em Março antes do 25 de Abril e, usando uma linguagem dura⁵¹, evidencia que o lugar de Vilarinho não tem parte no Andame e faz prova disso, apelando para a escritura lavrada em 4 de Abril de 1834, onde ficou registado que foram os habitantes dos três mencionados lugares que pagaram os devidos foros e, em 1946, o remiram, sendo eles e os seus herdeiros os legítimos donos do Andame e “não a Junta, a Fabriqueira, o cónego Melo ou o Presidente da Câmara.” Denuncia ainda, no *Correio do Minho*, o facto de, abusivamente, no dia 28 de Abril a Junta de Freguesia firmar a venda dos pinheiros levando a que, na manhã do dia 20 de Maio, o povo de Assento tivesse saído “em defesa do que era seu”. Quase houve derramamento de sangue, pois os operários da empresa compradora apareceram com moto-serras para derrubar as árvores. Valeu a pronta intervenção da G.N.R, tendo o representante em Braga da Junta de Salvação Nacional (órgão de carácter transitório criado na sequência da Revolução de 25 de Abril de 1974) dado ordens para a suspensão do derrube dos pinheiros. Denuncia também a Junta de Freguesia “que se formou no tempo do fascismo sob a égide do antigo pároco católico que aliciou pessoas pouco esclarecidas no sentido de a escolherem apesar de existir outra lista. A Junta continua a aliciar pessoas, alugando camionetas para levar os habitantes a comícios a favor da sua manutenção em exercício.” Abel Lopes responsabiliza a Câmara Municipal de Terras de Bouro pelos “sucessivos adiamentos” no fornecimento de electricidade à aldeia. De resto, a luta pela electrificação travada nos anos quentes de 1974 e 75 justificava-se por Valdosende se situar ao lado de

⁵¹ “...estão reunidas, de uma assentada, os componentes da oligarquia local fascista, que continua ainda no poder, abusando da sua autoridade, num negócio iníquo à custa do povo indefeso e explorado. Aqui está uma igreja triunfalista e prepotente que se serve do povo em vez de servir o povo. Aqui está uma igreja associada aos tiranos do poder imposto a apropriar-se, para seu exclusivo proveito, daquilo que pertence ao povo e deve ser administrado pelo povo, para benefício desse mesmo povo...”, in *Correio do Minho*, 30 de Junho de 1974.

uma das maiores barragens do país. O facto era encarado como sinónimo de represália pelas atitudes de independência da população. Por último, Abel Lopes apontou o dedo ao catolicismo romano que acusou de “não ter iniciado o “aggiornamento” do Vaticano II, mantendo uma prática obscurantista e supersticiosa desligada dos problemas concretos das populações”. Acusou, particularmente o cônego Melo de, numa atitude “de proselitismo fanático e incontido furor intolerante, voltar a abrir a igreja e de voltar a sanha reaccionária contra o povo de Valdosende e comandado as operações de ocupação do Andame para ali construir a nova igreja num local que não pertencia à igreja católica por nunca o ter comprado”⁵².

O povo da freguesia acabou por adquirir o terreno para construir a nova residência paroquial e por ver instalada a electricidade em Valdosende, sem que, no entanto, as insistências em defesa dos interesses do lugar de Assento terminassem. A 28 de Janeiro de 1975 sai mais um artigo no *Jornal de Notícias* denunciando, sob o título “Democracia não chega à freguesia de Valdosende”, o facto de um grupo de habitantes, na sua maioria de Paradela, ter interrompido uma reunião realizada no dia 18 desse mês, no Chamadouro, com a comissão administrativa da Câmara, a fim de se proceder à escolha da Comissão Administrativa de Valdosende. Os manifestantes exibiam cartazes com dísticos: “O Povo É Quem Mais Ordena” e “Não Queremos Cá Partidos Políticos”. O artigo, que não está assinado mas que supomos ter o cunho pessoal de Abel Lopes, acusa os caciques de Paradela de quererem manter uma Junta de Freguesia do tempo de Marcelo Caetano. Publica também o *Correio do Minho*, de 29 de Janeiro de 1975, um escrito do mesmo teor, mas, a 9 de Fevereiro de 1975, volta no *Jornal de Notícias* um outro que rebate o conteúdo da notícia de 28 de Janeiro no mesmo diário. No fundo, considera-se legítima a manifestação dos habitantes contra a formação de uma nova Junta de Freguesia, dado que a existente fora “eleita democraticamente” antes do 25 de Abril e, na verdade, existiam já nessa altura, contrariamente ao que era prática comum, duas listas e a vencedora não era a que o regime apresentara.

⁵² Este é o artigo que o cônego Eduardo de Melo Peixoto considerou ofensivo e, de acordo com a entrevista recolhida em Junho de 1999, teria diligenciado junto a Victor de Sá no sentido de responder a este artigo. Contudo, o director do *Correio do Minho* apenas lhe respondeu que o seu jornal era um órgão onde todos podiam respirar. Só que o direito de “respirar”, que também reivindicava, para poder responder ao pastor Abel Lopes, não lhe foi concedido.

Note-se que, em Santa Marinha de Valdosende, a maioria das decisões importantes eram tomadas de acordo com as práticas comunitárias. Os homens bons reuniam e decidiam, o que se fazia em Assento há séculos. Durante muito tempo, a Junta de Freguesia foi liderada pelo sr. Bernardino Ribeiro do lugar de Assento, mas com a polémica aberta pela questão da construção da nova igreja, outras tensões de ordem económica e social saltaram para a ribalta e a Junta acabou por ser substituída. Teoricamente vencia a causa dos habitantes que não pertenciam ao lugar de Assento. O pastor Abel Lopes, considerando que Assento fora vítima de usurpação, defendeu situações bastante distintas das questões religiosas, o que não é de modo algum uma incoerência no seu comportamento, se se atender à forma como ele próprio entendia a acção pastoral. A população de Assento e dos restantes lugares da freguesia reconheceram que a acção do protestantismo contribuiu muito para melhorar as condições de vida em Valdosende (Assento).⁵³

A construção do templo metodista e das instalações anexas já se enquadram mais nas necessidades de actuação religiosa e social da igreja metodista, constituindo formas de mobilização de esforços. A capela começou a ser erguida no ano de fundação da comunidade metodista, e grande parte do trabalho foi feito de forma voluntária pela população e pelos jovens que anualmente participavam nos campos de trabalho. Os custos com a construção obrigavam a recorrer a peditórios onde, além das ajudas de crentes de outras comunidades evangélicas, se obteve dinheiro e materiais oferecidos pela própria população. Ajunte-se, ainda, que o crescimento da comunidade e das suas obras levou a que se erigissem junto à capela outros edifícios. O posto clínico e a creche que inicialmente funcionaram num pré-fabricado cedido aos metodistas de Valdosende, foram exigindo construções mais sólidas. Actualmente, além da capela, existem a casa do pastor e o edifício do Centro de Solidariedade Social onde funciona a creche e a área de apoio aos idosos.

A Creche

⁵³ Em entrevista, no dia 5 de Setembro de 1999, a Sr.^a Almena de Jesus Arantes, de 81 anos, do lugar de Vilar a Monte, falando de Abel Lopes e da família, regista-se: "... eram boa gente e fizeram muito pelos de Valdosende."

Conforme o referido, a ideia de proteger as crianças de Assento começou muito cedo. Logo no ano de 1971, a igreja metodista fez distribuições de roupas e de brinquedos e organizou também uma colónia de férias num terreno que igrejas evangélicas possuíam na praia da Madalena. Só no ano de 1973, em Janeiro, distribuíram-se 350 Kg de roupas usadas; em Abril e Setembro, distribuíram-se 250 Kg de leite em pó e 250 kg de queijo. Graças a auxílios recebidos do estrangeiro, a maior parte através do Conselho Mundial de Igrejas, construíram-se as instalações para o funcionamento do infantário. Em Agosto de 1975, na sala social da igreja, onde foi instalada também uma pequena cozinha, foi aberta a pequena creche, organizada e dirigida por D. Arminda Lopes. O equipamento de que dispunham permitia receber de imediato dez bebés, podendo ir até 30 crianças. Havia, nessa altura, 38 crianças com menos de 4 anos ligadas a famílias que frequentavam a igreja. No *Correio de Amares*, de Julho de 1975, pedem-se donativos financeiros, louças, lençóis, fraldas, biberões, brinquedos, etc, a ser enviados à esposa do pastor ou ao sr. Bernardino Ribeiro, tesoureiro do infantário.

Com a criação da creche as crianças, que normalmente eram deixadas sós enquanto as mães iam trabalhar para o campo, passaram a ter cuidados e protecção.

Em 1977, o infantário foi frequentado, na totalidade, por 21 crianças. O quadro de pessoal era composto pela directora, uma ajudante de cozinha, duas vigilantes e um ajudante de escritório e tesouraria. Oferecia assistência a todas as crianças da aldeia e fornecia, confeccionava e transportava até à escola primária pequenos suplementos alimentares constituídos por pão queijo e leite. Serviam 20 alunos de manhã e 18 de tarde. Procedia também á distribuição de leite em pó a idosos e doentes. O pessoal do infantário era ainda chamado a prestar assistência a acidentados. O infantário recebeu por duas vezes, no ano de 1977, a visita do Reverendo Albert Aspey, contudo a sua manutenção financeira era difícil. As senhoras que nele trabalhavam, em turnos de 8 horas diárias, apenas recebiam um ordenado de 1500\$00 que se reduzia a 1350\$00 depois dos descontos para a segurança social.

O infantário dependia directamente do Sínodo da Igreja Metodista em Portugal sendo, portanto, independente da Junta e da igreja local, o que levou D. Arminda Lopes a fazer vários pedidos de solidariedade pois, além dos salários das colaboradoras serem baixos, faltavam brinquedos roupas, calçado, louças, panelas de pressão, produtos de higiene infantil, quadros decorativos, tintas, etc.

Em 1982, a creche passou a ser uma actividade do Centro de Solidariedade Social de Valdosende, sob a tutela da igreja, com estatuto oficialmente reconhecido, recebendo da Segurança Social uma comparticipação financeira. Em 1984, começou a funcionar num prédio novo, contíguo aos terrenos da igreja num espaço comprado e adaptado com diversos donativos entre os quais das Igrejas Reformadas Suíças, da Igreja Evangélica Alemã de Baden, da Igreja Reformada Holandesa, de organizações do Canadá e da população local.

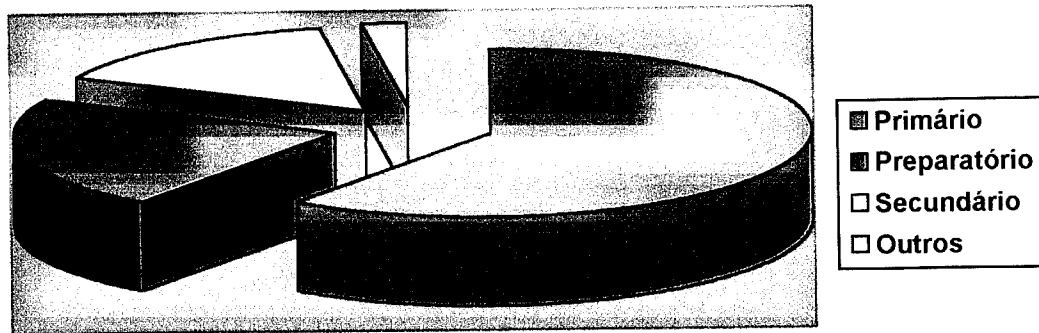
O Lar para Estudantes

Apesar de em Assento haver poucos estudantes, a igreja metodista estava empenhada na melhoria dos níveis de alfabetização da população. Assim, os jovens que pretendessem seguir estudos secundários tinham de o fazer em Braga, a 35 km de Valdosende. Nessa época, os transportes eram raros e extremamente demorados. Por isso, mais uma vez com a ajuda das igrejas reformadas da Holanda, a igreja metodista adquiriu dois apartamentos na capital do distrito para funcionarem como residência estudantil.

Com a recente construção de uma escola C+S na freguesia vizinha de Rio Caldo, o lar foi desactivado apesar das informações recolhidas nos últimos censos apontarem para uma taxa de analfabetismo de 19.7% para a totalidade da freguesia. Existem 176 indivíduos com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos, 132 com idades entre os 15 e os 24, 319 entre os 25 e os 64 anos e, com mais 115 pessoas. Destes, 330 frequentaram o ensino primário, 121 o ensino preparatório, 85 o secundário e 12 outro tipo de ensino. Não dispomos de dados para o lugar de Assento, mas, no conjunto de freguesia, o nível de escolarização é ainda baixo.

GRÁFICO I

Distribuição da população da freguesia de Valdosende por graus de ensino (I.N.E.1991)



O Projecto de Desenvolvimento Rural

Sendo Valdosende uma freguesia marcadamente agrícola, a igreja metodista lançou, com a ajuda da Igreja Reformada da Holanda, um projecto de desenvolvimento rural. Este projecto teve o seu início em 1980, com o objectivo de desenvolver determinadas actividades agrícolas no sentido de promover a melhoria das condições de vida da população. A abertura do referido projecto ocorreu no dia 26 de Julho, numa cerimónia pública com explicação dos objectivos do projecto. Houve a actuação do Rancho Típico, jogos tradicionais e sardinha assada.

Ainda hoje a freguesia é eminentemente agrícola. De acordo com os últimos dados do I.N.E., em toda a freguesia, há uma taxa de actividade de 30.3% e uma taxa de desemprego da ordem dos 8.3%. A superfície agrícola total é de menos de 500 ha para 100 explorações. As actividades de lavoura eram exercidas pelas mulheres de forma complementar ao trabalho doméstico. Algumas trabalhavam nas suas próprias terras outras como assalariadas nas terras de outros. Alguns jovens e reformados davam também um precioso contributo na agricultura havendo vestígios de uma gestão ancestral de tipo comunitário na definição da rotatividade das águas de rega, no trabalho de permuta e na utilização dos baldios. Uma grande parte das famílias estava emigrada,

regressando anualmente em Agosto e o número daqueles que, em regime de exclusividade, exerciam actividades não agrícolas era reduzido. Alguns trabalhavam na construção civil, outros como madeireiros outros nas instituições criadas pelos metodistas.

A formação de uma cooperativa por iniciativa dos metodistas, recebeu apoio técnico e financeiro do "Algemeen Diakonaal Bureau" da igreja reformada da Holanda. Essa colaboração estava subordinada, além de à Junta e ao pastor local, à comissão executiva do Sínodo da Igreja Metodista e obrigada a apresentar relatórios das suas actividades e das suas finanças ao plenário da Igreja Metodista Portuguesa.

O lançamento do projecto remonta a meados de 1977 quando um jornalista holandês enviado pelo Conselho Mundial de Igrejas, visitou Valdosende acompanhado do Rev. Aspey. Esta visita ocorreu na fase de arranque do infantário verificando, então, a importância que em Assento ia assumindo o combate ao alcoolismo infantil e a introdução do leite nos hábitos alimentares da população.

Por sugestão de Albert Aspey, o jornalista (Dhr Felderhof) prometeu apresentar ao comité agrícola do Algemeen Diakonaal Bureau das igrejas reformadas da Holanda o pedido de um projecto de introdução e criação em Valdosende de vacas holandesas para produção de leite. Na sequência deste primeiro contacto, em 1978, foi enviado para Valdosende um zootécnico de nome Van der Wal com a esposa que tinha trabalhado no Brasil e falava português. Este analisou os solos, as pastagens, os estábulos e entrou em contacto com as autoridades pecuárias da estação agrária de Braga para colher informações relativas à viabilidade do projecto. Concluiu-se que a introdução de gado holandês seria inviável por causa da pobreza dos solos e do acidentado do terreno.

O projecto foi reformulado, foi-lhe dado um carácter alargado e genérico ficando estabelecidos os seguintes fins:

- respeitar o estilo da igreja local e seguir na linha das actividades e projectos sociais da igreja,
- criar serviços de apoio técnico que levassem a melhorar e aumentar o aproveitamento das produções agrícolas com a introdução de novas culturas, especialmente da hortícola, a fim de beneficiar as condições de vida da população da aldeia e redondezas,
- procurar estimular, a partir das bases, as iniciativas de cooperação, associativismo e entre-ajuda comunitária para haver um maior rendimento do

trabalho das terras, libertando as famílias da aldeia da dependência em que viviam para assim evitar a fuga da agricultura.

A 23 de Julho de 1979, deslocaram-se a Valdosende dirigentes holandeses com o objectivo de implementarem o projecto agrícola. Comprou-se então um conjunto de propriedades que incluía uma casa de habitação muito degradada, terrenos de cultivo e monte. Do processo de negociação ficou encarregado o pastor Daniel Almeida, reconhecendo-se que as propriedades seriam do Sínodo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, embora sob administração e uso da direcção holandesa. Como o Algemeen Diakonaal Bureau das igrejas reformadas da Holanda não tinha direitos jurídicos para directamente efectuar a compra em Portugal, a aquisição foi legalmente feita em nome do Sínodo da Igreja Metodista Portuguesa. Assinou-se um acordo a 21 de Março de 1981 entre o Rev. Aspey e o Algemeen Diakonaal Bureau: as propriedades destinavam-se inteiramente ao projecto ficando a sua utilização sob a jurisdição e a competência da direcção do projecto, por todo o tempo de duração do mesmo; todos os encargos de manutenção, obras e reparações da propriedade, impostos e contribuições seriam da responsabilidade da direcção do projecto; em caso de suspensão, dissolução ou mudança de fins do projecto, ambas as identidades (Algemeen Diakonaal Bureau e Sínodo da Igreja Metodista Portuguesa) decidiriam o destino das propriedades.

A escritura da compra da propriedade data de 27 de Novembro de 1979, o valor notarial da compra foi de 1 380 000\$00, totalmente coberto pelo Algemeen Diakonaal Bureau. As obras de reconstrução da residência, designada na matriz por "residência pastoral", ocorreram sob a direcção do pastor Abel Lopes. No dia 1 de Julho de 1980, a família Kieft, chegou para tomar a direcção do projecto de desenvolvimento rural. O termo do mandato ocorreu a 10 de Junho de 1983. Enquanto Hendrik Kieft ficou mais ligado ao projecto rural, a sua esposa, Josefina, como enfermeira prestou cuidados de saúde à população.

No início de 1984, chegou outro casal holandês, Duco Lanting e Gertrudes mas o casal acabou por não se entender quanto ao espírito do projecto. Enquanto Gertrudes introduzia novos produtos hortícolas ensinando às mulheres o seu cultivo para promover o bem estar familiar, Duco entendia o projecto mais como uma empresa com necessidade de apresentar lucros. Procurou formar uma cooperativa agrícola sem consultar os responsáveis da igreja.

Aquando da permanência do Eng^o Hendrik Kieft e de Duco Lanting, que se relacionavam bem com o povo de Valdosende e que estabeleceram contactos importantes para o prosseguimento do projecto, desenvolveram-se três áreas de grande importância para o desenvolvimento da localidade: a produção de mel, a criação de estufas com produtos hortícolas e a criação do rebanho comunitário.

Ao lançar-se a ideia de criação de cabras, pretendia-se reavivar uma tradição de Valdosende. Desde tempos antigos que a gente de Valdosende apascentava ovelhas e cabras nos sítios altos, mas esta prática entrara em decadência pois procedera-se ao florestamento da região. Assim, o abastecimento de carne e a tecelagem ficaram perdidas. Evidenciava-se a necessidade de produzir proteínas animais. Como a área agrícola não oferecia possibilidades de ser incrementada, podia-se aumentar a produção intensificando-a. Por outro lado, tornava-se necessário aumentar a produção de estrume para adubar as terras. A criação do rebanho também faria diminuir o número de incêndios no Verão pois as cabras, como animais ruminantes, limpavam o monte de vegetação nociva.

Ao criar-se a Associação do Rebanho Comunitário de Valdosende, elaborou-se um regulamento interno que estabelecia que a adesão era livre sem qualquer distinção de natureza social, política ou religiosa. O controlo seria feito através de uma assembleia geral constituída por todos os associados que votaria cada ano uma Comissão Gerente de cinco pessoas. Um presidente, um tesoureiro, um secretário e dois vogais. Cada sócio pagaria uma jóia inicial de cem escudos e uma quota a oscilar entre 1000\$00 e 20000\$00. Esse dinheiro seria utilizado unicamente para a compra do rebanho e seria restituído depois de dois anos de funcionamento do mesmo. As pastagens seriam permitidas no monte baldio e no dos associados de acordo com um plano de pastagem que respeitasse a arborização, a futura pastagem e as bouças dos não associados. A associação manteria um pastor permanente que respeitasse o plano de pastagem.

Uma parte seleccionada da produção do rebanho podia-se vender aos associados, por um preço especial e ao mercado de carne, pelo preço corrente. O rebanho podia ser, se fosse conveniente, transformado ou em cabras leiteiras com o objectivo da comercialização do leite ou queijo ou num rebanho misto com vista á produção de lã se assim se proporcionasse. Os associados tinham o direito de comprar estrume em quantidade proporcional á sua quota.

A associação construiu também um curral comunitário no sítio de Paranhos recorrendo a um empréstimo. Anualmente faziam-se as contas, constituíam-se reservas e, depois de apurado o lucro líquido, este era distribuído aos associados proporcionalmente à sua quota de participação. O alargamento da associação aos outros lugares da freguesia seria efectuado nos termos daquilo que a assembleia geral viesse a estabelecer, tomando como princípios: ser vizinho do monte de Valdosende e a não aceitação de sócios isolados.

Em caso de qualquer associado querer desistir, poderia fazê-lo tendo em conta a intransmissibilidade da quota, e que a restituição da mesma seria feita após dois anos de funcionamento do rebanho e apenas quando a situação financeira da associação o permitisse. O rebanho não poderia ser dissolvido até à existência de um mínimo de sete associados interessados na continuação do mesmo.

O pastor teria por obrigação, além de respeitar o plano de pastagem, conhecer as doenças comuns aos animais do rebanho, as formas de as evitar e tratar guardando os animais doentes separadamente, cuidar dos bodes, elaborar um relatório escrito diário dos principais acontecimentos do dia, alertar para qualquer problema, não aceitar qualquer animal de outrém no rebanho e tratar do interior do curral. Recebia um salário mensal com direito a um mês de férias e tinha direito a um dia de folga.

O projecto de criação de caprinos acabou por se revelar positivo por permitir o aumento de produção de matéria orgânica para a agricultura, de carne para consumo e a redução do número de incêndios florestais. Actualmente registam-se algumas dificuldades, em parte provocadas pelo alastramento da brucelose, contudo a cooperativa dispõe de um técnico de engenharia agrícola a tempo inteiro que presta apoio no âmbito da criação de cabras em todo o concelho de Terras de Bouro.

A criação de produtos hortícolas também foi fomentada, procurou-se antes de mais melhorar as condições de alimentação da população, por isso desenvolveu-se o cultivo de produtos conhecidos na região mas também se introduziram outros. O trabalho das estufas foi essencialmente desenvolvido por mulheres. Os produtos destinavam-se ao consumo próprio e à comercialização no mercado de Braga.

Também procurou fazer-se o aproveitamento da rica flora da região através da prática da apicultura. A criação de colmeias móveis permitiu a obtenção de um mel de elevada qualidade. A cooperativa criou igualmente uma secção de consumo com o objectivo de fornecer alimentos, ferramentas, adubos, rações e outros bens a preços

acessíveis. Actualmente, funciona de forma autónoma continuando a exercer um papel significativo na modernização da agricultura local.

O Centro de Solidariedade Social

A criação do Centro de Solidariedade Social teve a ver com a formação da creche pela esposa do pastor Abel Lopes. A partir de 1981, este começou a pressionar a Câmara Municipal de Terras de Bouro e a Segurança Social no sentido de apoiarem essa obra. Em 1982 celebrou-se um acordo com a Segurança Social de Braga e as actividades aí desenvolvidas passaram a ser, em parte, apoiadas pelo Estado. Na altura da celebração do acordo, 25 crianças passaram a ser apoiadas. Actualmente o Centro acolhe 10 crianças no berçário, 13 com idades compreendidas entre os 2 e os 4 anos e 18 no jardim de infância. A maioria destas não são do lugar de Assento, pertencem até a famílias católicas do resto da freguesia e das povoações vizinhas de Rio Caldo e Gerês. Ao fim da manhã o Centro Social também recolhe as crianças que frequentam as escolas primárias, transporta-as para o salão recreativo da freguesia e serve-lhes o almoço, ajuda-as na execução dos trabalhos de casa e vigia-lhes os jogos e as brincadeiras, desenvolvendo diversas actividades de ocupação dos tempos livres.

Esta instituição também dispõe, desde 1994, de um centro de dia de apoio à terceira idade, encarrega-se do transporte dos idosos até às instalações do Centro. Presta apoio domiciliário a 10 idosos sendo apenas um do lugar de Assento.

Actualmente este centro possui um pólo em Braga: “Arca de Noé”, que com o apoio do Instituto do Emprego e Formação Profissional, desenvolve um projecto de inserção social destinado a desempregados de longa duração.

Associação Desportiva e Recreativa

Esta associação, da iniciativa da igreja metodista, destina-se oficialmente a actividades culturais e recreativas. Conta com um espaço de encontro para tomar café, ver televisão, jogar cartas e criou uma equipa de futebol que participa em competições com as aldeias vizinhas. Constitui-se como um lugar de sociabilidade essencial para a população masculina de Assento. Os seus sócios, cujo número não chega à centena, são, na sua maioria, homens mas, a associação serve também os interesses das mulheres, pois,

no dizer das mesmas, evita que os maridos gastem dinheiro e procurem divertimentos fora da aldeia.

IV- Actuação religiosa da Igreja Evangélica Metodista de Valdosende

Uma aldeia de prática católica total e profundamente enraizada passou, depois do diferendo com o pároco, a aceitar e a seguir princípios e rituais diferentes. É certo que os evangélicos puseram a tónica da sua actuação na resolução de problemas concretos da população, demonstrando dessa forma que a vida, no dia a dia, e a religião podem caminhar lado a lado. Valdosende constitui para os evangélicos uma igreja-missão, por isso optou-se pela acção, muito mais que pela evangelização, revestindo-se do dinamismo próprio das comunidades em formação.

Quando os metodistas se instalaram, as diferenças do protestantismo em relação ao catolicismo eram, aos olhos daquele povo, bastante evidentes, sobretudo as de ordem prática. O que mais se evidenciava era o facto de o próprio pastor, contrariamente aos padres católicos, ser casado. Por outro lado, o templo apresentava-se bastante mais sóbrio, sem imagens dos santos ou da Virgem Maria, o culto centrava-se na Bíblia, pondo-se fim às confissões e às penitências.

Estes aspectos seriam os mais notórios e também os que mais estranheza provocavam, pois a cisão verificada em Valdosende não ocorrera por razões de ordem doutrinal. Verificou-se sim, porque o lugar de Assento não quis suportar a humilhação de ser abandonado pelo pároco. Querendo livrar-se do estigma do abandono, exigia que lhe fosse prestada assistência religiosa, reavendo, dessa forma, a dignidade da comunidade.

Uma vez que a nova Igreja passou a acompanhá-los mais que a Igreja católica, pois não se limitava a baptizar, casar, enterrar e fazer missas, mas ajudava os fiéis na resolução dos seus problemas reais, como a falta de alimentos, de roupas, o analfabetismo, o alcoolismo etc, as diferenças doutrinárias apresentadas acabavam por não ser significativas aos olhos de uma população tão carente.

Por outro lado, a acção religiosa dos metodistas em Assento não se pautou pelo confronto com o catolicismo. Embora existissem diferenças, os pastores e pregadores, não faziam delas um “cavalo de batalha” e até se sublinhavam aspectos que não gerassem contradições no espírito do povo. Indagado sobre as diferenças religiosas, um homem de 70 anos, respondeu ao repórter da *Vida Mundial*, em Novembro de 1971: “Não é assim

tão diferente, não senhor. O Deus é o mesmo, Cristo também”. Quando interrogado sobre Nossa Senhora, respondeu: ”Isso são os católicos que dizem que nós somos contra Nossa Senhora. Olhe que não é verdade. A bem-aventurada Virgem Maria era uma grande mulher, uma santa e serve de exemplo. Não ouviu o nosso pastor, lá dentro, a falar da bem-aventurada Virgem Maria?” Quando confrontado com o facto dos pastores serem casados e terem filhos, a resposta foi categórica: ”Não é muito mais decente assim?”. A população do lugar presenciara durante anos a manutenção da relação amorosa entre o antigo padre católico e a professora primária da aldeia, por isso o casamento dos pastores era até bastante apreciado. Quanto às imagens, responderam: “Nós só acreditamos no que vem na Bíblia que é a palavra de Deus.”

A população estava numa região onde o catolicismo se tornara bastante ritualista, afastado das reais necessidades da população. O clero católico vivia à sombra de uma tradição milenar, com um discurso conservador e acomodado. A entrada em acção de uma minoria dinâmica acabou por se tornar imbatível, pois revestia-se de uma vivacidade invulgar que transmitia à população o sentimento de que seria preferível integrar uma minoria activa do que uma maioria letárgica. Por outro lado, a nova prática religiosa não entrava em choque com os seus hábitos. Nos cultos evangélicos, até nos cânticos, era permitida a introdução de características musicais do folclore local, as festas também se faziam com a pompa e o esplendor das católicas.

Apesar da clara opção social feita pela igreja evangélica metodista esta não deixou de marcar as suas diferenças como igreja. O culto começou por ser feito ao ar livre numa eira, depois num palheiro e, finalmente, construiu-se um templo de raiz. A 20 de Maio, no cartório notarial de Amares, lavrou-se a escritura da compra do terreno destinado ao templo e a primeira colecta para a sua construção fez-se no culto de 6 de Junho de 1971, tendo rendido 1500\$00.

IV.I- Frequência aos cultos dominicais

Um dos indicadores mais significativos para o estudo da dinâmica religiosa dos metodistas em Assento será a frequência ao culto dominical. Uma análise dos registos da igreja permite-nos apresentar alguns dados numéricos. Como o ano de 1971 foi o ano da fundação e, por isso, muito conturbado e sem registos sistemáticos, optamos por omitir números para esse ano, até porque a aldeia recebeu muitos visitantes das igrejas evangélicas do Porto, de Braga e de outras localidades que, chegando em autocarros de aluguer, faziam subir enormemente a frequência aos cultos. Por vezes, era maior o número de visitantes do que o de aldeões. Os registos de 1971, inflacionados pela presença de inúmeros visitantes, apontam para presenças de 200, 300 e até 1000 pessoas. Assim:

QUADRO I

Ano	Nº médio de pessoas que frequentou o culto dominical
1972	141
1973	145
1974	145
1975	141
1976	129
1977	131
1978	132
1979	132
1980	124

QUADRO II

Ano	Nº médio de pessoas que frequentou o culto dominical
1981	108
1982	99
1983	111
1984	114
1985	113
1986	107
1987	101
1988	103
1989	98
1990	101

QUADRO III

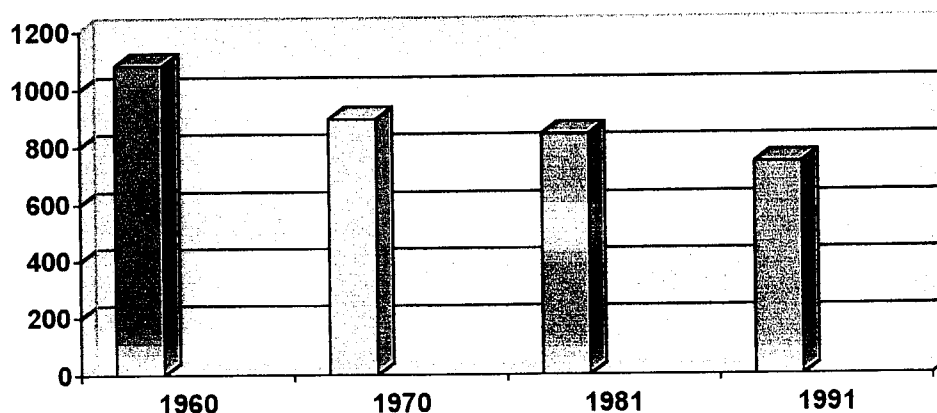
Ano	Nº médio de pessoas que frequentou o culto dominical
1991	96
1992	98
1993	104
1994	106
1995	103
1996	95
1997	99
1998	106

Não dispomos do número exacto de pessoas de Assento que residiam no lugar. Apenas poderemos tentar uma aproximação, a partir dos dados do Instituto Nacional de Estatística, embora relativos a toda a freguesia de Santa Marinha de Valdosende, e de

algumas informações orais. Assim, relativamente à população residente na freguesia, os dados são os já referidos: 1084 pessoas em 1960, 895 em 1970, 841 em 1981 e 742 habitantes, em 1991.

GRÁFICO II

**População residente na freguesia de St.^a
Marinha de Valdosende (I.N.E.)**



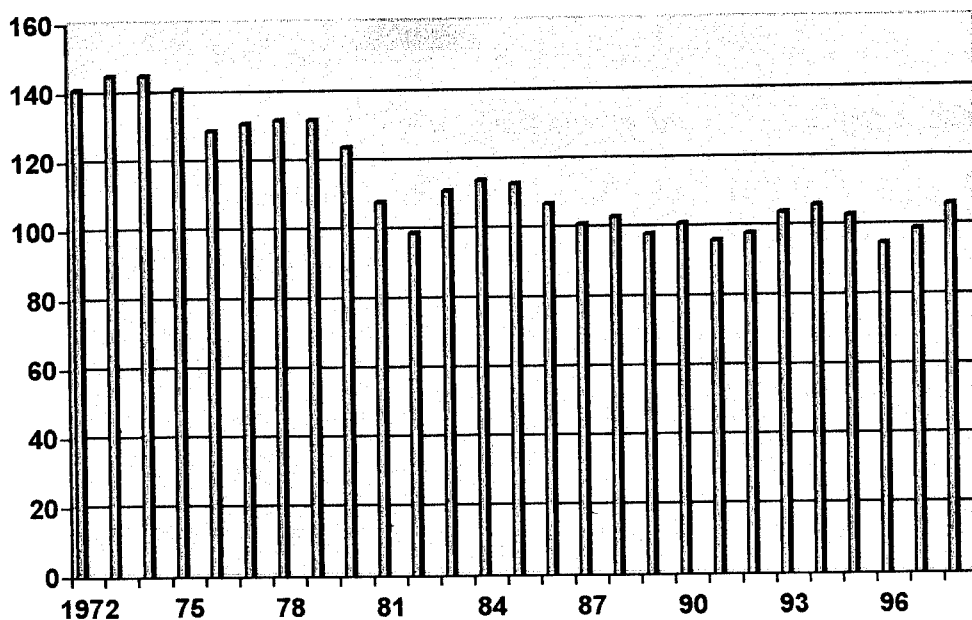
A grande quebra no total da população residente ocorreu da década de 60 para a de 70. Até aí, a população da freguesia vinha aumentando mercê da chegada de pessoas que se empregavam na barragem da Caniçada, mas depois, com a guerra colonial e com a emigração, vai descendo e, a partir dos anos 80, terá também o decréscimo alguma relação com o êxodo para as cidades. Quando se abriu o diferendo entre o pároco e a população, na altura da realização da votação para decidir a localização da igreja, por Assento votaram 60 chefes de família, por Paradela 69, pelo bairro da barragem participaram na votação 45 chefes de família, por Vilar a Monte 35 e por Vilarinho 19. Na totalidade da freguesia existiam 228 chefes de família, sendo 26% de Assento. Os censos de 1970 apresentam-nos 895 indivíduos residentes na freguesia. Se, de uma forma bastante simplista, considerarmos que 26% destes estão em Assento, então obteremos 233 pessoas em Assento. A partir de variadíssimos testemunhos orais, sabe-se que no lugar em questão, apenas duas famílias se mantiveram católicas, todas as outras se tornaram evangélicas. Em 1972, a média anual de frequência dos cultos dominicais foi de 141 pessoas. No entanto, na véspera do ano novo, houve um culto com 210 pessoas presentes; na véspera da Páscoa, outro com 176 e, na do Natal, um com 160 pessoas

presentes. Em termos globais, mais de metade da população assistia regularmente aos cultos que se realizavam ao Domingo e, ocasionalmente, sobretudo em momentos festivos, a quase totalidade das pessoas de Assento assistia aos cultos. Apesar da média de frequência do culto dominical nesse ano ser de 141, ela era apesar de tudo alta até porque as estatísticas demonstram que a população foi diminuindo gradualmente ao longo da década, dado os censos de 1981 apenas registarem 841 indivíduos residentes na freguesia e a votação, na qual nos baseámos para saber o número de residentes em Assento, ter ocorrido em 1969. Portanto, utilizando a mesma operação simplista, chegaremos ao número de 219 pessoas para o lugar de Assento, sem esquecer que a emigração foi bastante acentuada ao longo da década de setenta, a reflectir-se na redução da frequência dos cultos dominicais.

As oscilações verificadas, ao longo dos anos, podem-se constatar através deste gráfico:

GRÁFICO III

Frequência dos cultos dominicais (de 1972 a 1998)

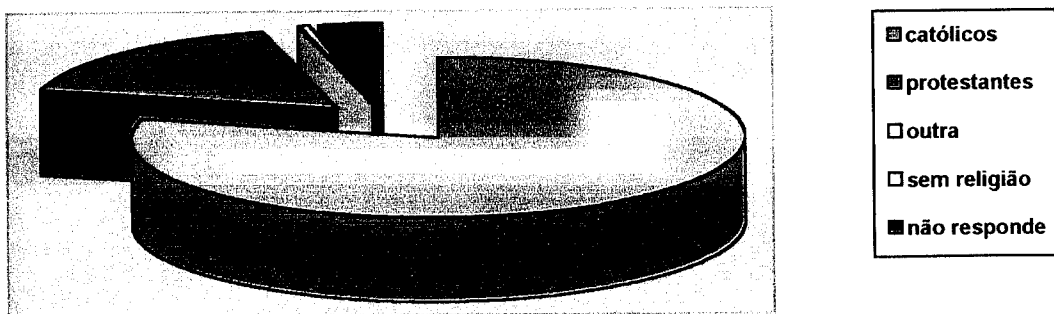


Ao longo da década de oitenta, a frequência foi diminuindo para níveis que não voltam aos dos primeiros anos da década de setenta. Em 1982 e 1989 registaram-se as médias anuais mais fracas da década de oitenta. Curiosamente, o ano de 1989 corresponde à saída do pastor Abel Lopes e o de 1982 foi o de alguma polémica no que respeita à organização da cooperativa agrícola.

Note-se que em 1981, pela primeira vez, os censos incluem uma pergunta directa sobre religião, mas de resposta facultativa. Dos 841 residentes em toda a freguesia e, numa população de indivíduos com 12 ou mais anos, 506 assumem-se católicos, 109 protestantes, 1 de outra religião cristã, 3 sem religião e 22 não responderam. Estes dados do Instituto Nacional de Estatística permitem-nos conhecer o número daqueles que, oficialmente, na freguesia permaneceram católicos e o número dos que se tornaram protestantes. Assim, da população interrogada, apesar de 3,4% dos inquiridos não terem respondido, 78,9% da freguesia é católica e 17% é protestante.

GRÁFICO IV

Religião na freguesia de St^a Marinha de Valdosende (censos de 1981)



Os evangélicos concentraram-se no lugar de Assento e os católicos são fundamentalmente dos lugares de Paradela, Vilar a Monte e de Vilarinho.

No entanto, em 1981, se o culto dominical evangélico registou, em média, a presença de 108 pessoas, os cultos de 19 de Abril e de 4 de Outubro registaram a presença de 182 pessoas. Isso significará que em Valdosende existiriam mais evangélicos do que aqueles que se declararam dessa confissão? Atente-se que os registos dos cultos protestantes incluem também crianças e não se pode excluir a hipótese de, nesse inquérito, alguns dos evangélicos se englobarem no número dos que não respondem à pergunta sobre a religião professada. Por outro lado, o conjunto de pessoas que consta do livro de membros da igreja metodista até essa data é de 107, ou seja, em Assento, até 1981, apenas 107 pessoas fizeram a sua profissão de fé no metodismo. Mesmo assim, como a diferença entre o número dos que se assumem como protestantes (109) e o número das pessoas residentes em Assento (219) é grande, não será de excluir a hipótese da falta de convicção de uma parte dos habitantes de Assento ou de um certo distanciamento desses residentes em relação à vivência religiosa evangélica. Contudo, aqueles que se registaram como membros eram mesmo muito assíduos: a média de frequência dos cultos dominicais situa-se em 108, o número de membros registados 107 e 109, maiores de 12 anos, declaram-se protestantes nos inquéritos de 1981. Mesmo assim, apesar da ocorrência de uma descida em relação aos valores iniciais da década de setenta, a frequência dos cultos dominicais evangélicos era bastante elevada.

Na década de noventa, em média, continuou a manifestar uma tendência para a descida que acompanha, de resto, a evolução populacional, pois, em 1991, os censos apenas registam 742 residentes na freguesia. Esta diminuição foi mais notória a partir do período da mudança de pastor (final de 1989), havendo, depois dessa fase, uma ligeira recuperação.

O decréscimo de frequentadores do culto dominical ao longo destas três décadas acompanha uma tendência geral para descida do interesse pela religião que, aliás, também ocorre no catolicismo no que respeita ao número de “católicos praticantes”⁵⁴. Não dispomos, contudo, de dados estatísticos relativos à prática católica na freguesia de Valdosende, impossibilitando, assim, o estabelecimento de comparações.

IV.II- Baptismos

Se a análise da frequência do culto dominical nos fornece um conhecimento do dinamismo da comunidade evangélica de Valdosende, o levantamento do número de baptismos e de casamentos também nos pode trazer esclarecimentos importantes, já que estes dois sacramentos se revelam fundamentais nas respectivas práticas religiosas.

Assim, e para obtenção de uma ideia global, será de observar a tabela e o gráfico que se seguem mostrando o número de baptismos ocorridos em Valdosende.

QUADRO IV
Nº DE BAPTISMOS NA COMUNIDADE METODISTA DE
VALDOSENDE DE 1971 A 1998

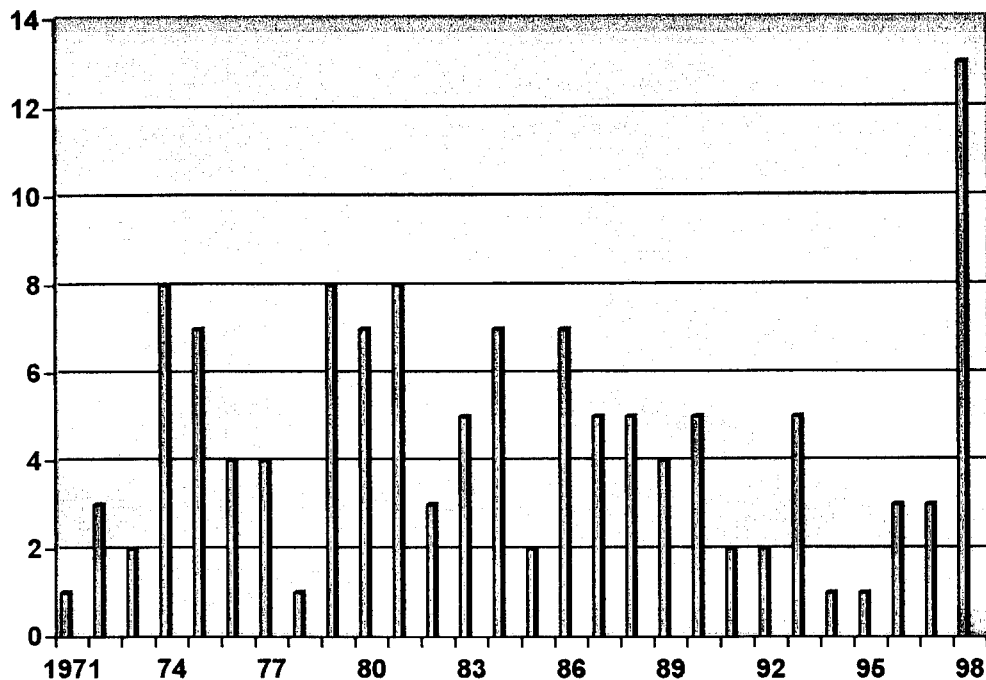
ANO	Nº DE BAPTISMOS
1971	1
1972	3
1973	2
1974	8
1975	7
1976	4
1977	4
1978	1
1979	8
1980	7
1981	8
1982	3
1983	5
1984	7
1985	2
1986	7
1987	5
1988	5
1989	4
1990	5
1991	2
1992	2

⁵⁴ Numa sondagem apresentada pela revista *Visão*, nº 8 de Maio de 1993, 87,3% da população portuguesa seria católica romana, 2,4% de outras igrejas, 5,0% ateus e 5,0% sem religião. Dos católicos, apenas 26,6% seriam praticantes e 60,7% não praticantes.

1993	5
1994	1
1995	1
1996	3
1997	3
1998	13

GRÁFICO V

Nº de baptizados na comunidade metodista de Valdosende de 1971 a 1998



Ao longo destes 28 anos de história da comunidade evangélica metodista de Assento ou Valdosende, registaram-se 126 baptizados. Uma análise feita ano a ano evidencia uma grande irregularidade, ocorrendo alguns picos em meados da década de 70, finais de 70 e inícios de 80 e um número mais elevado no ano de 1998. Os baptizados dependem directamente da taxa de natalidade, verificando-se uma tendência para a sua descida desde 1986, seguida de uma grande subida em 1998. Na década de 70, baptizaram-se 45 crianças; na de 80, 51 e, nos 8 anos analisados da década de 90, apenas 30. Verifica-se neste quadro uma ligeira subida do número de baptizados da primeira década de existência da comunidade para a segunda. A tendência da de 90 parece ser de descida, contrariada pelo extraordinário número de baptizados ocorrido no ano de 1998,

o mais alto de sempre. Ao constatar-se esta variação fica-se com a sensação que, nos anos iniciais, nem todos confiariam os seus filhos ao metodismo, notando-se um aumento da confiança na década de 80, ou então um aumento do número de nascimentos nessa década. A baixa dos primeiros anos da década de 90 poderá reflectir também uma descida da natalidade. Em contrapartida a realização de casamentos na primeira década de história da comunidade metodista de Valdosende foi alta, podendo registar-se um crescimento dos baptismos nos anos 80, altura em que, por sua vez, baixam os matrimónios reflectindo-se na redução do número de baptismos da década de 90.

A maior parte das crianças baptizadas nasceu em Valdosende. Das 45 que se baptizaram de 1971 a 1980, 34 são naturais daquela localidade. Quatro delas nasceram no hospital de Braga, 1 na Casa de Saúde de Amares, 2 na Maternidade Júlio Dinis no Porto, 1 numa maternidade de Lisboa, 1 nos Estados Unidos e 2 em França. Das 51 baptizadas de 1981 a 1990, 44 nasceram em Valdosende, 1 em Braga, 3 na freguesia vizinha de Rio Caldo, 1 na Amadora, 1 em Beja e 1 em Lisboa. Das 30 crianças baptizadas de 1991 a 1998, 16 nasceram na localidade, 1 em Matosinhos, 7 em Braga (5 das quais no hospital), 1 em Sintra, 1 na Póvoa de Varzim, 3 no Canadá e 1 em França. A existência de crianças nascidas fora da localidade permite-nos concluir que apesar de algumas famílias se encontrarem deslocadas, mesmo no estrangeiro, mantinham as ligações à comunidade de origem. Uma criança nascida no Canadá, acabou por ser baptizada em 1993 com quase 2 anos de idade. Outra nascida também no Canadá, em 1991, acabou por ser baptizada só em 1996 demonstrando a opção dos pais que preferiram baptizá-las na sua aldeia.

A naturalidade dos pais das crianças baptizadas, embora nem sempre mencionada nos registos de baptismo, é, na sua maioria, de Valdosende. Assim, na década de 70, 34 eram da povoação, 4 da freguesia vizinha de Rio Caldo, 3 de Braga, 2 de Amares e 1 de Montalegre. Trinta e dois registos relativos às mães são de Valdosende, 4 de Braga, 3 da Póvoa de Lanhoso, 3 de Rio Caldo e 2 de Rendufinho (Terras de Bouro). Normalmente os casais são de Santa Marinha de Valdosende e, se porventura um dos cônjuges não é da freguesia, o outro tem essa naturalidade. Os padrinhos também residiam, na sua maioria, no lugar de Assento. Para esta década, 28 são referenciados nesse lugar, 6 em Braga, 1 em Dornelas (Amares), 1 na Amadora, 1 em Vieira do Minho, 1 no Canadá, 1 em Vila Nova de Gaia, 1 no Porto e 1 em Viana do Castelo. Vinte e sete das madrinhas residiam em Assento, 6 em Braga, 2 no Porto, 1 em

Rio Caldo, 1 em Dornelas (Amares), 1 na Amadora, 1 em Vieira do Minho e 1 em Vila Nova de Gaia.

Na década de oitenta, a situação era idêntica, a maioria dos pais dos baptizados era também natural de Valdosende. Embora, no livro de baptismos, faltem 25 referências à naturalidade dos pais e 27 à das mães, 24 pais eram daquela localidade, 1 de Montalegre, 1 de Rio Caldo, sendo 24 das referências à naturalidade das mães registadas em Valdosende. Os padrinhos, também residiam geralmente em Assento (31), pois só aparecem 1 na Amadora, 2 em Vila Nova de Gaia, 1 na Malveira, 2 em França, 1 no Porto, 1 em Rio Caldo e outro em Vilar da Veiga. Das madrinhas, referenciadas nesta década, 31 vivia também em Assento, 1 na Amadora, 2 em Vila Nova de Gaia, 1 na Malveira, 2 em França, 2 no Porto e 1 em Vilar da Veiga.

Para a década de 90 não há registos relativos à naturalidade dos pais dos baptizados. Da totalidade de madrinhas e dos padrinhos, 14 residiam em Assento, 1 na Maia e 5 no Canadá, faltando também alguns destes registos. Os dados existentes sobre a idade dos pais permitem concluir que, na década de 70, a média de idades dos pais na altura do baptismo dos seus filhos seria de trinta anos, a das mães de vinte e oito. Na década de oitenta, a dos pais era de vinte sete anos, a das mães de vinte e seis e, na de noventa, os pais, em média, teriam vinte e nove anos e as mães vinte e seis.

GRÁFICO VI

Média de idades do pai aquando do baptismo dos respectivos filhos

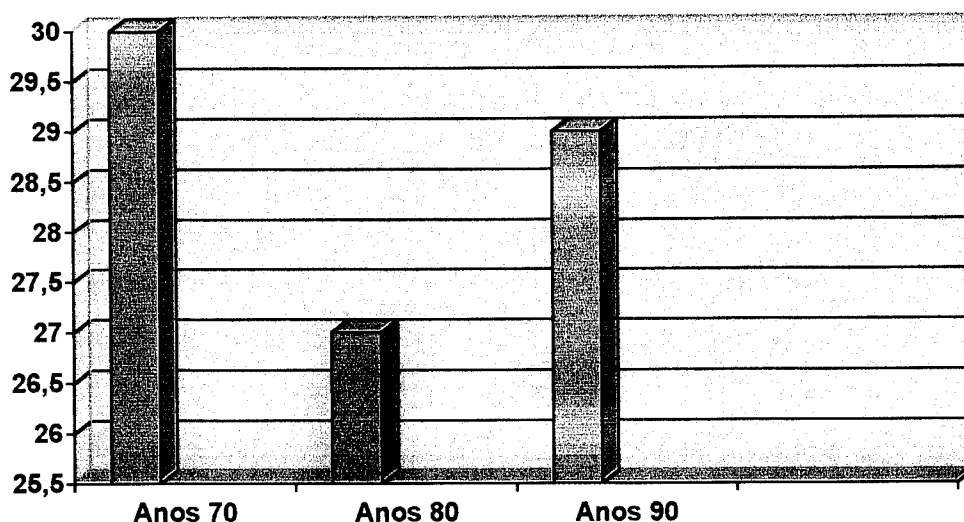
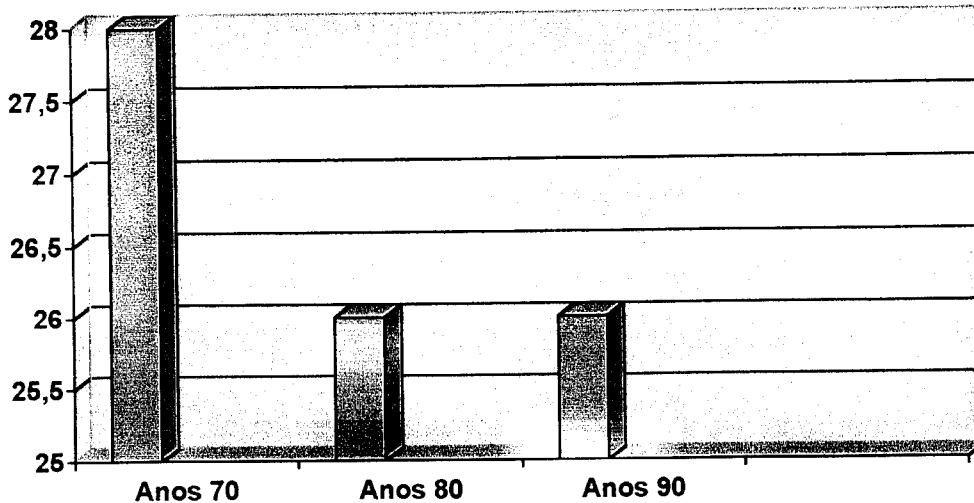


GRÁFICO VII

Média de idades da mãe aquando do baptismo dos respectivos filhos



Como os primeiros registos do livro de baptismos são mais completos, ainda é possível encontrar até 1976, embora sem qualquer regularidade, as profissões dos pais e dos padrinhos das crianças. Assim, são mencionados por 3 vezes pais com a profissão de jornaleiros, 3 com a de agricultor, 3 com a designação genérica de trabalhador, 1 pedreiro, 1 emigrante e 2 registos para tractorista. Nas mães, 8 registos como donas de casa, 3 de domésticas e 1 comerciante. No que se refere aos padrinhos, existe uma menção à profissão de relojoeiro, 1 à de jornaleiro, 1 à de servente, 1 à de comerciante, 1 à de advogado, 1 à de funcionário público, 1 à de militar, 2 registos para proprietário, 2 para empregado da indústria hoteleira, 3 para agricultor e 1 para trabalhador. Relativamente às madrinhas, surgem 3 registos para domésticas, 4 para donas de casa, 1 para operária e 1 para estudante.

As crianças baptizadas tinham, na sua maioria, apenas alguns meses de idade e a comunidade era constituída essencialmente por pessoas do lugar de Assento. Contudo, foi-se alargando graças aos matrimónios, sobretudo os realizados entre naturais de Assento e pessoas de aldeias vizinhas, embora esse factor tenha pouco peso em termos globais, pois na maioria dos matrimónios ambos os nubentes eram naturais de Assento.

No que aos matrimónios concerne, registam-se os números que se seguem:

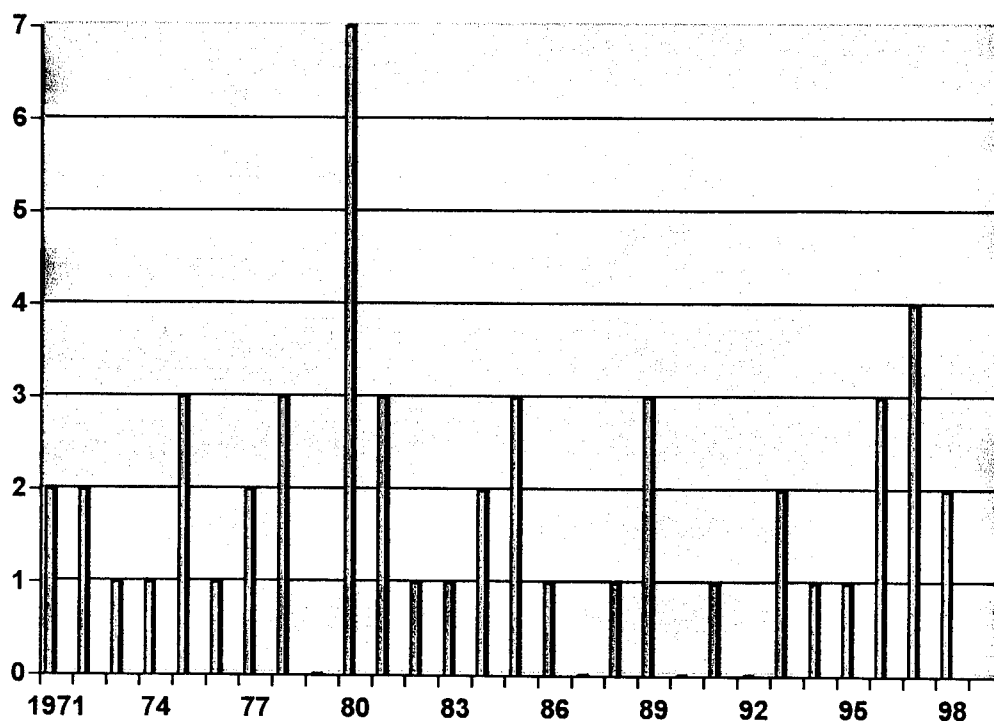
QUADRO V

ANOS	Nº DE CASAMENTOS
1971	2
1972	2
1973	1
1974	1
1975	3
1976	1
1977	2
1978	3
1979	0
1980	7
1981	3
1982	1
1983	1
1984	2
1985	3
1986	1
1987	0
1988	1
1989	3
1990	0
1991	1
1992	0
1993	2

1994	1
1995	1
1996	3*
1997	4*
1998	2

* 1 casamento realizado em cerimónia ecuménica (juntando representantes da Igreja Católica e da Metodista)

GRÁFICO VIII
**Nº DE CASAMENTOS DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DE
 VALDOSENDE DE 1971 A 1998**

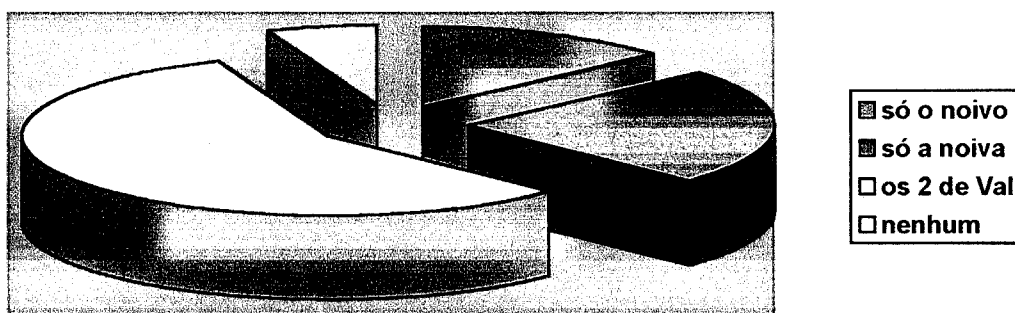


Na década de setenta registaram-se em Valdosende 22 casamentos metodistas; na de oitenta, 15; e, nos oito anos analisados da década de 90, ocorreram 14. Destes 51 casamentos, 29 realizaram-se entre naturais da aldeia; 3, embora realizados na freguesia, nenhum dos noivos era dela natural. Ocorreram 12 casamentos em que apenas a noiva era de Valdosende e 7 em que apenas o noivo era da freguesia. Isso significa que 56,8%

se enquadram no primeiro caso, 5,8% no segundo, 23,5% no terceiro e 13,7% na quarta situação.

GRÁFICO IX

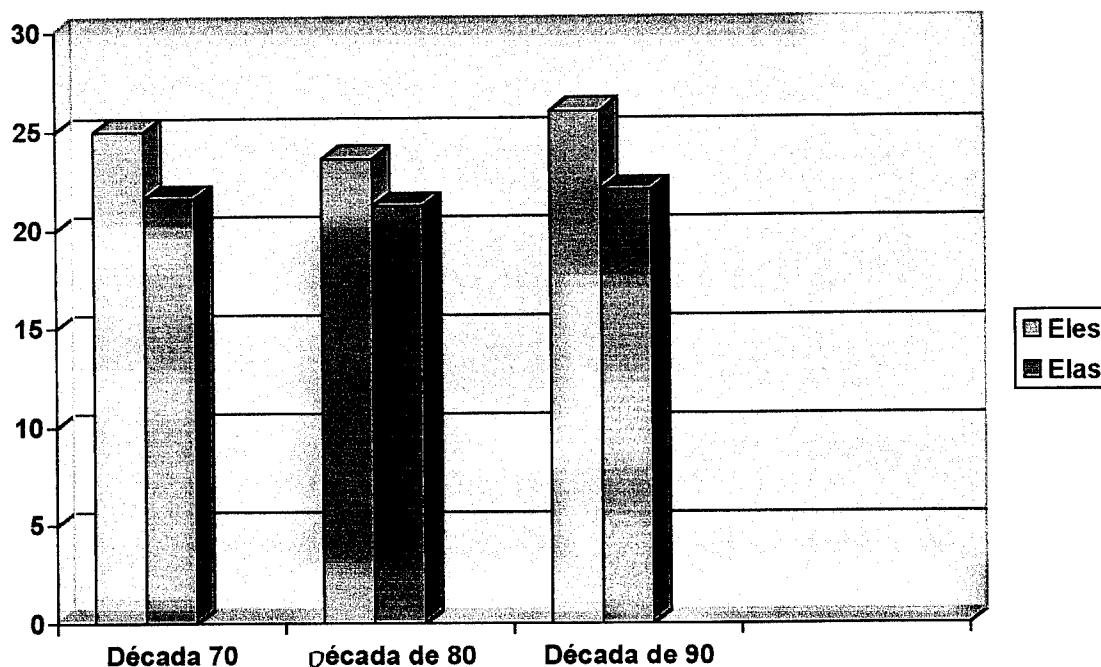
NATURALIDADE DOS CONSORTES (casamentos realizados de 1971 a 1998)



A média de idades apresentada na altura do casamento é variável. Assim, na década de 70, os homens casavam aos 25 anos e as mulheres, em média, com 21,6 anos. Na década seguinte, a média de idades baixou, a deles era de 23,6 anos e a delas de 21,2. Por último, na década de 90, a idade do casamento volta a subir: os homens casam aos 26 e as mulheres aos 22.

GRÁFICO X

Média de idades de casamento para o sexo feminino e para o masculino



Quanto à ocupação profissional dos noivos, pouco se pode concluir, pois, nos assentos respectivos, só esporadicamente se registam as profissões. Dos 51 casamentos registados, aparece-nos a referência a dois jornalheiros, um proprietário, um porteiro de hotel, um ajudante de motorista, um empregado de escritório e um “trabalhador”. No que diz respeito às profissões das mulheres, há duas “donas de casa”, uma doméstica e uma operária têxtil. A residência dos noivos também é referida ocasionalmente, e, quando mencionados, são de Assento.

Os padrinhos de casamento, pertencem na sua maioria, ao dito lugar mas, embora faltem alguns registos, há residentes em Braga, Viana do Castelo, Lisboa, Aveiro, Póvoa de Varzim, Mafra, Almada, Alfragide, Vila Nova de Gaia, França, Venezuela, Rio Caldo, bem como noutros lugares da freguesia, como Paradela e Vilar a Monte. Quanto às profissões, mais uma vez só ocasionalmente nos aparecem referências. Assim, há um Guarda Nacional Republicano, dois “trabalhadores”, um proprietário, um relojoeiro, um vendedor e um torneiro. Entre as madrinhas, há uma comerciante, uma doméstica e três donas de casa.

No respeitante à sazonalidade dos casamentos, constata-se o seguinte:

GRÁFICO XI

Nº de casamentos de 1971 a 1980

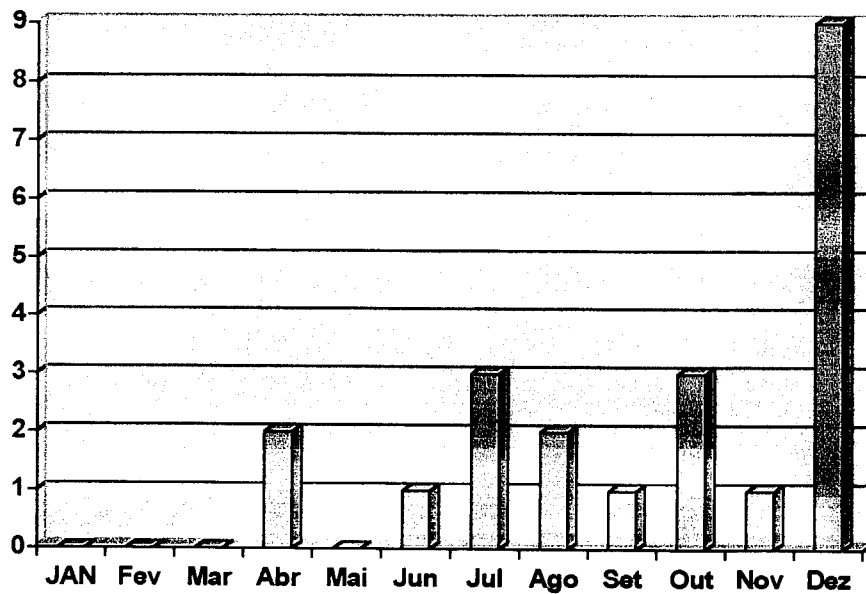


GRÁFICO XII

Nº de casamentos de 1981 a 1990

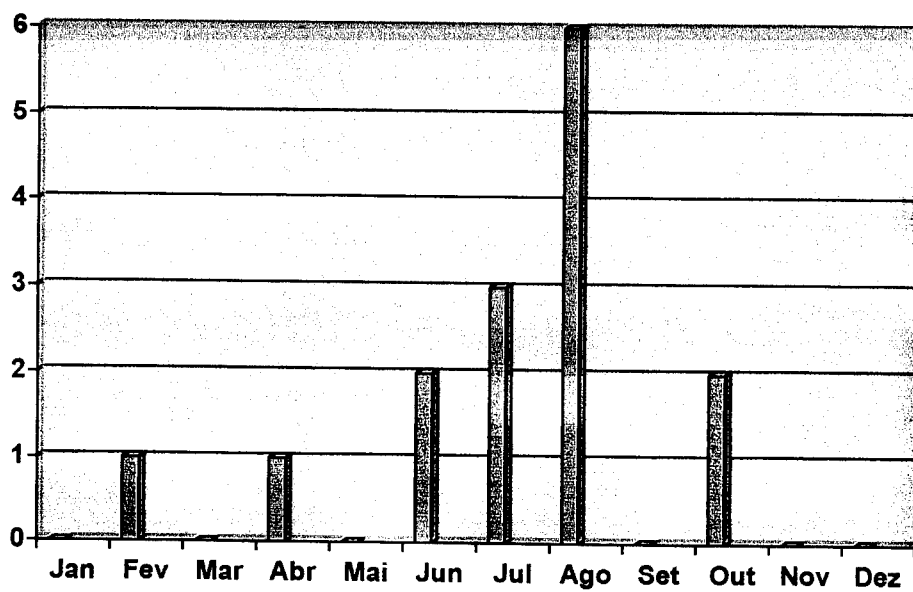
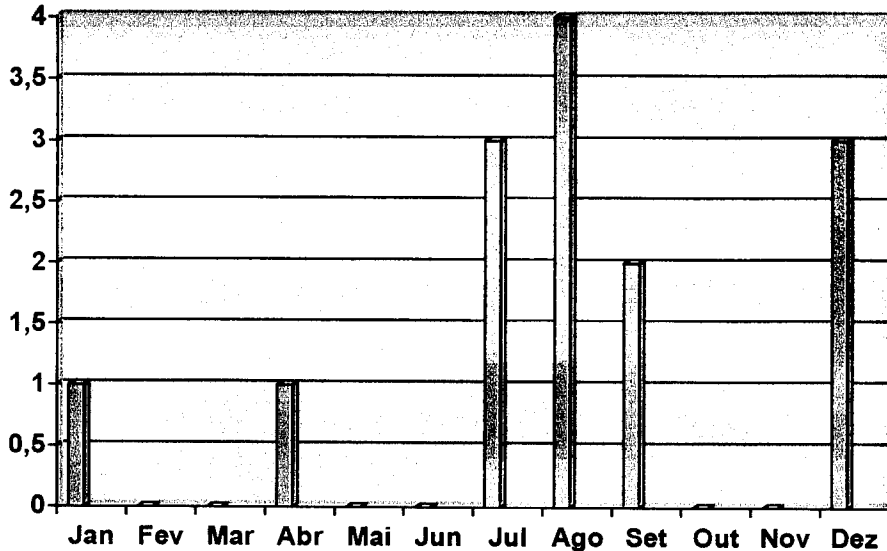


GRÁFICO XIII

Nº de casamentos de 1991 a 1998



Verifica-se, desta forma, que na década de setenta, o mês de eleição para o casamento era o de Dezembro. Na década de oitenta, a maior parte dos casamentos realiza-se no Verão, sendo Agosto o mês preferido. Na de noventa, embora a maior parte dos matrimónios se realize naquela estação, o mês de Dezembro volta a estar em alta. Que Agosto tenha passado a ter maior protagonismo entende-se por, nesse mês, regressarem os emigrantes, possibilitando, assim, a reunião de todos os familiares para a realização da boda.

É também nos anos noventa que ocorrem dois casamentos ecuménicos. O primeiro realizou-se no dia 27 de Abril de 1996, unindo Fernando Lameira Antunes e Helena Maria Lopes Teixeira. Embora o noivo fosse evangélico e natural de Assento, a cerimónia realizou-se na capela da igreja católica do Gerês. Foi presidida pelo padre Albino Azevedo Faria, tendo por participante também o padre António Pereira Lopes e como concelebrantes o pastor José Sifredo Linhares Teixeira, da igreja evangélica de Valdosende e o Rev. José Manuel Jesus Cerqueira. No dia 19 de Julho de 1997, outra cerimónia desta natureza se realizou, desta feita na igreja católica de Paradela. Tratou-se do casamento de Paulo José Antunes Lameira e de Carla Maria da Silva e Sousa, presidido pelo padre Manuel José Ribeiro Pinheiro e concelebrado pelo pastor José

Sifredo Linhares Teixeira, tendo participado igualmente o pastor José Manuel Jesus Cerqueira.

De assinalar que os casamentos realizados nesta última década unem jovens que desde crianças foram educados nos princípios metodistas e que, à partida, perpetuarão e transmitirão as suas crenças aos filhos. São futuros pais que, ao contrário dos seus, não mudaram de religião já adultos e, por essa razão, poderão assegurar uma continuidade do evangelismo naquela região do país. Por outro lado, podemos perguntar se a ocorrência de casamentos mistos não levará à diluição das diferenças já que o metodismo é, naquela freguesia, minoritário. Não nos parece, pois só o facto de se recorrer à “cerimónia ecuménica” demonstra uma clara consciência das diferenças e uma atitude de respeito pelas mesmas. Por seu lado, as hierarquias das diferentes igrejas também terão um papel determinante na vida conjunta destas comunidades, pois delas depende aquilo que vier a ser instituído em termos de práticas ecuménicas. Para já, e como a vida não se limita à religião, as duas comunidades parecem ter encontrado um certo ponto de equilíbrio que vem também da existência de relações de parentesco, e da necessidade quotidiana de manter laços de trabalho e até de lazer e de diversão.

IV.IV- Profissões de Fé

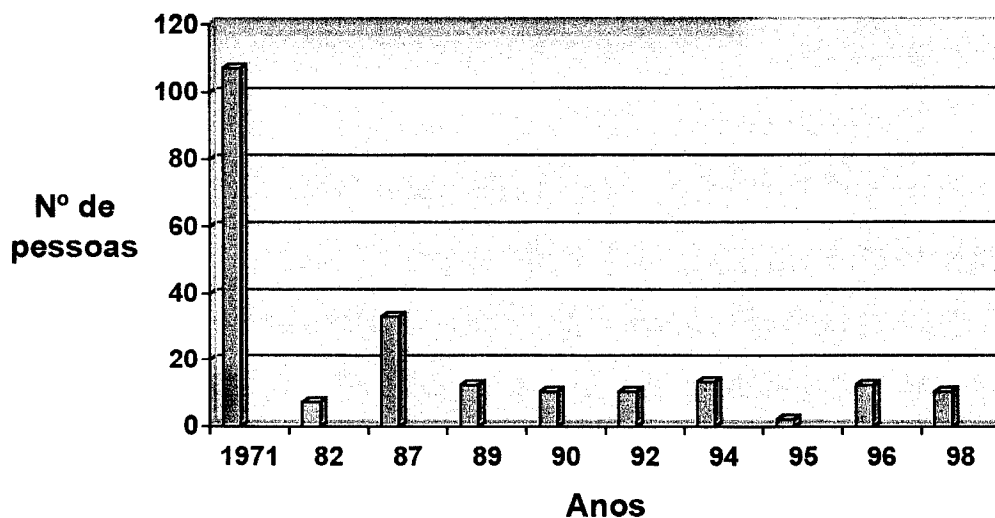
A Igreja Evangélica Metodista de Valdosende faz também o registo dos membros em plena comunhão. São muitos os que frequentam a capela e as actividades religiosas como simpatizantes, mas há os que, por convicção, acabam por fazer a sua profissão de fé, tendo-se registado: duas cerimónias em 1971, uma em 1982, 1987, 1989, 1990, 1992, 1994, 1995, 1996 e 1998. Veja-se o computo global no quadro e gráfico seguintes:

QUADRO VI
**PROFISSÕES DE FÉ NA IGREJA METODISTA DE
 VALDOSENDE DE 1971 A 1998**

ANOS	Nº DE PESSOAS
1971	107
1982	7
1987	33
1989	12
1990	10
1992	10
1994	13
1995	2
1996	12
1998	10

GRÁFICO XIV

Profissões de fé desde 1971 a 1998



Houve uma grande cerimónia de profissão de fé de 86 pessoas, no dia 10 de Outubro de 1971 e a média de idades era então de 47 anos, ainda nesse ano, mas no dia 5 de Dezembro, fizeram-na mais 21 pessoas, cuja média de idades se situava nos 27 anos. A 16 de Maio de 1982, foram admitidos mais 7 membros em plena comunhão, sendo a média de idades de 31 anos. No dia 18 de Junho de 1987, o pastor local e o Rev. Ireneu Cunha foram aceitaram mais 33 membros com uma média de 22 anos. Em 1989, foram admitidos mais 12 membros. Dez foram admitidos em 1990, e outros tantos em 1992; 13 em 1994; 2 em 1995; 12 em 1996 e 10 em 1998. As médias de idade eram de 23,6 anos, de 20; de 23; de 19; de 13,5; de 21 e de 17 anos respectivamente. Ao todo, ao longo destas quase três décadas de existência, a Igreja Evangélica Metodista de Valdosende admitiu 217 membros.

A cerimónia mais original foi, de facto, a primeira ao serem admitidas na nova fé pessoas adultas que nasceram e cresceram no catolicismo. A pessoa mais jovem do grupo tinha 17 anos e a mais velha 85. Entre eles contavam-se 4 proprietários, 16 agricultores, 1 lavrador, 1 relojoeiro, 3 jornaleiros, 1 guarda-fios, 1 telefonista, 1 serralheiro, 1 carpinteiro, 1 pedreiro, 1 tractorista, 1 empregado de mesa, 2 trabalhadores, 43 donas de casa e 9 domésticas (embora não se perceba a razão pela

qual nos registos aparecem designações diferentes para a actividade doméstica). Deste conjunto, 59 pessoas eram casadas, 18 solteiras e 9 viúvas; uma residia em Vilar da Veiga (Gerês) e todas as outras em Assento. A naturalidade da maior parte era também deste lugar, havendo, no entanto, 1 de Vilarinho, 1 de Vilar a Monte, 2 de Paradela, 2 de Cantelães (Vieira do Minho), 2 de Rio Caldo, 1 de Rendufinho (Póvoa de Lanhoso), 1 do Ceará (Brasil), 1 de Carvalheira (Paredes), 1 da Caniçada (Vieira do Minho), 1 de Friande (Póvoa de Lanhoso), 1 de Santa Lucrécia (Braga), 1 de Vilela (Amares), 1 de Dume (Braga) e uma de Vilar da Veiga (Gerês). Deste grupo inicial acabaram por desistir de membros da igreja 12 pessoas, 2 estão ausentes nos Estados Unidos e 1 em Santa Comba Dão tendo já falecido 28 dos 86 elementos de origem. Dos 34 homens, 3 tinham, à data da profissão de fé, entre 11 e 20 anos, 4 entre 21 e 30, 3 entre 31 e 40, 7 entre 41 e 50 anos, 6 entre 51 e 60, 7 entre 61 e 70, 2 entre 71 e 80 e 2 entre 81 e 90 anos. Das 52 mulheres, faltam os registos das idades de 2 delas no entanto, há 6 entre os 11 e os 20 anos; 7 entre os 21 e os 30, 6 entre os 31 e os 40, 9 entre os 41 e 50, 12 entre os 51 e 60, 6 entre os 61 e 70 e 4 entre os 71 e 80.

No ano de 1971, houve ainda outra cerimónia de admissão de membros. Na presença do Reverendo Albert Aspey, mais 21 pessoas passaram do catolicismo para o metodismo: 13 homens e 8 mulheres, com médias de idades bastante mais baixas que o primeiro grupo desse ano. Dos 13 homens, 8 tinham idades compreendidas entre os 11 e os 20, 2 entre os 21 e os 30, 2 entre os 31 e os 40 e 1 entre os 61 e os 70. Quanto às mulheres, 4 tinham entre 11 e 20 anos, 1 entre 21 e 30, 1 entre 31 e 40, 1 entre 61 e 70 e uma entre 71 e 81 anos. Ainda que não se façam referências às profissões de 7 homens e de 2 mulheres, 1 era agricultor, 1 era fiscal da Companhia de Electricidade de Portugal, 1 era jornalista, 1 empregado comercial, 1 empregado de tanoaria, 1 delegado do Procurador da República, 3 domésticas, 1 dona de casa e 2 empregadas de escritório. Quase todos eram naturais de Assento (14), pois apenas 1 era de Vilar a Monte, 2 de São Mateus da Ribeira (Terras de Bouro), 1 de Paredes, 1 de Chorrende (Terras de Bouro), 1 da Amadora e 1 de Terras de Bouro. Como residência 16 tinham Assento, 2 Vilar a Monte e 3 Braga. Deste grupo, acabaram por desistir 6 pessoas, 2 dessas vinham transferidas da Igreja Baptista, não sendo de Valdosende solidarizaram-se, no entanto, com a causa dos populares de Assento. Depois também alguns se ausentaram da aldeia: 2 foram para os Estados Unidos, 1 para França, 1 para Lisboa e 1 para a Amadora e, desse grupo, 1 já faleceu.

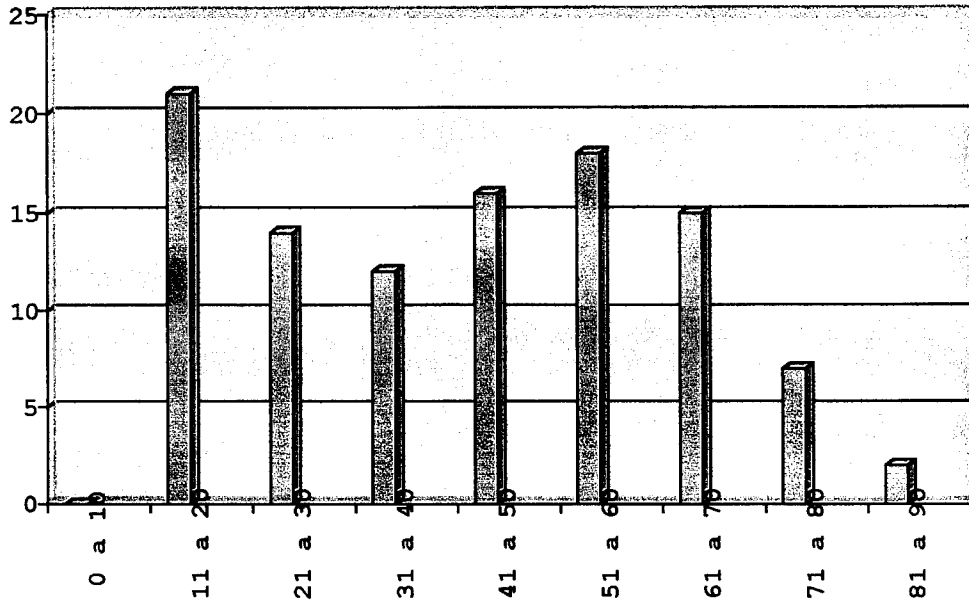
Na totalidade, ao longo desta primeira década, fizeram a sua profissão de fé 105 pessoas com a distribuição etária que se segue:

QUADRO VII
DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DAS PESSOAS QUE FIZERAM
A PROFISSÃO DE FÉ NA DÉCADA DE 70

IDADES	Nº
0 a 10	0
11 a 20	21
21 a 30	14
31 a 40	12
41 a 50	16
51 a 60	18
61 a 70	15
71 a 80	7
81 a 90	2

*Não há registos que permitam saber a idade de duas pessoas.

GRÁFICO XV



Em 1982, o Reverendo Abel Lopes admitiu mais sete pessoas como membros em plena comunhão da Igreja Evangélica Metodista de Valdosende. Tratava-se de 3 homens, 1 era servente, outro serrador de madeira e outro estudante, e 4 mulheres, havia 2 donas de casa e 2 estudantes. Deste conjunto, 6 eram naturais de Valdosende e 1 de Aveiro. Todos moravam em Assento, sendo que 1 elemento se auto-excluiu da igreja em 1997 e outro, a filha do Reverendo Abel Lopes, encontra-se em Lisboa, como pastora metodista. Dos membros admitidos em 82, 2 homens tinham entre 21 e 30 anos, 1 entre 31 e 40 anos, enquanto 1 mulher tinha entre 41 e 50 anos, outra entre 21 e 30 e 2 entre os 11 e os 20 anos.

Em Junho de 1987, houve outra cerimónia em que foram recebidos 14 membros do sexo masculino e 19 do feminino. Todos residiam e eram naturais de Assento, à excepção de 1 de Santa Maria de Bouro (Amares). Neste grupo não ocorreu qualquer abandono, apenas um elemento se ausentou para o Canadá e outro para o Luxemburgo. Fizeram a sua profissão de fé 8 homens com idades compreendidas entre os 11 e os 20 anos, 3 entre os 21 e os 30, 2 entre os 41 e os 50 e 1 entre os 51 e os 60; 13 mulheres com idades entre os 11 e os 20 anos, 5 entre os 21 e os 30 e 1 entre os 41 e os 50.

Em 1989, fez-se a última profissão de fé, estando Abel Lopes ainda à frente da comunidade. Nesta cerimónia foi assistido pelo pastor que lhe sucederia, José Sifredo

Linhares Teixeira, tendo sido recebidas 12 pessoas como membros, 7 homens e 5 mulheres. Todos residiam em Assento e eram 10 naturais da freguesia de Valdosende, 1 do Rio de Janeiro e outro de Lisboa. Quanto às ocupações, 1 das senhoras era vigilante da creche, as outras respectivamente: cozinheira, reformada, estudante e doméstica. No que se refere aos homens, 2 eram estudantes, 1 ajudante de trolha, 1 madeireiro, nos registos não consta a profissão de três. Neste grupo, à data da cerimónia, 4 eram casados e 3 solteiros. Nenhum se ausentou da aldeia, nem consta ter abandonado a comunidade Metodista de Valdosende. Relativamente às idades, tratava-se de um grupo com 5 homens entre os 11 e os 20 anos, 2 entre os 21 e os 30 e 3 mulheres entre os 11 e os 20 anos e 1 entre os 61 e os 70, não havendo o registo relativo à idade de uma.

A partir de 1990, realizaram-se cerimónias de profissão de fé com mais frequência, embora com menos pessoas. A média de idades daqueles que vão sendo aceites como membros da igreja também diminuiu. No dia 5 de Agosto de 1990, o pastor Sifredo Teixeira aceitou mais dez membros, 4 homens e 6 mulheres. Destes, 3 rapazes e 5 raparigas eram estudantes, 1 trabalhador agrícola e 1 doméstica. Todos solteiros, residentes em Assento, com apenas 1 natural do Porto, outro de França, sendo os restantes naturais de Valdosende. Nenhum se ausentou ou deixou de ser membro da comunidade evangélica. Três elementos masculinos tinham idades entre os 11 e os 20, e 1 entre 21 e 30 anos. Das mulheres, 5 tinham entre 11 e 20 anos e uma entre 61 e 70 .

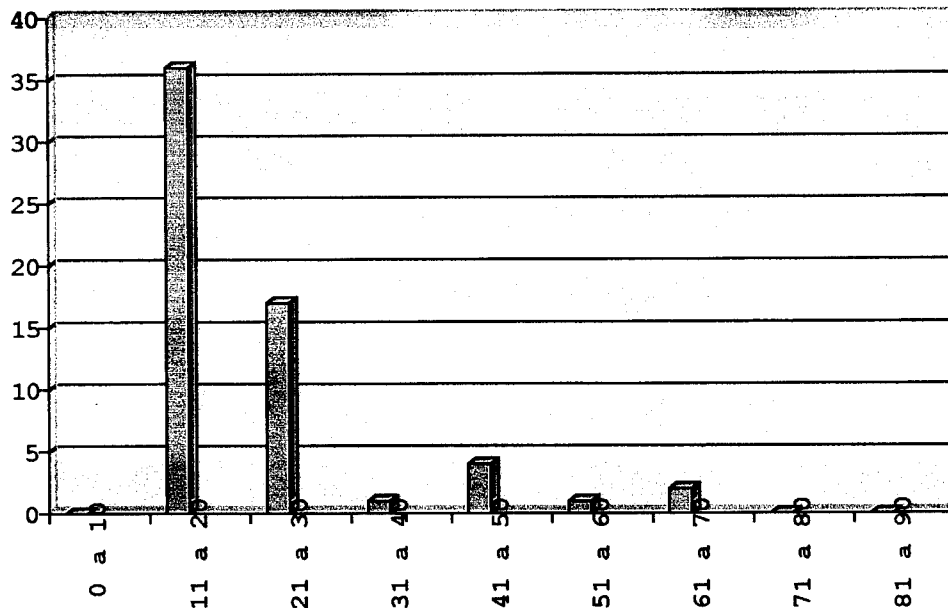
QUADRO VIII

DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DAS PESSOAS QUE FIZERAM A PROFISSÃO DE FÉ AO LONGO DA DÉCADA DE 80

IDADES	Nº
0 a 10	0
11 a 20	36
21 a 30	17
31 a 40	1
41 a 50	4
51 a 60	1
61 a 70	2
71 a 80	0
81 a 90	0

*Não há registos que permitam a obtenção da idade de uma pessoa.

GRÁFICO XVI



Em 1992, ocorreu outra admissão de membros: 1 rapaz com 16 anos, e 9 mulheres com idades compreendidas entre os 12 e os 47 anos. O único elemento masculino era estudante, 1 dos membros femininos era vigilante, 2 domésticas, 1 professora transferida da Igreja Presbiteriana, e natural de Lisboa, sendo 5 jovens estudantes. Destas 10 pessoas, 6 eram solteiras e 4 casadas, todas residentes em Assento e a naturalidade da maioria, de Valdosende, com excepção de 1 era natural de Friande (Póvoa de Lanhoso) e outra de França. Nenhum destes elementos abandonou a igreja metodista.

No dia 3 de Abril de 1994, fez-se nova cerimónia para admitir membros, desta vez aderiram 9 elementos masculinos e 4 femininos. Dos homens, 1 era trolha, 5 estudantes, 1 ajudante de madeireiro, 1 outro é registado como “indiferenciado” no que refere à profissão, e um “sem profissão”, das mulheres 2 eram domésticas e outras 2 estudantes. Todos os novos membros eram naturais e residentes de Assento, sendo 10 solteiros, 2 casados e 1 viúvo. Tal como no grupo anterior, não se registou qualquer abandono. No conjunto dos homens, 1 tinha entre 31 e 40 anos, 2 entre 21 e 30 e 6 entre

11 e 20, no das mulheres, 1 tinha entre 31 e 40 anos, outra entre 21 e 30 e 2 entre 11 e 20 anos.

Em 1995 apenas 2 membros foram aceites, um rapaz com 11 anos e 1 rapariga com 16 anos, ambos estudantes naturais e residentes em Assento.

A 3 de Março de 1996, e com a presença do Reverendo Ireneu Cunha, ocorreu, mais uma vez, a admissão de novos membros. Tratava-se de 8 elementos do sexo masculino e 4 do feminino. Todos residiam em Assento, sendo 1 natural de Rio Caldo, 1 de Rendufinho (Póvoa de Lanhoso), 1 de Lisboa e os restantes de Valdosende. Dos elementos masculino, 7 eram estudantes e 1 trolha. Das mulheres, 2 domésticas e as outras duas estudantes. Deste conjunto de 12 pessoas, 11 eram solteiras e 1 viúva. Nenhum elemento desistiu ou emigrou. Dos homens, 1 tinha entre 51 e 60 anos, 6 entre 11 e 20 e 1 contava 10 anos, uma mulher tinha 57 anos, outra 28 e as restantes rondavam entre 11 e 20 anos.

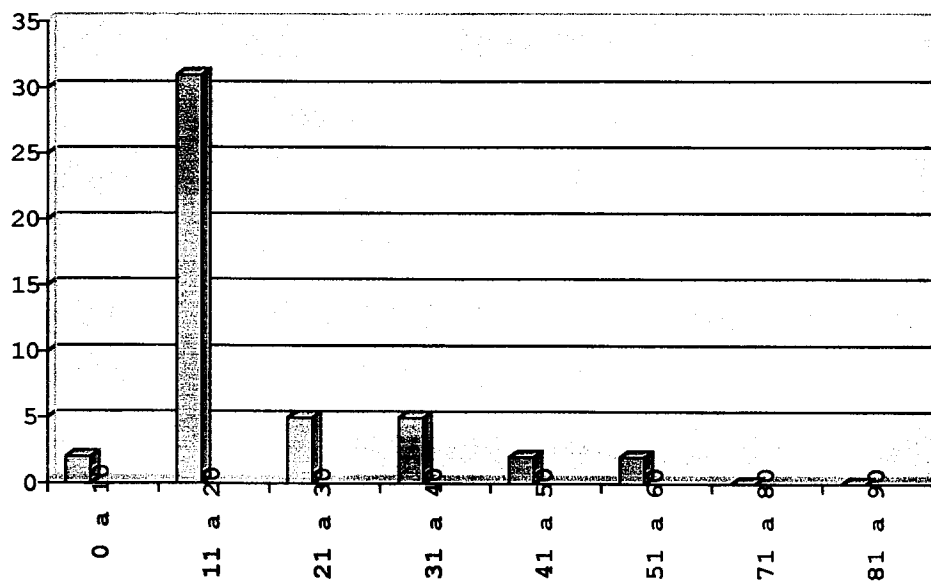
A 3 de Maio de 1998, fez-se nova cerimónia na qual foram admitidos, como membros em plena comunhão da Igreja Evangélica Metodista de Valdosende, 10 pessoas: 7 homens e 3 mulheres. Um dos membros do sexo masculino exercia a profissão de motorista, 1 senhora era costureira, outra vigilante e uma outra empregada auxiliar, sendo os restantes estudantes. Na sua maioria eram naturais de Valdosende, exceptuando 1 nascido na freguesia vizinha de Rio Caldo. Oito residiam em Assento, 1 em Adegueiro (Santa Maria de Bouro) e outro em Mataracas (Rio Caldo). Do conjunto, à data da profissão de fé, 9 eram solteiros e 1 casado, não constando que algum se houvesse ausentado do país ou abandonado o grémio da igreja metodista. Desta vez, regista-se um elemento masculino que fez a profissão de fé com 10 anos enquanto 5 entre os 11 e os 20 e 1 entre os 30 e os 40. No que respeita às mulheres, 2 tinham entre 11 e 20 anos e 1 entre 21 e 30.

QUADRO IX

DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DAS PESSOAS QUE FIZERAM A PROFISSÃO DE
FÉ NA DÉCADA DE 90 (ATÉ 1998)

IDADES	Nº
0 a 10	2
11 a 20	31
21 a 30	5
31 a 40	5
41 a 50	2
51 a 60	2
61 a 70	0
71 a 80	0
81 a 90	0

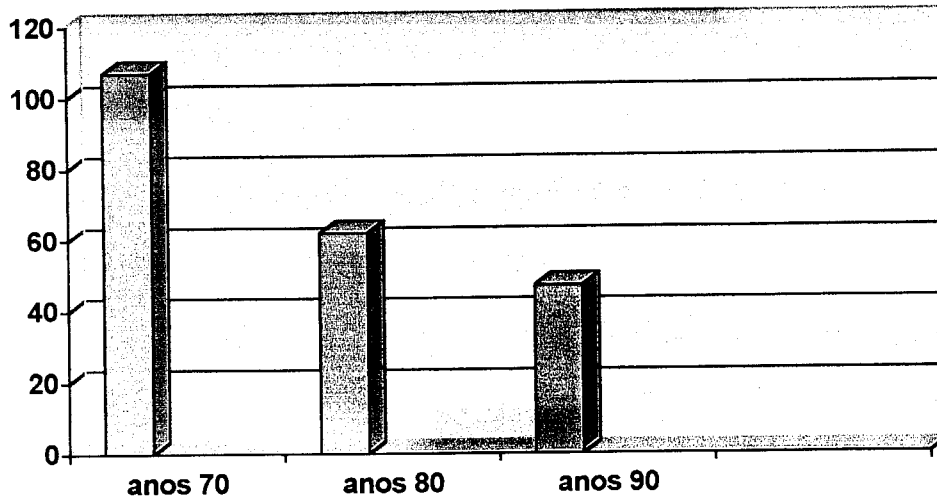
GRÁFICO XVII



Conclui-se, assim, que na década de setenta foram admitidos 107 membros, na de oitenta, 63 membros e, nos últimos oito anos da década de noventa, foram admitidos 47 membros em plena comunhão.

GRÁFICO XVIII

Membros admitidos na Igreja Evangélica Metodista de Valdosende



No tempo do pastor Abel Lopes, foram admitidos 159 membros e no do pastor Sifredo Teixeira, 57. Ao todo, até 1998, estão registados, como membros em plena comunhão da Igreja Evangélica Metodista de Valdosende, 216 pessoas, 115 mulheres e 101 homens. Em termos ocupação profissional, constata-se que o número de estudantes vai aumentando à medida que nos aproximamos da actualidade. Por outro lado, a média de idades dos candidatos a membros da igreja evangélica vai descendo.

QUADRO X

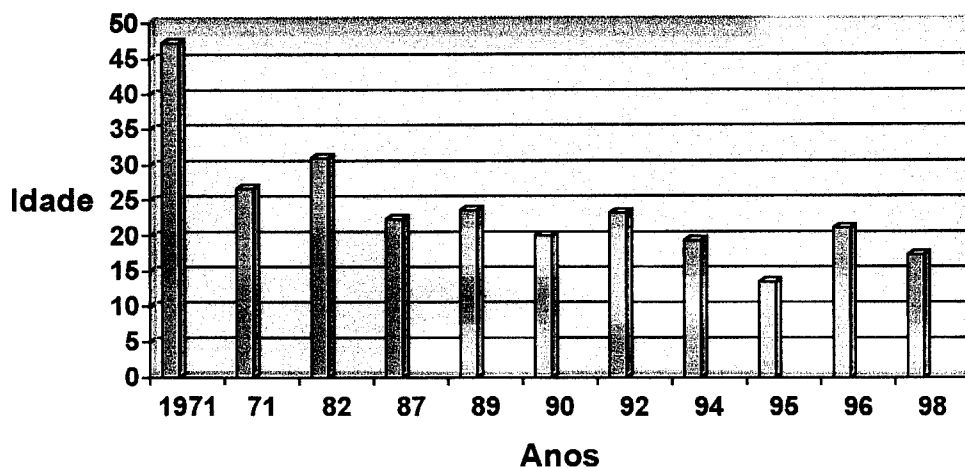
MÉDIA DE IDADES NAS DIFERENTES CERIMÓNIAS DE PROFISSÃO DE FÉ

ANO	MÉDIA
1971	47
1971	27
1982	31
1987	22

1989	24
1990	20
1992	23
1994	19
1995	16
1996	21
1998	17

GRÁFICO XIX

Média de idades nas diferentes cerimónias de profissão de fé



Também as desistências e o número daqueles que se ausentaram da aldeia acusam diminuição. Dos que fizeram a profissão de fé na primeira cerimónia de 1971, desistiram doze elementos, na segunda desse ano, desistiram seis pessoas. Por último, dos que se registaram como membros em 1982, um acabou por desistir não ocorrendo nos anos seguintes outras desistências.

GRÁFICO XX

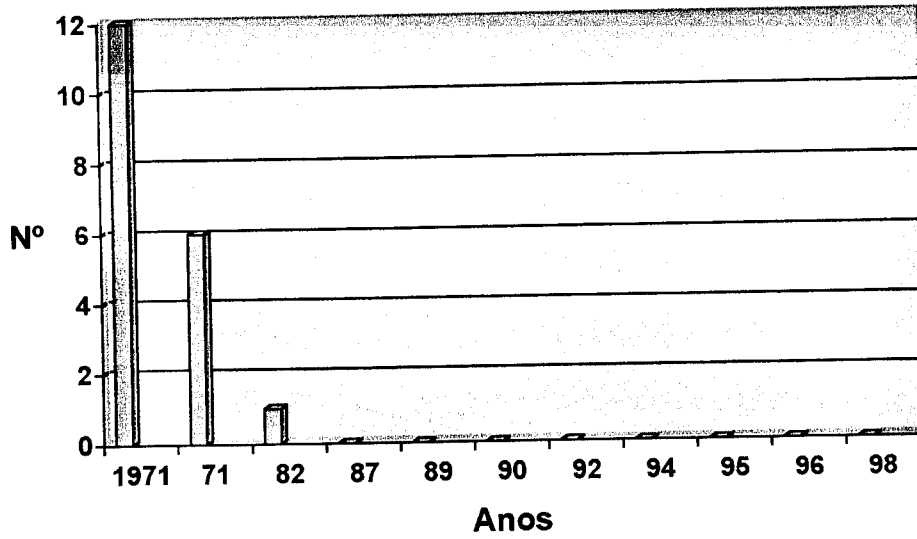
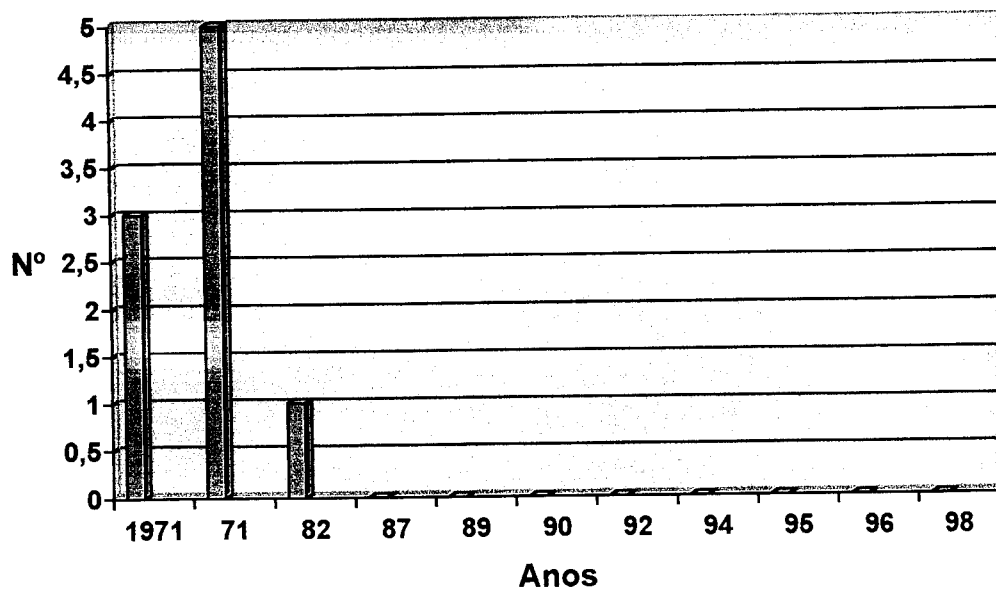
Desistências

GRÁFICO XXI

Ausências

O facto de, ao longo destas diferentes cerimónias, ter ocorrido o ingresso de pessoas com idade avançada vem, de certa forma, dar alguma consistência à ideia já avançada de que existiria uma parte da população de Assento que se manteria relativamente afastada da vida religiosa, ou que pelo menos não assumiria um vínculo institucional em relação à igreja metodista. Confirmar-se-á a existência de um razoável número de simpatizantes e, desses, alguns, em determinado momento da sua vida, optariam por fazer a profissão de fé e consolidariam, dessa forma, a ligação à igreja evangélica. Os primeiros metodistas de Valdosende converteram-se depois de um corte com a tradição católica motivado pelas desavenças com o pároco. Era uma geração adulta, madura e, por isso, com capacidade para entender o impacto sociológico da mudança religiosa que se propunha protagonizar, no entanto, é provável que uma reflexão, mais distante dos acontecimentos que levaram à revolta dos habitantes do lugar de Assento, tenha levado alguns dos que inicialmente aderiram ao metodismo ao arrependimento e recuo, pois a mudança de religião não ocorrera por razões doutrinárias. Talvez por esse motivo se verifiquem mais desistências entre aqueles que faziam parte dos grupos que integraram as primeiras cerimónias de profissão de fé da Igreja Metodista de Valdosende. Por outro lado, as gerações mais novas cresceram no seio do metodismo, não fazendo sentido o abandono sem razão palpável. Quanto ao número daqueles que se ausentaram da aldeia, é evidente que a emigração em Portugal, bastante mais forte na década de setenta, vai-se esbatendo durante os anos oitenta e situa-se praticamente num índice insignificante nos anos noventa, sendo que, como a população vai diminuindo também nesta década, poderá ser apenas consequência da descida geral da taxa de natalidade e do êxodo rural. Em relação ao número de estudantes, verifica-se um crescimento significativo ao longo destas quase três décadas de existência desta igreja. Tal terá a ver ainda com a descida da média de idades daqueles que se tornam membros da comunidade Metodista de Valdosende e o alargamento da escolaridade obrigatória para os 15 anos.

A análise dos registos de baptismo, casamento e profissão de fé permite-nos, apesar da falta de alguns, traçar com nitidez o quadro sociológico desta comunidade. Trata-se de uma população tipicamente rural, de nível sócio-cultural baixo e profissionalmente ligado à agricultura, pois mesmo as mulheres, referidas como domésticas, trabalham no campo. As pessoas que não se dedicam à agricultura exercem actividades com baixos índices de remuneração, notando-se um peso significativo de

emigrantes. Esta análise permite ainda constatar que a comunidade de origem era já adulta, sendo as camadas jovens que ingressaram o resultado da ligação familiar, a ponto de o crescimento da comunidade metodista de Valdosende se ter limitado a acompanhar o crescimento natural da população. O perfil histórico desta comunidade obviamente não é longo, pois corresponde apenas a uma geração: pais, filhos e alguns netos. Houve, portanto, um crescimento interno, à maneira de um enquistamento sem atitudes evangelizadoras proseliticas para a periferia. Apesar de receber com simpatia as visitas de curiosos, não se desenvolveram atitudes apostólicas com o objectivo específico de alargar o número de fiéis.

IV.V- Balanço da actuação religiosa

Nesta altura, passados trinta anos sobre a implantação da igreja evangélica metodista em Valdosende, com 216 membros em plena comunhão registados em 1998, se muito mudou na comunidade e na freguesia, a igreja metodista, que muitos consideravam de existência efémera na localidade, permanece e suscita curiosidade. Em Outubro de 1999, o *Jornal de Notícias* dedicou uma página a Valdosende e, em Dezembro, a R.T.P.1 exibiu uma reportagem sobre aquela comunidade confessional. Esses trabalhos de reportagem realçando a singularidade do caso, acentuaram o dinamismo social dos metodistas. Sublinharam uma vivência que classificaram como sendo ecuménica, dando especial relevância à realização de casamentos mistos com a presença do padre e do pastor, à colaboração entre a comunidade metodista e a comunidade católica nas festividades religiosas, mais concretamente na da padroeira (Santa Marinha) e na das colheitas, na contribuição para obras de restauro da antiga igreja paroquial, na participação num projecto municipal de combate à pobreza e até na utilização de um cemitério comum. É certo que, durante anos, o pastor e o padre se ignoraram mutuamente. Em 1996, porém, ocorreu o primeiro casamento ecuménico e, em 1997, o segundo, e se esteve presente o pastor local, nunca esteve o pároco católico de Valdosende. No entanto, outros sacerdotes católicos participaram e até, num e noutro, presidiram à cerimónia. O actual pároco de Valdosende é já uma pessoa com bastante idade, ao qual prudentemente não convirá abrir velhas questões entre os lugares da paróquia. A dominância do catolicismo, claramente maioritário na paróquia, conduz à adopção de atitudes de reserva e de conservadorismo, sendo notória uma postura mais aberta e mais receptiva por parte dos líderes evangélicos bem conscientes da sua situação minoritária. Há católicos que fazem donativos à igreja metodista, colaborando no leilão de géneros agrícolas da festa das colheitas, enquanto fiéis evangélicos ajudam nas recentes obras de restauro da igreja católica de Assento, sendo que o diálogo e mútuos apoios entre as duas comunidades no seu dia a dia revelam avanços significativos.

Não deixa de ser estranho para os visitantes a constatação de muitas semelhanças no que respeita às festividades. Se se olhar para o cartaz de anúncio das programações da festa metodista das colheitas e da festa católica em honra de Santa Marinha, a única diferença que ressalta é que o programa da celebração católica

apresenta uma imagem religiosa da padroeira, ao passo que o da metodista apenas tem inscrições. Mas, a festa da padroeira católica, nos dias 30, 31 Julho e 1 de Agosto de 1999, incluía, no dia 30 à noite, a intervenção do grupo de música popular "Trevo Alegre" fundado pelos metodistas. No dia 31, às 12 horas, houve fogo de artifício e música gravada, durante a tarde, e às 21 horas, procissão de velas, às 22 horas a actuação de um conjunto musical de Santa Maria da Feira e às 24 horas mais uma sessão de fogo de artifício. No Domingo, dia 1, às 10 horas, missa cantada e sermão em honra de Santa Marinha; à tarde, procissão com andores e, às 22 horas, mais um conjunto musical, OMNI'S. Por sua vez, promovida pela comunidade metodista, a festa das colheitas, realizada nos dias 16 e 17 de Outubro de 2000, apresentou no sábado, dia 16, música gravada; pelas 12 horas, fogo de artifício, às 15 horas a entrada da "Charanga do Tranca" da associação de arte e recreio da freguesia vizinha de Vilar da Veiga, às 21 horas o conjunto musical OMNI'S e, às 24 horas, novamente uma sessão de fogo de artifício. No Domingo, às 9 horas realizou o culto de acção de graças, às 13 cortejo de oferendas, às 15, exibição do rancho folclórico de Valdosende e às 16 o leilão das oferendas. Às 21 horas, actuação do "Trevo Alegre" e, às 23, a encerrar as festas, mais uma sessão de fogo de artifício. Ora, tanto a festa católica como a protestante reúnem católicos e protestantes, pessoas da aldeia e pessoas e visitantes. Ambas têm um cunho folclórico, com fogo de artifício, grupos musicais e desfiles. A dos metodistas inclui um cortejo de oferendas ricamente decoradas com frutos da terra e a católica uma procissão com andores floridos e imagens dos santos. Na festa das colheitas de 21 e 22 de Outubro de 2000, ouvia-se nos cantares ao desafio que ocorreram no final do leilão:

Ó Senhora da Abadia,
 Reparai o meu papel,
 Que eu cá estou à espera
 D'outra quadra do Manel

A invocação, como se vê, na festa protestante, da Senhora da Abadia, e a presença do "Trevo Alegre" na festa católica, são contactos e permutas da colaboração das duas comunidades, com aceitação e evidente eclectismo. À partida, porém, muito ligado, aos hábitos, às tradições populares locais, à música, enfim a toda uma série de aspectos de natureza cultural. Contudo, a nível de crenças profundas, do código doutrinal e do código ético, na comunidade evangélica, sobretudo na nova geração, criada na creche metodista, hoje casada e já com filhos de tenra idade baptizados por esta

igreja, há uma consciência nítida das diferenças que a distinguem da católica. Nota-se também uma consciência de pertença mútua ao tronco comum do cristianismo, sendo-lhes familiar a palavra e o sentido ecuménico. Portanto, chegar a Valdosende à espera de encontrar um ghetto protestante é uma mera ilusão. Já no *Portugal Evangélico*, de Novembro de 1971 a Janeiro de 1972, se dizia, “[...] a igreja metodista não está ali empenhada numa obra de concorrência, nem numa atitude anti-católica romana. Também não quer desenvolver uma evangelização negativa de feição puritana que apenas fomente o fanatismo e a hipocrisia. A ênfase da sua acção é positiva, de confiança no amor de Deus e de solidariedade humana, que promova a concórdia e a reconciliação. Não pretende ser uma igreja fechada dentro das suas paredes, mas que procura ajudar a sanar as brechas da vida comunitária. Há um intencional esforço para que os seus cultos tenham, nos diversos actos, a maior participação do povo e se tornem dinâmicos, de forma a serem uma fonte de viva inspiração espiritual e de enriquecimento moral para os seus participantes, com a conseqüente projecção na vida quotidiana de cada pessoa, nas dores e alegrias de cada lar e no desenvolvimento social da povoação. O púlpito, sem arroubos de autoridade, deve servir e guiar a promoção do povo, para que Valdosende seja uma autentica comunidade cristã, regida pelos princípios eternos do Evangelho, onde o amor de Cristo possa permear cada faceta da vida, pelo poder do Espírito Santo [...]”⁵⁵.

⁵⁵ *Portugal Evangélico*, nº 613-615, Novembro de 1971 a Janeiro de 1972, p. 16.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho procurou-se, de uma forma simples e clara, apresentar o “caso de Valdosende”. Muito conhecido, é certo, e até muito mediático, mas também envolvido numa divulgação sensacionalista, superficial e, por vezes, confusa, a verdade é que nunca foi estudado numa perspectiva histórica. Procurou-se fazer uma análise interpretativa que, apesar de tudo, não se alongasse demasiado, pois existe a consciência das limitações que a falta de acesso a toda a documentação e a proximidade temporal provocam. Lançou-se mão de um *corpus documental* abundante e de qualidade mas, mesmo assim, não se conseguiu o acesso directo às cartas enviadas pelos populares às autoridades religiosas nem aos documentos que estas emitiram. Os testemunhos orais recolhidos, sem qualquer rigor cronológico, empolavam factos e omitiam outros, dando-lhe um cariz muito pessoal, de qualquer forma a sua grande quantidade de testemunhos orais e escritos analisados possibilitou o estabelecimento de comparações e permitiu avaliar com rigor as diversas posturas que se foram esboçando ao longo do desenrolar dos acontecimentos.

Assim, depois de uma caracterização contemplando aspectos de natureza geográfica, social económica e cultural da freguesia, passou-se a uma análise do início do conflito entre o pároco e a população de Assento. Além da sequência cronológica das ocorrências, estabelecem-se conexões entre os factos, retiram-se ilações, avançam-se hipóteses explicativas devidamente fundamentadas e salienta-se o papel que a imprensa periódica foi assumindo ao longo do conflito. Apresenta-se, desta forma, a génese do caso de Valdosende. Seguidamente, dá-se a conhecer a maneira como os populares fizeram o contacto com a igreja evangélica metodista de Braga, o ponto de partida da iniciativa desse contacto, a reacção dos metodistas e os procedimentos desta igreja na sua fase de instalação. Verifica-se a recusa definitiva da população de Assento às últimas propostas que o então recente vigário Episcopal da Arquidiocese fez no sentido de obter a reconciliação e analisam-se pormenorizadamente as obras evangélicas desenvolvidas ao longo desse ano de 1971.

Numa abordagem de carácter biográfico, notoriamente presa à oralidade, retrata-se a personalidade, as vivências e as formas de actuação dos fundadores e continuadores desta comunidade metodista de Valdosende com o objectivo de, depois de

mostrar a interferência de diversos circunstancialismos locais na sua edificação, realçar também alguns outros que estão inquestionavelmente ligados às pessoas. Verificam-se os objectivos e o papel das obras de natureza social que foram sendo criadas pelos metodistas e o alcance das mesmas na vida da aldeia sem que, contudo, se explore exhaustivamente algumas devido à falta de registos o que, aliás, se entende pelo carácter de voluntariado que de início assumiram. Verifica-se a identidade religiosa desta pequena comunidade, as suas características como igreja e a sua evolução ao nível dos baptismos, casamentos e de admissão de membros em plena comunhão. O seu dinamismo, a frequência aos cultos, as interligações com a comunidade católica são também apontados. Não se desenvolveu, porém, uma análise idêntica para a comunidade católica da freguesia. Esta implicaria um trabalho moroso, mas que em muito enriqueceria o conhecimento das práticas religiosas de Valdosende no seu todo, contribuindo para melhorar o conhecimento e entendimento dos intercâmbios entre as duas comunidades.

Em Valdosende, acabou por ocorrer uma cisão visto que os populares decidiram mudar de religião. Objectivamente tudo se ficou a dever à intransigência do pároco e à intransigência da população de Assento, acabando por se tornar uma questão de honra para ambas as partes. Curiosamente a Igreja Evangélica Metodista não surge ali por via proselitista de militância individual ou de pregação missionária. Deveu-se, sim, a circunstancialismos de natureza local. Por sugestão de um dos proprietários da localidade, emigrado nos Estados Unidos, uma delegação de paroquianos de Assento pediu assistência religiosa à Igreja Metodista de Braga que, depois de um breve período de hesitação, lhe deu todo o apoio, reforçando, dessa forma, a posição que essa parte da população da freguesia adoptara em relação ao pároco. Beneficiando da rivalidade entre a população e da situação de falta de assistência religiosa ao lugar de Assento, a Igreja Evangélica agarrou essa oportunidade inesperada que uma minoria de crentes chegou a considerar providencial por coincidir com as comemorações do centenário do metodismo em Portugal. Por sua vez, os evangélicos conseguiram sobreviver e crescer naquela região de prática católica total, aguentando uma situação, que, à partida, lhes seria desfavorável, ao explorarem as razões do descontentamento da população rebelde e ao adoptarem a sua defesa como forma de mantê-la coesa. Puseram em prática inúmeras acções no sentido de resolver os graves problemas económicos e sociais que se apresentavam, activando ajudas várias vindas das igrejas reformadas da Holanda e da

Suiça que, ainda antes da entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, se revelaram fundamentais para o combate à má nutrição, ao alcoolismo e à falta de cuidados médicos e sanitários. Por outro lado, evitaram com inteligência um corte radical com os hábitos religiosos da população, procurando realçar as semelhanças entre as duas religiões e a convencê-la que ambos adoravam o mesmo Deus. O destino eterno da alma não corria perigo uma vez que, também a prática evangélica conduzia à salvação. Atraiu ainda, a juventude, ao proporcionar-lhe espaços de convívio e de lazer, fazendo-a sentir-se útil ao empenhá-la activamente na vida da igreja e da comunidade.

Assim, a actividade social da Igreja Evangélica Metodista de Valdosende é um factor que conduz ao alicerçar da sua permanência pois, até à chegada desta igreja, nem o Estado, nem a Igreja Católica edificaram qualquer obra voltada para o bem estar da população. Na verdade, até à entrada dos evangélicos nunca a aldeia beneficiou de um gabinete médico, de dentista, de uma creche, de auxílio nas tarefas agrícolas, de campos de férias, etc., e só depois deles se estabelecerem, e em parte por sua pressão, chega o abastecimento de electricidade à aldeia.

De facto, o fenómeno da mudança religiosa poderia ser efémero, visto ter ocorrido numa região hostil, na arquidiocese de mais intensa prática católica do país, junto ao santuário de São Bento da Porta Aberta que, a seguir a Fátima, mais devotos atrai. Todavia, apesar de determinante, não podemos, no entanto, atribuir essa sobrevivência do metodismo nas serranias do Gerês apenas ao trabalho social desta igreja evangélica. Se este fenómeno ultrapassa o âmbito religioso, envolve múltiplos aspectos de natureza económica, social, geográfica, histórica, etc. Por exemplo, a existência de uma velha rivalidade entre os lugares da freguesia em muito contribuiu para o enraizamento protestante. Se a disputa pela primazia levou os habitantes de Assento a contactarem os metodistas, a competição contribuiu para a sua sobrevivência, pois ao longo dos anos, Assento vai provando aos outros lugares que fez uma escolha acertada capaz de lhe proporcionar não só a desejada assistência religiosa, como também o progresso e o bem estar através da criação de meios de subsistência garantidos pelas actividades dinamizadas pela cooperativa agrícola, da obtenção de cuidados médicos, da melhoria do bem estar e da formação das crianças, da presença de jovens de diversas nacionalidades nos campos de trabalho e até de uma diversidade de actividades lúdicas e recreativas capazes de superar as existentes em Paradela, o lugar mais dinâmico depois da construção da barragem.

Por outro lado, não se poderá menosprezar o peso e a importância que na sobrevivência desta comunidade teve a tradição comunitária. O contacto com os metodistas fora decidido pelo conselho de homens bons da aldeia, a fim de se recuperar o orgulho e a honra da comunidade, tal como a sua permanência também se decidira da mesma forma. Em Novembro de 1971, com os metodistas presentes na aldeia desde Fevereiro desse ano, o vigário episcopal de Braga, prometendo a pretendida assistência religiosa, reúne com os homens de Assento procurando o regresso ao catolicismo. No entanto, recorrendo a uma velha prática, traçou-se um risco no chão e os chefes de família que estivessem a favor da permanência dos evangélicos passavam para um lado do risco e os que quisessem voltar para o catolicismo passavam para o outro. Decidiu-se, então, que não se dispensaria a igreja metodista, pois, quando abandonados pela hierarquia católica, estes fizeram-lhes os baptismos, os casamentos e os funerais. De facto, a palavra dos anciãos, depois de tomada a decisão, teria de permanecer intacta. A sobrevivência da igreja metodista era agora também uma questão de honra por ser uma decisão colectiva e, por isso mesmo, fundamental para a manutenção da coesão da aldeia que, dessa forma, se isolava “religiosamente” da freguesia e da região envolvente.

Por sua vez, as actividades sociais da igreja metodista poderiam, dado o peso da tradição católica, não impedir eventuais rupturas com o catolicismo. Se os responsáveis metodistas não tivessem desenvolvido uma sensibilidade própria para com esta população, era possível que a comunidade não tivesse sobrevivido. Estes optaram por uma atitude de respeito pelos hábitos e tradições locais evitando o confronto e a emergência de conflitos, tendo o pastor Abel Lopes e a esposa demonstrado seguir esta posição porque alicerçava a coesão. Nesse sentido, desenvolveram obras sociais e evitaram discursos fundamentalistas, exaltando o bem estar colectivo e a protecção da identidade do grupo. Paralelamente, depreende-se das palavras de membros da comunidade e das entrevistas que deram na época, que o discurso dos responsáveis evangélicos ia mais no sentido de realçar as semelhanças entre as duas igrejas do que as diferenças, acabando esta atitude por ter um alcance mais realista, dado proporcionar mais tranquilidade àqueles que optaram pela nova fé que lhes dava o conforto de saber que também assim podiam salvar-se, no sentido cristão. No que a isto refere, as palavras de Abel Lopes são elucidativas: “ Les services religieux sont conçus avant tout comme profondément sensibilisateurs : des éléments de liturgie évangélique, des lectures

bibliques, des parties positives de la liturgie catholique (en particulier des anciens cantiques récupérés) forment un mélange original. Le but n'étant pas effectuer une « conversion » au protestantisme, on a tenu à approfondir et à revaloriser des éléments positifs de la foi catholique.”⁵⁶

É identicamente necessário constatar que a implantação da igreja evangélica metodista em Valdosende, embora ocorra na sequência de uma ruptura com o pároco católico, não vai cortar com a convivência social entre esta comunidade e o meio envolvente. Ao manterem a sua peculiaridade, os habitantes de Assento não se isolaram totalmente, pois existiam laços familiares entre a comunidade metodista e a comunidade católica, laços de trabalho e variadíssimas outras formas de convivência. Todos se conheciam, cruzavam-se nos caminhos, uns para irem ao culto evangélico, e outros para ir à missa. Em vez de se refugiarem numa guerrilha estéril e prejudicial, aos poucos foram-se criando vias de colaboração, emergindo simultaneamente uma consciência ecuménica mais evidente no sector metodista. O próprio pastor dizia: “ Valdosende est donc maintenant une communauté libre et ouverte, qui réunit tantôt les protestants (présbytériens, baptistes, épiscopaux, etc.), tantôt les catholiques en une collaboration fructueuse, tous solidaires avec l'humble peuple de ce village”.⁵⁷ Aquilo que em Valdosende se fazia era já uma prática ecuménica pois, desde cedo, a creche criada pelos metodistas começou a albergar crianças independentemente do seu credo religioso, o gabinete médico e do dentista também estava aberto a todos e, no seu dia a dia, as duas comunidades acabavam por colaborar nas mais simples tarefas. Porém, só em 1996 e 1997 se registaram casamentos ecuménicos.

Torna-se também pertinente a verificação do impacto deste caso no seio da Igreja Metodista Portuguesa, que, sem dúvida alguma, foi muito grande. Esta igreja, apesar da inexistência de dados numéricos precisos, era tão minoritária no nosso país que, apesar de se encontrar cá há mais de um século, não obtivera um crescimento significativo quando comparada com outras igrejas protestantes. Era mesmo uma das mais pequenas igrejas protestantes implantadas em Portugal e também, apesar da ligação financeira e espiritual à Inglaterra, muito mal conhecida no contexto metodista mundial. Ao longo destes últimos anos, verificou-se em Portugal um crescimento das igrejas evangélicas, sobretudo das não sinodais como Testemunhas de Jeová e Igreja Universal

⁵⁶ Abel Lopes in *Terre Nouvelle*, nº 19, Setembro de 1982, Lausanne, p.9.

⁵⁷ *Ibidem*.

do Reino de Deus. Os metodistas, juntamente com os lusitanos e os presbiterianos, formaram o Conselho Português de Igrejas Cristãs e, destas três igrejas, foi a metodista que menos cresceu, em parte, porque nunca se empenhou verdadeiramente numa actividade proselitista, em parte por, desde cedo, defender pontos de vista ecuménicos e manter boas relações com as outras igrejas, inclusivamente a católica.

Dessa forma, a conversão de Valdosende constituiu um dado novo na história desta igreja. Foi simultaneamente estimulante pois, sem qualquer atitude proselitista, receberam, de uma só vez, quase uma centena de novos membros, embora em 1985 o Superintendente desta igreja em Portugal, contasse apenas cerca de 1000 membros.⁵⁸ Embora esta igreja, com mais comunidades no Norte e Centro do país, se mantivesse activa, sobretudo através das suas obras sociais como lares e infantários, estava, naquela altura, a atravessar um período de relativo imobilismo. A comunidade de Valdosende acabou por se tornar a sua “ a jóia da coroa “, pois, além do já referido número de membros, tornou-se também muito dinâmica, mobilizando jovens para os campos de trabalho, angariando fundos para a construção do templo, promovendo a alfabetização da população, criando uma creche, um gabinete médico, etc. A festa das colheitas, que ali se fazia, passou também a fornecer fundos provenientes dos leilões de oferendas bastante significativos. A população oferecia abóboras, madeira, castanhas, azeite e todo um conjunto de produtos agrícolas que, depois de arrematados pelos inúmeros visitantes que sempre acorrem às festas do Minho, rendiam meios financeiros próprios para que esta igreja, habituada a uma grande dependência do estrangeiro, pudesse assim, ampliar as suas obras de carácter social.

Em contrapartida, este caso, conduzido, no seu início, com alguma frieza por parte das autoridades religiosas da arquidiocese de Braga, acabou por escapar ao seu controlo pela introdução súbita de uma igreja protestante. A decisão de mudar a localização da igreja paroquial foi apoiada pela hierarquia e parecia, à partida, uma medida acertada, visto que as distâncias entre os diferentes lugares e o local de culto ficariam mais curtas. As próprias visitas davam conta delas tanto mais que, naquela

⁵⁸ “The Portuguese Methodist Church is numerically one of the smallest Protestant Churches in Portugal. After more than one century of work, we number only 1000 committed members... but the total community is larger, perhaps nearly 4000 people, and there are many others who have no connection with the church but think very much along our lines on religious matters”. Ireneu Cunha in *Now*, April, 1985, London. p. 4.

altura, os caminhos acidentados de montanha eram percorridos a pé. Mas, aquilo que parecia justo para a maioria da população da freguesia (e chegou-se a fazer uma votação para decidir sobre a localização) acabou por encravar na resistência do lugar de Assento que tudo fez para não perder a ancestralidade do privilégio de ser o coração religioso da freguesia.

A hierarquia católica, porém, manteve-se firme, e nem mesmo as advertências da Santa Sé, na sequência de uma carta dos populares de Assento a Paulo VI, demoveram D. Francisco Maria da Silva da decisão de apoiar o pároco nos seus intuitos de construção de uma nova igreja num novo local. Algum formalismo se pôs na actuação, caso contrário não se teria recorrido à votação, às opiniões do conselho arciprestal, ao apelo à correcção da tramitação administrativa para a venda das propriedades da paróquia. Em tudo se seguiu uma linha de grande racionalidade. No entanto, os populares que tantas vezes se deslocaram e escreveram às autoridades bracarenses nunca foram recebidos. A igreja de Assento esteve encerrada e não se controlavam as agressões ocorridas entre os populares dos diversos lugares. Dessa forma, o Paço Arquiepiscopal acabou por sofrer a grande humilhação de ver no seu território uma igreja protestante, ultra-minoritária no conjunto nacional, a prestar assistência religiosa, celebrando cultos, casando, baptizando, erguendo obras...Parece-nos, no fundo, que este caso confirma que a igreja católica, pela sua rigidez, é também responsável pela emergência deste caso. Não se voltou atrás na decisão de mudar a localização da igreja; mas, quando o P. Eduardo de Melo Peixoto é responsabilizado por aquela circunscção, dirige uma carta a todos os habitantes de Assento a apelar à reconciliação, era já demasiado tarde. De Fevereiro a Novembro de 1971, os populares entraram numa fase de recuperação das humilhações sofridas, beneficiando do apoio da igreja metodista. O caso projectara-se a nível nacional através dos jornais e as autoridades católicas de Braga eram já alvo de críticas e de julgamento por parte da opinião pública. As circunstâncias acabavam por ser favoráveis a Assento e, por isso, colectivamente decidiram não voltar costas à igreja metodista.

Por sua vez a hierarquia bracarense deixou que a poeira assentasse, mas antes fez o seu próprio relato dos acontecimentos através da já mencionada publicação intitulada *O Caso de Valdosende*, das edições Cenáculo, que sublinha o carácter acertado da decisão de mudar a localização da igreja paroquial e a satisfação que isso proporcionava à maioria dos paroquianos. Depois da dureza de algumas críticas, as

autoridades eclesiásticas transferiram o pároco de Valdosende e colocaram um novo padre na freguesia predominando, ao longo dos primeiros anos, a ideia de que a igreja minoritária acabaria por desaparecer e o peso da tradição católica acabaria por se sobrepor. Mas, na verdade, é que apesar de algumas famílias acabarem por voltar ao catolicismo o seu número nunca chegaria a ser significativo. O sacerdote católico que aí foi colocado nunca fez esforços de aproximação, enquanto o pastor também se mantinha na expectativa, embora as iniciativas evangélicas estivessem abertas a outras confissões.

Acabou, assim, por se gerar uma coexistência pacífica sem grandes intimidades. Se nunca ocorreram iniciativas de entendimento a nível dos responsáveis das duas igrejas, a população acabava por conviver sem ter em conta as diferenças religiosas. Nos finais dos anos noventa ocorrem, por fim, casamentos celebrados em cerimónias ecuménicas. Ainda que o pároco católico de Valdosende não estivesse presente, outros sacerdotes católicos asseguraram as cerimónias na companhia de pastores metodistas. Volvidos quase trinta anos de presença dos metodistas em Valdosende, desapareceu a convicção de que essa minoria viria a ser absorvida pelo peso da tradição católica. Recentemente restaurou-se o velho templo católico de Assento e alguns protestantes colaboraram. Por outro lado, há católicos que também fazem ofertas nas festas da colheita e a convivência é perfeitamente pacífica. Parece, portanto, que o diálogo ecuménico foi-se fazendo pelas bases, no dia a dia e na convivência quotidiana, antes de passar à etapa formal e institucional. Ainda nos anos sessenta, diferentes igrejas evangélicas, ainda pejorativamente designadas como “protestantes”, foram atingindo gradualmente um estatuto de reconhecimento por parte da maioria católica. As próprias iniciativas ecuménicas eram, contudo, mais fruto de iniciativas pessoais do que resultado de um esforço que comprometesse a estrutura das diferentes igrejas.

Este trabalho, além de apresentar os detalhes do conflito ocorrido, caracterizados não só por questões de natureza religiosa mas também históricas e sócio-económicas, procura estabelecer, com a clareza possível, a sequência dos acontecimentos que conduziram à ruptura. É de certa forma inovador por apresentar o desenvolvimento dos acontecimentos tendo em conta as diferentes visões das partes envolvidas. Sem que se faça um repositório unilateral dos factos, procura-se uma objectividade que não pretende excluir as diversas opiniões que, ao longo do tempo, se foram formando. Por outro lado, é também inovadora a reconstituição da implantação e desenvolvimento da comunidade metodista que, até ao presente, não fora ainda analisada. Trata-se

evidentemente de um estudo limitado, com um carácter marcadamente monográfico. É, como já vimos, um estudo de caso desenvolvido no âmbito da micro-história que, à partida, parece só interessar aqueles que se viram envolvidos na questão; no entanto, a sua inserção no contexto do protestantismo português e do protestantismo em geral, permite verificar qual o seu lugar no processo evolutivo. Constatou-se que se desenvolveu numa situação de marginalidade, tanto em relação ao catolicismo, como em relação ao protestantismo setentrional, que beneficiou de um impulso de natureza local e de natureza externa. A implantação metodista em Valdosende acabou por ser um recurso sugerido por um emigrante. Está directamente ligado aos fluxos migratórios deste século e às interpenetrações culturais, acabando por, na sua raiz, se filiar num fenómeno de importação e de substituição em situação de conflito. Se os germes do protestantismo na Península Ibérica, como constatou François Guichard, se situam geralmente nas cidades portuárias, nas grandes metrópoles mais cosmopolitas, vê-se que também podem ocorrer nos sítios ultra-periféricos, como ilhas, minas e aldeias de montanha. Valdosende insere-se neste último espaço, portanto numa situação marginal em termos espaciais, mas também nas margens culturais, eclesiais, sociais e políticas. Digamos que o isolamento lhe deu a força para sobreviver, se enraizar e resistir.

No entanto, a evolução da sociedade portuguesa no sentido do crescimento urbano e da globalização vem trazendo novos desafios a esta comunidade. Com a evolução social e política, com a aceitação da tolerância e do pluralismo religioso, aos poucos, as comunidades minoritárias, como a de Valdosende, entram na normalidade o que obriga, tanto estas, como as comunidades maioritárias, a rever as suas posturas. Houve, porém, uma abertura ao exterior durante a fundação e nos primeiros anos de implantação da igreja metodista de Valdosende. Chegavam recursos financeiros e humanos de países de maior tradição no protestantismo, bem como técnicos agrícolas holandeses. Os campos de férias e de trabalho contavam com jovens ingleses, suíços, alemães e franceses mas, curiosamente, na actualidade, a ligação à esfera internacional deixou de ser tão evidente. Em contrapartida, ocorre um estreitamento dos laços de âmbito local e regional, pois as instituições metodistas de carácter social exercem um papel cada vez mais relevante na região. Além de se destinarem à população em geral independentemente da sua religião, o próprio Centro de Solidariedade Social dispõe, no momento, de um pólo em Braga denominado “ Arca de Noé”. Tem assim dado

continuidade ao ideal de valorização do “fazer”, à acção que sempre caracterizou esta comunidade.

Actualmente a comunidade, depois de ter ultrapassado a fase de aceitação da vivência no contexto maioritariamente católico, encontra-se já numa fase de plena inserção no meio envolvente, enfrentando os novos desafios, aliás os que se colocam também à própria Igreja Católica, tais como: a desestruturação de certas formas de sociabilidade, a concorrência de novas formas de espiritualidade, a secularização crescente da sociedade, a baixa generalizada das práticas religiosas, a globalização, a mobilidade humana, alterações ao nível dos princípios e dos valores, a aceleração dos ritmos de mudança, as deteriorações ambientais, etc.

Verificam-se outros paralelismos com a história dos protestantismos radicados em áreas geográficas dominadas por maiorias de outras confissões religiosas. Tal como em Espanha ou em Itália, houve um peso inquestionável de indivíduos cujas vidas, recheadas de verdadeiros actos de sacrifício, contribuíram pela sua persistência e coragem para o êxito das suas missões. Abel Lopes e a esposa foram sem dúvida fundamentais na comunidade estudada, pelo seu dinamismo, pelo seu eclectismo e pela sua persistência, a ponto de se poder considerar as pedras angulares daquela construção eclesial. Tal como noutros países com minorias protestantes, verifica-se mesmo um grande dinamismo na acção, revelando-se ser essa a base do desenvolvimento, não sendo, por outro lado, de excluir alguma falta de rigor teológico.

Este estudo não pretende ser mais que um estudo do particular, ou até do particularíssimo e, como estudo de caso que é, abre pistas de explicação de realidades mais amplas. Será portanto matéria-prima para visões historiográficas mais abrangentes, um pequeno contributo que os historiadores e sociólogos das questões de natureza religiosa poderão usar.

Como experiência vivencial, os protestantismos ibéricos são focos de diferenciação em relação ao catolicismo. Jean Pierre Bastian, professor da Universidade Marc Bloch, com larga experiência de estudo da sociedade mexicana, em jeito de provocação afirmou, no Colóquio Internacional de Investigação da História do Protestantismo em Espanha e Portugal que decorreu em Madrid em Abril de 2000, que num contexto onde predomina uma cultura católica totalizadora que estruturou mentalidades e práticas sociais, os protestantismos foram mais uma forma de sociabilidade moderna do que um movimento de ideias. Considerava ainda que enquanto

formas associativas, difundiam ideias, modelos de gestão e pedagogias em ruptura com a sociedade global. A afirmação é bastante polémica e até bastante delicada, pois torna o indivíduo o centro de estudo e não a ideologia, se bem que, no caso de Valdosende, faça um certo sentido. De facto, aquele grupo de homens do lugar de Assento ao entrar no metodismo envereda também por uma forma de sociabilidade nova, com um discurso sem dúvida mais inovador que o do grupo de cidadãos que permaneceu do lado do pároco. A verdade é que, como forma associativa, ultrapassa o âmbito religioso e as razões que levaram a população a assumir essa nova forma de sociabilidade não foram, neste caso, razões de ordem doutrinal. O pretexto foi a falta de assistência religiosa por parte do pároco católico, embora, de facto, estivesse por trás uma perda de estatuto social que aquele grupo de moradores vinha sofrendo pois, com a construção da barragem da Caniçada, o lugar de Paradela foi usufruindo de melhores condições económicas por já não depender exclusivamente da prática agrícola e passar a dispor de salários fixos provenientes do trabalho nesse novo empreendimento. Mais: o lugar de Paradela promovia-se também pela chegada de pessoas de outras localidades que ali se estabeleciam para trabalhar, dispondo assim de gente nova e mais atractivas formas de convivência. O estabelecimento da igreja num local mais próximo de si militava em favor da sua superioridade, coisa que o lugar de Assento, por rivalidades antigas, não se resignava a aceitar.

Por não ser esse o objectivo deste trabalho não se explorou suficientemente a base social de dissidência, dado esbarrar-se desde logo com a determinação do número exacto de indivíduos existentes no lugar de Assento. Isso levou a ficar-mo-nos por uma caracterização mais generalista, sendo de fazer-se, portanto, uma análise sociológica mais profunda com recurso à estatística para a reconstrução sistemática do universo inteiro do grupo dissidente.

A adopção do metodismo em Assento introduz uma nova sociabilidade que rompe com a tradicional, mas que não se caracteriza apenas pela posse de um discurso inovador, há também práticas e modelos de gestão novos. De notar que, além de uma organização diferente da própria igreja, pela primeira vez em Valdosende aparece um modelo de gestão cooperativo, o seu projecto rural, criado e desenvolvido pela igreja. No que à educação concerne, também ocorreram atitudes inovadoras: promoveu-se a alfabetização dos adultos e procurou-se criar condições para que um maior número de jovens pudesse estudar, criando um lar que funcionou na cidade de Braga. Actualmente,

através do Centro de Solidariedade Social, promovem-se actividades de ocupação de tempos livres e acompanhamento dos estudos para todos os jovens independentemente da religião. Por outro lado, a própria criação da creche correspondeu já a uma atitude de formação moderna que se foi refletindo na educação daqueles que a frequentaram. Não há, no que à escolaridade diz respeito, informação suficiente, pois, além dos dados relativos à alfabetização recolhidos pelo I.N.E. para a totalidade da freguesia em diferentes momentos, não dispusemos para este trabalho de dados precisos para o lugar cuja população se converteu ao protestantismo. Apenas se sabe que o lar de Braga acabou por fechar por ter sido aberta uma escola junto à localidade, permitindo o aumento do grau de escolarização, como aliás em todo o país, embora se desconheça o seu peso comparado com o resto de freguesia.

Examinaram-se os laços e interacções entre as diferentes sociabilidades em presença para explicar o crescimento e difusão do movimento, mas reconheça-se que também aqui há uma falha relevante. Na verdade, a comunidade católica da paróquia de Santa Marinha de Valdosende não foi estudada em termos numéricos, deficiência notada a nível da comparação entre as duas comunidades. De certa forma reconstrói-se, no entanto, sistematicamente toda a agitação desenrolada ao longo deste processo e a correlação entre os aspectos religiosos e sociológicos.

Este trabalho tem por base um suporte documental variado onde não será de desprezar o recurso às fontes orais que traz dados interessantes no domínio das mentalidades em momentos históricos precisos, a exigir obviamente uma articulação com outros estudos sociológicos. Apesar destas imperfeições, tentou-se rever objectivamente o que ocorreu em Valdosende, acabando sempre por ser a reconstrução possível neste dado momento. Paraphraseando K.Popper, qualquer sistema que se feche em si mesmo e se faça irrefutável torna-se perigoso. Aqui adoptaremos as palavras que proferiu para os sistemas políticos, embora salvaguardadas as devidas distâncias no que respeita a esta pequena investigação de carácter histórico. Uma investigação “[...]deve estar permanentemente em guarda contra os erros que comete, porquanto, na verdade, nós sabemos sempre demasiado pouco e, por isso, cometemos sempre erros. Por um lado deveremos actuar com uma certa audácia, mas, por outro, devemos também saber que a audácia comporta riscos. Por conseguinte, deveria descobrir os erros tão depressa

quanto possível, para aprender com estes erros e corrigi-los, em vez de encobrir os erros e declará-los como não erros ou até os declarar como sucessos[...]”⁵⁹

⁵⁹ K POPPER, *Sociedade Aberta, Universo Aberto*, Lisboa, Publ. D. Quixote, 1995, p. 20.

APÊNDICE DOCUMENTAL

**CRONOLOGIA DA CISÃO RELIGIOSA EM ST^a MARINHA DE
VALDOSENDE**

CRONOLOGIA DA CISÃO RELIGIOSA EM SANTA MARINHA DE VALDOSENDE

CRONOLOGIA

A cisão religiosa em Santa Marinha de Valdosende

- Princípios de 1968 O pároco António Firmino Figueiredo convoca os paroquianos por ser necessário restaurar a residência paroquial que se encontrava em ruínas.
- ?.....1968 Levanta-se a hipótese de construir uma igreja, a residência paroquial e o cemitério no centro da freguesia, no lugar do Chamadouro.
- ?.....1968 Os habitantes do lugar de Assento manifestam a sua discordância quanto à localização dos edifícios projectados.
- ?.....1968 Fez-se uma votação e, do lugar de Paradela, 69 chefes de família concordam com a localização das obras. Dos 35 chefes de família do lugar de Vilar a Monte, 32 chefes concordam. No lugar de Vilarinho, de 19 fogos, 12 estavam a favor. Os funcionários e chefes de família do bairro da HICA, também votaram e, dos 45, 44 votaram a favor. Dos 60 fogos do lugar de Assento, ninguém votou pelas mudanças.
- ?.....1969 O pároco António Firmino Figueiredo sai da residência paroquial em Assento e fixa-se em casa de uma irmã no bairro da HICA.
- 9 de Setembro de 1969 Os paroquianos de Assento sugerem em carta dirigida ao arcebispo primaz de Braga a transferência do pároco.

- 29 de Setembro de 1969 Dia de Profissão de Fé (Comunhão Solene) em Assento. O pároco suspende os actos religiosos naquele lugar por terem ocorrido desacatos que levaram o sacerdote a pedir auxílio à G.N.R do Gerês.
- 7 de Outubro de 1969 O pároco escreve ao prelado, pedindo autorização para a construção de uma nova residência paroquial, e refere-se já a uma eventual venda do passal.
- 9 de Outubro de 1969 Os párocos vizinhos de Valdosende opinam pela construção da igreja no centro da freguesia por ter melhores acessos.
- ?.....1969 Os habitantes do lugar de Assento escrevem ao Vigário Geral pedindo a continuidade dos actos litúrgicos naquele lugar ao mesmo tempo que prometem manter a ordem.
- 30 de Novembro de 1969 O passal foi avaliado por dois peritos.
- 6 de Dezembro de 1969 Emite-se um despacho assinado pelo Pró-vigário geral, cónego Carlos Pinheiro, autorizando a construção da nova residência no lugar do Chamadouro, mas, remete para aprovação do Paço o respectivo projecto.
- ?..... Em resposta à missiva de 7 de Outubro do pároco de Valdosende, o Paço responde que, no que refere à venda do passal deverá requerer-se a devida autorização de venda para que o processo corra os devidos trâmites.
- 21 de Dezembro de 1969 A cúria arquiépiscopal remete para o arcipreste e para o concelho arciprestal a análise do caso uma vez que uma minoria de paroquianos, mas mais rica e influente, se opõe às construções no lugar do Chamadouro.

- 25 de Dezembro de 1969 Retomam-se os actos de culto no lugar de Assento.
- ?.....Janeiro de 1970 Muda a Junta Fabriqueira, excluindo homens importantes do lugar de Assento.
- 20 de Fevereiro de 1970 A nova corporação Fabriqueira pede autorização para vender o passal com o intuito de custear as despesas de aquisição do terreno e construção da nova residência.
- 26 de Fevereiro de 1970 O Arcebispo de Braga aceita e aprova a iniciativa de construção da nova residência paroquial no lugar do Chamadouro.
- ?..... Os populares dirigem-se ao Paço, escrevem ao Papa Paulo VI, ao Patriarcado de Lisboa, ao Arcebispo de Braga.
- 2 de Maio de 1970 O Paço autoriza a venda do passal desde que o dinheiro seja utilizado na construção da nova residência.
- ?..... Fez-se o anúncio da venda do passal de Valdosende no boletim interparoquial "Encontro".
- 6 de Maio de 1970 Num ofício da Secretaria de Estado do Vaticano dirigido ao arcebispo de Braga, remete-se uma cópia da carta que os populares dirigiram a Paulo VI e coloca-se à consideração do prelado a actuação perante este caso.
- 6 de Junho de 1970 O Paço Arquiepiscopal responde ao ofício da Santa Sé afirmando que, ao longo de vários anos, os párocos procuraram resolver a dificuldade da distância que separava a maioria dos fiéis do local de culto e que o padre António Firmino Figueiredo lançara-se na obra com o apoio da maioria

dos paroquianos. Esta recebera também a aprovação do arcepreste, do conselho arceprestal e do Paço, sendo infundadas as acusações que os paroquianos de Assento dirigiam ao pároco.

- 22 de Agosto de 1970 A Secretaria de Estado do Vaticano acusa a recepção da carta, agradece a solicitude da resposta e informa que o “dossier” será arquivado, dando-se uma resposta sumária aos signatários da exposição dirigida ao Santo Padre e aconselhando-os a acatar as decisões das competentes autoridades locais.
- Vindimas de 1970 Ocorrem confrontos entre os populares de Assento e os de Paradela.
- 25 de Setembro de 1970 Os residentes de Assento colocam altifalantes e uma cafeteira velha na torre da igreja com um dístico dizendo “Aqui vende-se chá a quem se quiser servir”, numa alusão aos discursos do pároco que iam no sentido de os fazer aceitar a mudança da localização da igreja.
- 27 de Setembro de 1970 No final da missa a população de Assento dedica discos injuriosos aos outros lugares da freguesia, insulta o pároco e une-se em “provocações e folguedos.”
- ?..... O pároco pede autorização para transferir os privilégios paroquiais para a capela do bairro da HICA.
-Outubro de 1970 O conselho arceprestal , em carta dirigida ao Vigário Geral da Cúria de Braga, manifesta-se favorável à utilização da capela da Barragem da Caniçada para os actos de culto.

- 25 de Dezembro de 1970 O pároco dirige uma circular aos paroquianos no sentido de restabelecer a concórdia, aconselhando estes paroquianos a acatar a vontade da maioria.
-Fevereiro de 1971 Alguns homens do lugar de Assento dirigem-se a Braga e contactam a Igreja Evangélica Metodista. Queixam-se do “ostracismo religioso” a que estavam votados e pedem assistência religiosa.
- 28 de Fevereiro de 1971 O pastor Abel Lopes, a esposa, alguns crentes metodistas de Braga e do Porto são acolhidos em Assento. Iniciam-se então os cultos evangélicos aos domingos que prosseguiram até à actualidade.
- 15 de Agosto de 1970 Inicia-se um campo de férias em Assento dirigido pela esposa do pastor, reúne a juventude local e 43 rapazes e raparigas das igrejas metodista, lusitana e católica.
- 22 de Agosto de 1971 Cedência de um palheiro ao pastor metodista que aí passa a fazer semanalmente os cultos.
- 15 de Setembro de 1971 Termina o campo de férias.
- 10 de Outubro de 1971 86 pessoas fizeram a sua profissão de fé metodista numa cerimónia presidida pelo superintendente desta igreja em Portugal, Rev. Albert Aspey.
- 2 de Novembro de 1971 O recém nomeado vigário episcopal da zona, P. Eduardo de Melo Peixoto, aproveitando o dia de fiéis, desloca-se a Assento com o pároco para celebrar missa, pondo definitivamente termo a um bloqueio de 13 meses.

11 de Novembro de 1971 O P. Eduardo de Melo Peixoto dirige uma carta aos habitantes do lugar de Assento, anuncia que, no dia 14 e domingos seguintes, se realizará, de acordo com o pároco, a missa na igreja de Valdosende.

?.... 1971

A população de Assento decide não prescindir da assistência religiosa da Igreja Evangélica Metodista.

**ACTA Nº 152 DA COMISSÃO EXECUTIVA DO SÍNODO DA IGREJA
EVANGÉLICA METODISTA PORTUGUESA**

Acta nº 152

No dia seis de Junho de mil novecentos e setenta e um, pelas quinze horas, nas dependências da Igreja do leirante, reuniu a Comissão Executiva do Sinodo da Igreja Evangélica Luterana Portuguesa, sob a presidência do seu actual Presidente e Superintendente Geral, Rev. Albert Caspary, estando presentes mais os seguintes membros: Os Pastores, Rev. Joazeiro da Silva Cunha, Rev. Francisco Abel Lopes, Rev. Dr. David Delfim Almeida, Rev. Alberto Paulo Cruzueira da Silva; e os Srs. Dr. Luiz Henrique da Silva, Afonso Ramos Soares de Almeida Felício, Leonel Ferreira Nunes, Ernesto Alberto Leacedo Pinto, Albino Barbosa Alves,

Logo: Fernando Learygues Guedes, Fausto Gentil Parente, D. Leocadia Lidia Azevedo Parente, D. Zulmira de Oliveira Boelho Learygues Baptista, Saul de Oliveira Pinto e D. Joaquim D. Leaccedo Pinto, a qual secretariou. Aberta a reunião pelo Sr. Presidente, deu-se inicio à respectiva Agenda de trabalhos.

Propriedade de Saldozenda - O Pastor del. Francisco Abel Lopes fez a consideração da Comissão o assunto relativo à abertura da Leição de Saldozenda, em Terras de Douro, relatando com formosezas como ela se processou, desde que, em sete de dezembro do corrente ano, uma delegação daquela população se apresentou na nossa Igreja de Braga, para pedir que aquella povoação fosse estabelecida uma Igreja Evangelica, integrada no Sinodo da nossa Igreja Metodista, com a edificação de uma Capela para o respectivo culto. Relatou tambem as negociações effectuadas para a aquisição de um terreno de que é actual proprie-

fôo o Sr. Bernardino de Jesus Dias Ribeiro,
actual Presidente da Junta de Freguesia de
Saldozande, o qual está situado próximo do
geonitório do Lugar do Assento, da referida
Freguesia de Saldozande, concelho de Terras
de Bouro, sendo esse que, em conformidade
com o exame de peritagem feito pela nossa
Junta Architecta, D. Leiria Fúlia Soares,
oferece as condições requeridas para os fins
em vista. Depois de diversas considerações sobre
o caso, foi unanimemente aprovada a se-
guinte resolução, sob proposta do Pastor del.
Inocencio da Silva Cunha, para o cumprimento
dos respectivos preceitos legais: —
— " O Sinodo da Igreja Evangélica luter-
dista Portuguesa, através da sua Commissão
Executiva, aprova as negociações efectuadas
para a aquisição da propriedade situada no lugar
do Assento, Freguesia de Saldozande, concelho
de Terras de Bouro, pertencente ao Sr. Bernardino
de Jesus Dias Ribeiro. E em cumprimento da
cláusula de Artigo 100 dos Estatutos da nossa
Associação Cultural, e, no impedimento do

Albert Aspey.

37

Son. Presidente, Rev. Albert Aspey, são
designados os membros deste Sinodo, o Pastor
Rev. Francisco Abel Lopes, o Sr. Sr. Luis
Henrique J. Silva e o Sr. Afonso Ramos
Soares de Azevedo Felício, como represen-
tantes idôneos para poderem outorgar na
respectiva escritura pública para o efeito

**1º ASSENTO DE BAPTISMO DA IGREJA EVANGÉLICA METODISTA DE
VALDOSENDE**

R.
V. Lopes

Assento Número 1111

Aos vinte e nove dias do mês de Agosto do ano de mil e novecentos e setenta e um, pelas dezassis horas, na Igreja Evangélica Metodista de Valdozende, sito no lugar do Assento, freguesia de Valdozende, concelho de Terras de Bouro, foi por ^{ministra} Francisco Abel Lopes, ministro da mesma Igreja, solemnemente baptizada, segundo o rito cristão desta mesma Igreja, uma criança do sexo masculino, a quem foi dado o nome completo de Bernardino Pires.

Ferreira, nascido pelas sete horas do dia vinte e sete de Julho de mil e novecentos e setenta e um, no lugar do Assento, freguesia de Valdozende, concelho de Terras de Bouro, filho legítimo de Fernando da Silva Ferreira e de Maria Fernandes Pires, sendo ele, o pai, de vinte e oito anos de idade, exercendo a profissão de jornalista, natural desta mesma freguesia de Valdozende; e ela, a mãe, de vinte e nove anos de idade, natural da freguesia de Rio Caldo, deste concelho de Terras de Bouro, dona de casa; neto paterno de Bernardino Pires Ferreira, já falecido, e de Glória do Nascimento da Silva; e neto materno de Manuel José Pires e de Matheus Fernandes, ambos falecidos.

Foram padrinhos, presentes a este acto, Bernardino Ferreira da Silva, com a profissão de relojoeiro, e Filomena Antunes Gonçalves, ambos residentes no lugar do Assento, freguesia de Valdozende, concelho de Terras de Bouro.

E para constar se lavrou este assento,

que depois de lido em voz alta e achado
conforme perante todos, vai ser assinado
de pelos pais, pelos padrinhos e
por mim, ministro celebrante.

Os Pais

Fernando da Silva Ferreira

Os Padrinhos

Bernardino Ferreira da Silva

Filomena Antunes Gonçalves

O Ministro celebrante

Francisco Lopes

Assenti número dois

Das quinze e sete dias do mes de Fevereiro
de mil novecentos e setenta e dois, pelas
dezasseis horas, na Igreja Evangelica Me-
todista de Vagosseude esta no lugar do Assen-
to Greguesia de Vagosseude, sobredito de Fe-
rras do Buro, foi por mim, Francisco
Abel Lopes, ministro da mesma Igre-
ja, solemnemente baptisado segundo o
rito cristão desta mesma Igreja, uma
criança de sexo masculino, a quem foi
dado o nome completo de Adilino Pau-
lo Lameira Fernandes, nascido pe-
las, uma hora do dia doze de Fevereiro

**1º ASSENTO DE MATRIMÓNIO DA IGREJA EVANGÉLICA METODISTA DE
VALDOSENDE**

Wp

Aos onze dias do mês de Dezembro do
 ano de mil e novecentos e setenta e um,
 pelas dez horas e trinta minutos, na
 Igreja Evangélica Metodista de Valdegrande,
 sita no lugar do Assento, desta freguesia
 de Valdegrande, concelho de Terras de Bouro,
 compareceram perante mim, Francisco
 Abel Lopes, ministro da mesma Igreja,
 os noivos, Jacinto Antunes Fernan-
des e Cláudia da Conceição Antunes
Vieira Fernandes; sendo ele, o noivo,
 de vinte e quatro anos de idade, nascido
 no dia sete de Novembro de mil e novecentos
 e quarenta e sete, natural da freguesia
 de Valdegrande, concelho de Terras de Bouro,
 com a profissão de Trabalhador, filho
 de Domingos Fernandes e de Maria
 Antunes; e, ela, a noiva, de vinte e dois
 anos de idade, nascida no dia vinte e
 quatro de Janeiro de mil e novecentos e
 quarenta e nove, natural desta mesma
 freguesia de Valdegrande, concelho de Terras
 de Bouro, com a profissão de dona de
 casa, filha de Proferio da Silva Vieira
 e Jacinda da Conceição Antunes; ambos
 residentes no lugar do Assento, Valdegrande;
 os quais tendo efectuado o contracto
 civil do seu casamento, no dia sete de
 Dezembro de mil e novecentos e setenta e
 um, perante o respectivo Conservador do
 Registo Civil de Terras de Bouro; agora
 se receberam por marido e esposa,
 segundo o rito cristão do santo matri-
 monio da Igreja Evangélica Metodista
 Portuguesa.

Foram testemunhas presentes a este acto solene, servindo de padrinhos, Almeida no Goncalves, Trabalhador, e sua esposa, Maria da Conceição Silva Ferreira, dona de casa, residentes no lugar do Assento, freguesia de Valdegerade, concelho de Tunes do Buro,

E para constar se lavrou este assento, que depois de lido em voz alta e achado conforme, vai ser assinado pelos noivos, pelos padrinhos e por mim, ministro celebrante.

Os Noivos: Joaquin Antonio Fernandes
Mida da habitação Antonio Vieira Fernandes

Os Padrinhos: Almeida Goncalves
Maria da Conceição da Silva Ferreira

O Ministro celebrante
Francisco Abel

**PÁGINAS INICIAIS DO LIVRO DE REGISTO DE MEMBROS EM PLENA
COMUNHÃO DA IGREJA EVANGÉLICA METODISTA DE
VALDOSENDE**

N ^o de Cadm	Nome	Morada	Data de nascimento	Estado	Instituição
1	Bernardino de Jesus Dias Ribeiro	Avuls - Valdegrande	25/Març/1925	caracas	Populista
2	Maria da Assunção Almeida e Silva	Avuls - Valdegrande	15/Març/1922	caracas	Bom de casa
3	Maria Luiza de Silva Ribeiro	Avuls - Valdegrande	12/Març/1950	arteficial	Doméstica
4	Agnes Antonia Dias	Avuls - Valdegrande	8/Març/1903	caracas	Populista
5	Estela Rosa Almeida	Avuls - Valdegrande	2/Març/1919	caracas	Bom de casa
6	Jose Maria Dias	Avuls - Valdegrande	28/Januário/1901	arteficial	Populista
7	Bernardino de Campos	Avuls - Valdegrande	30/Novembro/1915	caracas	Populista
8	Maria Antônia Almeida e Silva	Avuls - Valdegrande	27/Novembro/1923	caracas	Bom de casa
9	Antônia Carmelo Teles	Avuls - Valdegrande	4/Dezembro/1895	ruins	caracas
10	Maria da Conceição Ribeiro	Avuls - Valdegrande	6/Setembro/1922	caracas	Bom de casa

Filiações	Naturalidade	Data de Admissão por quem	NE H. Data
João Dias e Mário de Almeida Brito Negro	Valdegraves	10 de Outubro de 1971 Por Francisco Abel Borges	Faleceu no dia 09.04.1997
Francisco Luis de Almeida Albino Maria de Saiz	Valdegraves	10 de Outubro de 1971 Por Francisco Abel Borges	
Bernardino de Jesus da Silva Mário de Almeida Almeida Silva	Valdegraves	10 de Outubro de 1971 Por Francisco Abel Borges	
Francisco Luis e Rita de Jesus Almeida	Valdegraves	10 de Outubro de 1971	Faleceu 13. Maio - 1986 Faleceu aos 4. Abel Borges
José Mário Antunes Albino Rosa Rodrigues	Valdegraves	10 de Outubro de 1971 Por Francisco Abel Borges	Faleceu em 31/Out/1981
Francisco Luis e Rita de Jesus Almeida	Valdegraves	10 de Outubro de 1971 Por Francisco Abel Borges	Faleceu em 13/Julho/1987
José de Campos Emília de Jesus Antunes	Valdegraves	10 de Outubro de 1971 Por Francisco Abel Borges	
Francisco Luis de Almeida Albino Mário de Saiz	Valdegraves	10 de Outubro de 1971 Por Francisco Abel Borges	
Mário Antunes Reis	Canelas - Reis do Norte	10 de Outubro de 1971 Por Francisco Abel Borges	Faleceu no dia 21 de Fevereiro de 1990.
Antônio Cândido Reis Francisco Ribeiro	Valdegraves	10 de Outubro de 1971 Por Francisco Abel Borges	

**PÁGINAS INICIAIS DO LIVRO DE ESTATÍSTICA DA IGREJA
EVANGÉLICA METODISTA DE VALDOSENDE**

Estatística da Igreja Evangélica

1971		Dia da semana	Hora	Qualidade da reunião	Assinatura do dirigente	Assunto
Mês	Dia					
Julho	4	Dom	15	Culto	F. Abel Lopes Otelinda G. Macedo	S. João 5: 39-40
	11	Dom	15	"	F. Abel Lopes Amândeo Marques	Exodo: 20
	18	"	15	"	Alberto Paulo N. da Silva	Car. 13
	25	"	15	"	F. Abel Lopes	Cartões no Brasil
Agosto	1	"	14	Funeral	F. Abel Lopes	Ritual
	1	"	15	Culto	Marcelo Martins	S. Marcos 9: 14-22
	3	3 ²⁹	-		O Pastor Rev. F. Abel Lopes, por intermédio da Igreja Evangélica do Torne (Gaia) teve a honra de apresentar a proposta de reunião da Igreja Metodista para esta obra a promissora de não ter o propósito de lucro da Igreja Metodista.	
	8	Dom	15	Culto	F. Abel Lopes	I Cor. 13: 4a
	15	"	15	Culto	Shane Alegria Estelita Antunes Costa Manoel José de Fátima Tábia Eda de Souza Felício Domingos de Jesus Margarida de Jesus F. Abel Lopes David Almeida Belgump de Quelos Rocha José Silva Vieira José Antônio de Moraes	Luz do Mundo = Santo Paulo
	22	"	15	"		

Metodista Portuguesa de Valdeozende

Hinos cantados	Assistência			Colectas			Observações
	Adultos	Crianças	Total	Destino	Quantia	Assinatura	
Vários	Grande	Multidão		Templo	666 40	La Lampas	Foram cantados os cânticos de louvor em obediência ao convite do Sr. Alen Botelho de Castro e outros de Bragança
4		Ingressos de cantar					
	-	-	200 t				
	-	-	200 t				
140 - 31	-	-	200 t	Funeral do menino (6 annos) Viçosa, falecido por acidente de automóvel em France (Peyron), filho do Sr. Francisco Dias Viçosa e D. Leocádia de Lourdes de S. Helena			Artores: Antunes
548-525-573 158	-	-	200 t	Templo	373,20	Lias	
<p>Sr. Fernando Júlio Santos e Sobr, da entrevista em Caldeas com o Sr. Câmara de Terras de Bouca sobre o projecto de Valdeozende, conseguindo a sua sympathia e muitas obstarções à construção de referido Templo.</p>							
	-	-	170 t				
<p>Inicio do culto na casa da Bouca do Sr. Arménio Lourenço</p>							
				Templo	411 60	Lias	

**CARTA DA NUNCIATURA APOSTÓLICA RELATIVA À ENTREGA DE UMA
MISSIVA DOS POPULARES DE ASSENTO NA RESPECTIVA
NUNCIATURA**



Lisboa, 10 de Janeiro de 2000

N. 2806

Ex.ma Senhora

Acuso a recepção da estimada carta de 28.12.99 com a qual pedia que lhe fosse facultado o acesso a uma carta que os paroquianos do lugar de Assento (Valdosende – Amares) teriam dirigido ao Santo Padre Paulo VI entre 1969 e 1971.

Feitas as buscas possíveis neste arquivo, só foi encontrada cópia dactilografada de uma exposição que, a 12 de Setembro de 1969, os moradores de Valdosende dirigiram a D. Francisco Maria da Silva, ao tempo Arcebispo Primaz de Braga, e que foi apresentada ao então Núncio Apostólico por uma delegação de paroquianos daquela paróquia.

Quanto à carta dirigida ao Papa Paulo VI, esta Nunciatura ignora completamente a sua existência.

Aproveito o ensejo para apresentar os melhores cumprimentos.

Edoardo ROVIDA
Núncio Apostólico

Ex.ma Senhora
Dr.^a Rosa Maria Barros LOPES
Rua Diogo de Silves, 74, 2º D.to tras.
4400 VILA NOVA DE GAIA

**CARTA DO PATRIARCADO DE LISBOA SOBRE A EXISTÊNCIA DE UMA
EVENTUAL MISSIVA DOS POPULARES DE ASSENTO
DIRIGIDA AO CARDEAL PATRIARCA D. MANUEL
GONÇALVES CEREJEIRA**

Lisboa, 20 de Janeiro de 2000

Ex.ma Senhora

Encarregado por Sua Em.^a o Senhor Patriarca de Lisboa de responder à carta de Vossa Ex.cia datada de 28 de Dezembro último, sobre a implantação da Igreja Metodista em Valdosende, da Arquidiocese de Braga, começo por pedir me perdoe o atraso na resposta, esperando não ter causado dano de maior.

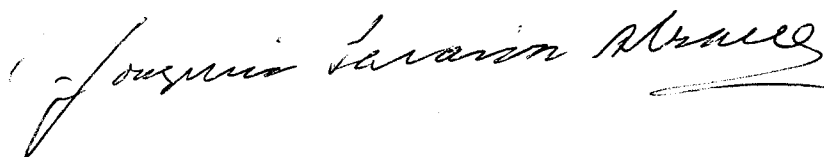
Não consegui encontrar a carta dirigida a Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que em paz descanse, nem sequer referência a ela, escrita, segundo diz, pelos populares de Assento.

Penso tratar-se dos Metodistas provenientes do movimento do antigo anglicano Wesley, formando uma quarentena de igrejas agrupadas, na sua maioria, desde 1951, no "Conselho Metodista Mundial". Pouco implantados no Patriarcado porque, por acordo entre esta Igreja e a Presbiterana, a primeira trabalha sobretudo no Norte e a última no Sul e Ilhas.

Mesmo que os populares de Valdosende tivessem enviado essa carta ao Senhor Cardeal Patriarca, visto tratar-se de outra Diocese, é natural ter-se remetido a Braga, informando os interessados, dessa diligência.

Fazendo votos por que os seus trabalhos sejam ao mesmo tempo consolação e promoção pessoal, concorram igualmente para a cultura humana e comunhão cristã, me subscrevo, garantindo especial lembrança do Senhor Patriarca junto do Senhor.

Patriarcado de Lisboa, 20 de Janeiro do ano jubilar de 2000



(Cº. Joaquim Saraiva Abrantes)

**FOTO DE UM CULTO AO AR LIVRE EM ASSENTO CELEBRADO POR
ALBERT ASPEY E ABEL LOPES (1971)**



**FOTO DO CORTEJO DE OFERENDAS DA FESTA DAS COLHEITAS DA
IGREJA METODISTA DE VALDOSENDE EM 1984**



**PROGRAMAS DAS FESTAS DA ASSENTO: FESTA DAS COLHEITAS E
FESTA DE STª MARINHA**

IGREJA EVANGÉLICA METODISTA

DE

VALDOSENDE * GEREJES

Festa das Colheitas

Nos dias 16 e 17 de Outubro / 1999

SABADO, 16 DE OUTUBRO

10 HORAS - Início da FESTA, com música gravada.

12 HORAS - Sessão de fogo.

15 HORAS - Entrada da CHARANGA DO TRAIÇA da Associação de Arte e Recreio de Vilar de Viçeu.

21 HORAS - Actuação do conjunto OMINI'S de Gaudêncio de Beato.

24 HORAS - Declamamento sessão de fogo de artilharia.

DOMINGO, 17 DE OUTUBRO

9 HORAS - Canto de Acção de graças.

13 HORAS - Carta do Movimento, com apresentação do campo de futebol até à Igreja Evangelica Metodista.

15 HORAS - Edição do Boletim Fidei da Valdozende.

16 HORAS - Leção das Oitavas.

21 HORAS - Actuação do Grupo de música popular.

TREVO ALEGRE

23 HORAS - Sessão de fogo de artilharia.

PROGRAMA

TRADICIONAIS FESTAS EM HONRA DE

SANTA MARINHA

ASSENTO - Valdozende - Terras de Bouro

Dias 30, 31 de Julho e 1 de Agosto de 1999



SEXTA FEIRA - DIA 30

Grupo de Música Popular

"TREVOALEGRE" de Valdozende.

SÁBADO - DIA 31

Às 12h00 - Sessão de fogo.

Durante a tarde, música gravada.

Às 21h00 - Procissão de Velas.

Às 22h00 - Conjunto "BANDANOVA", de Santa

Maria da Feira.

Às 24h00 - Sessão de fogo por dois atiradores fo-

goteiros em despique.

DOMINGO - DIA 1

Às 10h00 - Missa Cantada e Sermão em honra de SANTA MARINHA.

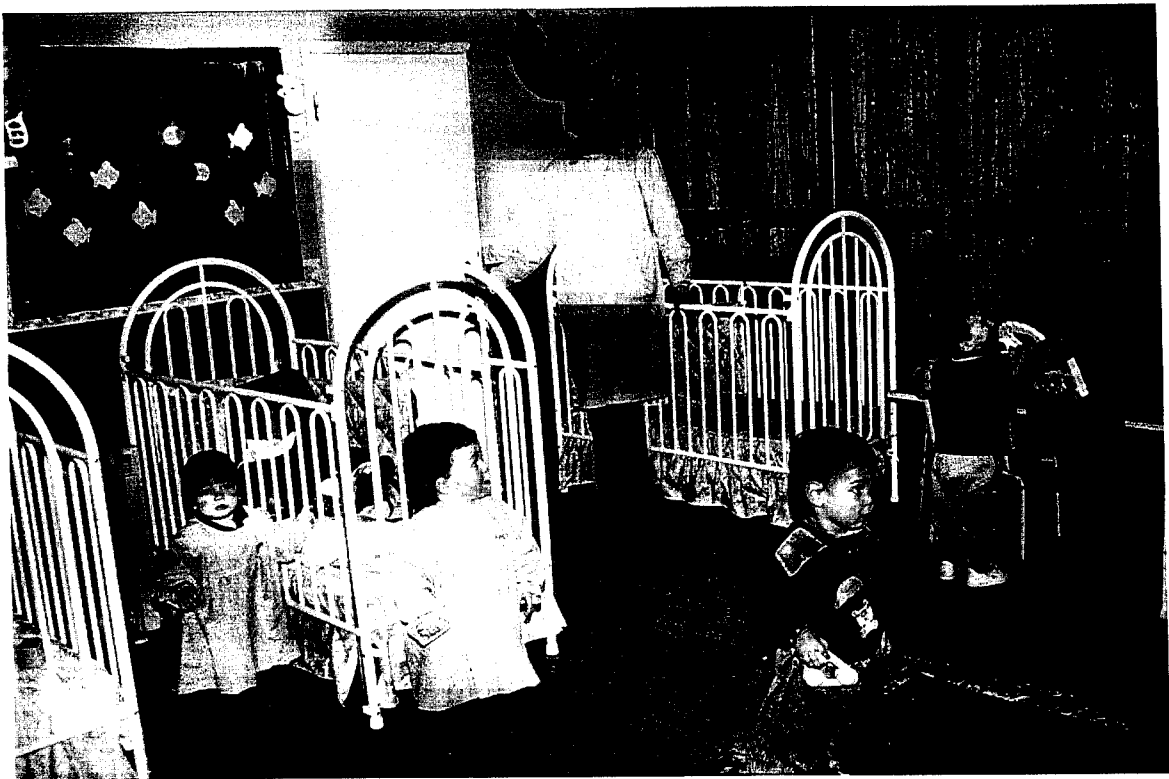
Às 17h00 - Procissão com vários andores.

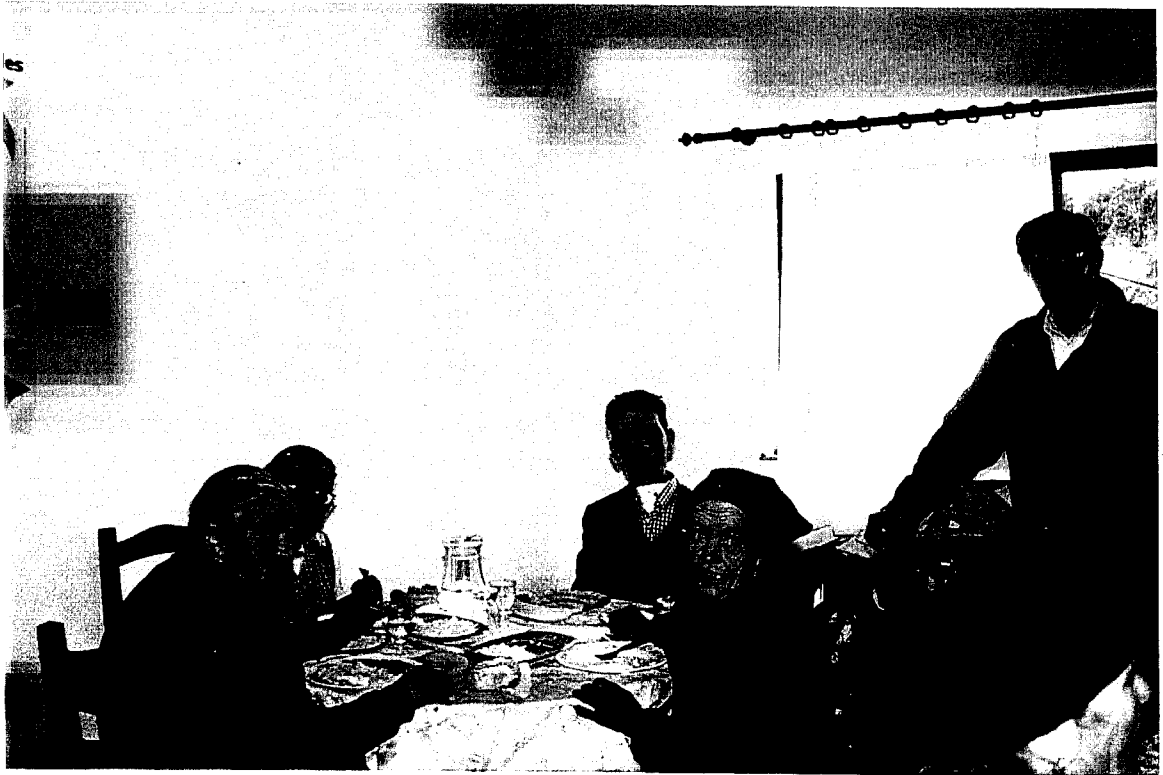
Às 22h00 - Entrada do Conjunto

"OMINI'S".



FOTOS DO CENTRO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL DE VALDOSENDE





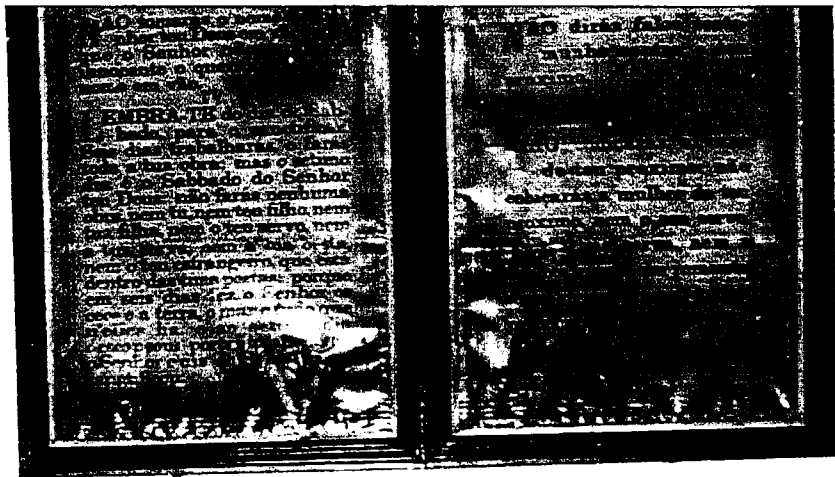
**FOTO DO P. ANTÓNIO FIRMINO LOUREIRO FIGUEIREDO (Entrevistado
pelo Jornal de Notícias - 24 de Setembro de 1971)**



FOTO DE ABEL LOPES E ARMINDA LOPES EM MALANGE



FOTO DE ABEL LOPES E OUTROS PASTORES NA IGREJA DO MIRANTE



BIBLIOGRAFIA

- ASPEY, Albert – *Por este caminho: origem e progresso do Metodismo em Portugal no século XIX- umas páginas da história da procura da liberdade religiosa*. Porto, Sínodo da I.E.M.P., 1971.
- BARRETO, António e PRETO, Clara Valadas – *Portugal 1960/1995: Indicadores Sociais*. Lisboa, Cadernos do Público, 1996.
- BARROS, Jorge - *Apresentação dos Principais Acontecimentos da Vida e Obra de J. Wesley e do Início do Metodismo* (texto policopiado), 1999.
- Id., *Estruturas Doutrina e Eficácia na Igreja Metodista* (texto policopiado), 1999.
- CARDOSO, Manuel Pedro – *Por Vilas e Cidades: notas para a história do Protestantismo em Portugal*. Lisboa, Seminário Evangélico de Teologia, 1998.
- CARDOSO, Manuel Pedro, et al. – *Uma Caminhada Ecuménica*. Figueira da Foz, Ed. Conselho Português de Igrejas Cristãs, 1996.
- COSTA, Américo – *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*. Porto, Livraria Civilização, vol. III, 1932.
- COSTA, Maria – *Retrato de uma Minoria Religiosa em Portugal*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1997.
- CRUZ, Manuel Braga da – *O Estado Novo e a Igreja Católica*. Lisboa, Editorial Bizâncio, 1999.
- DIAS, Jorge – *Vilarinho da Furna*. Lisboa, Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1983.
- ESTEVES, António Joaquim – *Religião popular: formas e limites de seu poder constituinte*. Porto, Barbosa & Xavier, 1977.

FERREIRA, António Matos - «Catolicismo», in *Dicionário de História de Portugal*. Porto, Livraria Figueirinhas, Vol VII, pp. 257-269.

GUICHARD, François – *Le protestantisme au Portugal*. Paris, Arquivos do Centro Cultural Português, 1990.

Id., «Signification du protestantisme portugais», in *L'Etoile du Matin - Pro Hispania*, 73^o année, n^o 221, Avril-Juin, 1981.

Id. , «Mieux connaître les protestants portugais», in *L'Etoile du Matin – Pro Hispania*, n^o 293, 2^o trimestre de 1999.

GINZBURG, Carlo, et.al. – *A Micro-História e outros ensaios*. Lisboa, Difusão ed., pp.170-78.

HENDERSON, Lawrence – *A Igreja em Angola*. Lisboa, Combonianos, 1990, pp. 206-207.

LOFF, Manuel – «Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta de Investigação do Ultramar na Construção do Assimilacionismo Colonial Salazarista», comunicação apresentada in *VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Porto, 5 a 9 de Setembro de 2000 (inédito).

MARQUES, João Francisco, et al. – «Para a História do Protestantismo em Portugal» in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2^a série, n^o 12, 1995, pp. 431- 75.

Id., «Reacção da maioria católica face à minoria protestante em Portugal» in *Gaia de há Cem anos- Colóquio Comemorativo do Centenário da Igreja do Torne*. Vila Nova de Gaia, 1995, pp.159-68.

MÓNICA, Maria Filomena – *Os Costumes em Portugal*. Lisboa, Cadernos do Público, 1996.

MOREIRA, Eduardo - «Notas Históricas sobre a origem das igrejas evangélicas em Portugal», in *Revista de História*, n^o 6, pp.114-21.

Id., *Vidas Convergentes*. Lisboa, Ed. Papelaria Fernandes, 1958.

OLIVEIRA, Lopes de – *Terras de Bouro e o seu Concelho*. Braga, ed. Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1971.

PEREIRA, Nuno Teotónio - «Vigília da Capela do Rato», in *Dicionário do Estado Novo*. Dir. Fernando Rosas e Brandão de Brito, Círculo de Leitores, 1996, pp. 1008-1010.

REIS, António - «A abertura falhada de Caetano: o impasse e a agonia do regime», in *Portugal Contemporâneo*. Lisboa, publ. Alfa, vol. V, 1989, pp.45-60.

REZOLA, Maria Inácia - « Católicos Progressistas», in *Dicionário do Estado Novo*. dir. Fernando Rosas e Brandão de Brito, vol. I, Círculo de Leitores, 1996, pp.137-139.

SANTOS, Luís Aguiar - «A Pluralidade religiosa: correntes cristãs e não cristãs no universo religioso português», in *História Religiosa de Portugal*, vol. 3. Lisboa, Círculo de Leitores (no prelo).

Id., «Protestantismo», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores (no prelo).

RAPOSO, Benito González – *O Protestantismo en Galicia, Unha historia centenaria esquecida*.Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 1999.

SILVA, Augusto Santos – *Tempos cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular*. Porto, Ed. Afrontamento, 1994.

SILVA, Domingos M. da – *Entre Homem e Cávado em Meados do Século XVIII*. Braga, Gráfica Cruz, 1985.

VILAÇA, Helena - «Woman, Family and Rural Community – Sociabilities in a Gerês Moutains Village», in *13th European Congress for Rural Sociology*, Braga, 1986.

Constituição e Disciplina da Igreja Metodista, Porto, ed. Sínodo da I.E.M.P., 1996.

O Caso de Valdosende, separata das edições Cenáculo, Braga, 1972.

The Churches in Portugal, the pathway to the future, Geneva, World Council of Churches, 1984.

FONTES MANUSCRITAS

Actas da Comissão Executiva do Sínodo da Igreja Evangélica Metodista

Assento de Baptismos da Igreja Evangélica Metodista de Valdosende

Assento de Matrimónios da Igreja Evangélica Metodista de Valdosende

Livro de Estatística da Igreja Evangélica Metodista de Valdosende

Registo de Membros em Plena Comunhão da Igreja Evangélica Metodista de Valdosende

Manuscritos vários de Abel Lopes, Arminda Rosa Neves Gonçalves Lopes e Jorge Barros.

FONTES IMPRESSAS

Actualidades, 26 de Dezembro de 1970.

Diário do Minho, 8 de Janeiro de 1971.

Jornal de Notícias, 24 de Outubro de 1971, 28 de Janeiro de 1975, 9 de Fevereiro de 1975 e 3 de Outubro de 1999.

Vida Mundial, 26 de Novembro de 1971.

A voz do Minho, 12 de Fevereiro de 1972.

Correio do Minho, 30 de Junho de 1974 e 29 de Janeiro de 1975.

Portugal Evangélico, Nov.-Jan.1971-1998.

Terre Nouvelle, Setembro de 1982.

Now, Abril de 1985.

Expositor Cristão, 1988.

Contact, nº 59, Junho de 1990

Fraternizar, Ag.-Set. 1991

Visão, 13-19 de Maio de 1993.

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa do concelho de Terras de Bouro, distrito de Braga, Portugalpag. 11/12

Mapa da freguesia de Valdosende, concelho de Terras de Bouro, distrito de Braga,
Portugal.....pag. 12/13

Planta da freguesia de Valdosende.....pag.16/17

ÍNDICE DE QUADROS

- Quadro I- N° médio de frequentadores do culto dominical metodista de 1972 a 1980.....pag.78
- Quadro II- N° médio de frequentadores do culto dominical metodista de 1981 a 1990.....pag. 79
- Quadro III- N° médio de frequentadores do culto dominical metodista de 1991 a 1998.....pag. 79
- Quadro IV- N° de Baptismos da comunidade metodista de Valdosende de 1971 a 1998.....pag.84/85
- Quadro V- N° de Casamentos da comunidade metodista de Valdosende de 1971 a 1998.....pag. 89/90
- Quadro VI- N° de Profissões de Fé na igreja metodista de Valdosende de 1971 a 1998.....pag 96
- Quadro VII- Distribuição etária das pessoas que fizeram a profissão de fé metodista de 1971 a 1980.....pag. 99
- Quadro VIII- Distribuição etária das pessoas que fizeram a profissão de fé metodista de 1971 a 1990.....pag. 101
- Quadro IX- Distribuição etária das pessoas que fizeram a profissão de fé metodista de 1990 a 1998.....pag. 104
- Quadro X- Média de idades nas diferentes cerimónias de profissão de fé.....pag. 105/106

ÍNDICE DE GRÁFICOS

- Gráfico I- Distribuição da população de Valdosende por graus de ensino (I.N.E. 1991).....pag.69
- Gráfico II- População residente na freguesia de St^a Marinha de Valdosende de 1960 a 1991 (I.N.E.).....pag.80
- Gráfico III- Frequência dos cultos dominicais de 1972 a 1998.....pag.81
- Gráfico IV- Religião na freguesia de St^a Marinha de Valdosende (Censos de 1981).....pag.82
- GráficoV- N^o de Baptismos na comunidade metodista de Valdosende de 1971 a 1998.....pag. 85
- Gráfico VI- Média de idades do pai aquando do baptismo dos respectivos filhos (anos 70, anos 80 e anos 90).....pag.87
- Gráfico VII- Média de idades da mãe aquando do baptismo dos respectivos filhos (anos 70, anos 80 e anos 90).....pag. 88
- Gráfico VIII- N^o de Casamentos da comunidade metodista de Valdosende de 1971 a 1998.....pag. 90
- Gráfico IX- Naturalidade dos consortes (casamentos realizados de 1971 a 1998).....pag. 91
- Gráfico X- Média de idades de casamento para o sexo feminino e para o sexo masculino (anos 70, anos 80 e anos 90).....pag. 92

Gráfico XI- Nº de Casamentos da comunidade metodista de Valdosende de 1971 a 1980.....	pag. 93
Gráfico XII- Nº de Casamentos da comunidade metodista de Valdosende de 1981 a 1990.....	pag. 93
Gráfico XIII- Nº de Casamentos da comunidade metodista de Valdosende de 1991 a 1998.....	pag. 94
Gráfico XIV- Profissões de Fé desde 1971 a 1998.....	pag. 97
Gráfico XV- Distribuição etária dos que fizeram a profissão de fé até 1980.....	pag. 100
Gráfico XVI- Distribuição etária dos que fizeram a profissão de fé até 1990.....	pag. 102
Gráfico XVII- Distribuição etária dos que fizeram a profissão de fé até 1998.....	pag. 104
Gráfico XVIII- Membros admitidos na igreja metodista de Valdosende (anos 70, anos 80 e anos 90).....	pag. 105
Gráfico XIX- Média de idades nas diferentes cerimónias de Profissão de Fé.....	pag. 106
Gráfico XX- Desistências de membros da igreja evangélica metodista de Valdosende.....	pag. 107
Gráfico XXI- Membros da igreja evangélica metodista que se ausentaram da aldeia.....	pag. 107

ÍNDICE GERAL

Nota Prévia.....	pag. 1
Introdução.....	pag.2
Cap.I- Cisão religiosa numa paróquia do Minho.....	pag.17
Cap. II- Implantação da Igreja Evangélica Metodista.....	pag. 33
Cap III- Três décadas de dinâmica pastoral e social da comunidade metodista de Valdosende.....	pag. 47
III.I- Pioneiros.....	pag. 47
III.II- Continuadores.....	pag. 57
III.III- Intervenção Social.....	pag. 61
Cap. IV- Actuação religiosa da Igreja Evangélica Metodista de Valdosende.....	pag.76
IV.I- Frequência aos cultos dominicais.....	pag.78
IV.II- Baptismos.....	pag.84
IV.III- Matrimónios.....	pag.89
IV.IV- Profissões de Fé.....	pag.96
IV.V- Balanço da actuação religiosa.....	pag.110
Conclusão.....	pag. 113

Apêndice Documental.....	pag.126
.Cronologia da cisão religiosa em Stª Marinha de Valdosende.....	pag. 127 a 133
.Acta nº 152 da Comissão Executiva do Sínodo da Igreja evangélica Metodista Portuguesa.....	pag.134/135
.1º Assento de Baptismo da igreja metodista de Valdosende.....	pag. 135/136
.1º Assento de Matrimónio da igreja metodista de Valdosende.....	pag. 136/137
.Páginas iniciais do livro de registo de membros em plena comunhão da igreja metodista de Valdosende.....	pag.137/138
.Páginas iniciais do livro de estatística da igreja metodista de Valdosende.....	pag.138/139
.Carta da Nunciatura Apostólica relativa à entrega de uma missiva dos populares de Assento na respectiva Nunciatura.....	pag.139/140
.Carta do Patriarcado de Lisboa sobre a existência de uma eventual missiva dos populares de Assento dirigida ao Cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira.....	pag. 140/141
.Foto de um culto ao ar livre, celebrado por Abel Lopes e Albert Aspey (1971).....	pag. 141/142
.Foto do cortejo de oferendas da festa das colheitas (1984).....	pag. 142/143
.Programas das festas de Assento: festa das colheitas e festa de Stª Marinha.....	pag. 143/144
.Fotos do Centro de Solidariedade Social de Valdosende.....	pag. 144/145
.Foto do Padre António Firmino Figueiredo.....	pag. 145/146
.Foto de Abel Lopes e Arminda Lopes em Malange.....	pag. 146/147
.Foto de Abel Lopes e outros pastores na Igreja do Mirante (Porto).....	pag. 147/148
 Bibliografia.....	 pag.148
 Fontes Manuscritas.....	 pag.152
 Fontes Impressas.....	 pag.153

Índice de Mapas.....	pag. 154
Índice de Quadros.....	pag. 155
Índice de Gráficos.....	pag. 156
Índice Geral.....	pag. 158